



**BÁRBARA GARCIA RIBEIRO SOARES DA SILVA**

**A FUNÇÃO SOCIAL DA AMIZADE DURADOURA NA  
SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: UM ESTUDO COM JOVENS  
ADULTOS MORADORES DA METRÓPOLE PAULISTANA**

**CAMPINAS  
2014**





UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Bárbara Garcia Ribeiro Soares da Silva

**A função social da amizade duradoura na sociedade contemporânea: um estudo com jovens adultos moradores da metrópole paulistana**

Orientadora: Dra. Gilda Figueiredo Portugal Gouvêa

Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, para a obtenção do título de doutora em Sociologia

Este exemplar corresponde à versão final da tese de Bárbara Garcia Ribeiro Soares da Silva, orientada pela Profa. Dra. Gilda Figueiredo Portugal Gouvêa.

CAMPINAS  
2014

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas  
Cecília Maria Jorge Nicolau - CRB 8/338

R354f Ribeiro, Bárbara, 1982-  
A função social da amizade duradoura na sociedade contemporânea : um estudo com jovens adultos moradores da metrópole paulistana / Bárbara Garcia Ribeiro Soares da Silva. – Campinas, SP : [s.n.], 2014.

Orientador: Gilda Figueiredo Portugal Gouvêa.  
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Amizade. 2. Internet. 3. Telefone celular. 4. Sociabilidade. I. Gouvêa, Gilda Figueiredo Portugal, 1944-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Título em outro idioma:** The social function of lasting friendship in contemporary society : a study with young adults inhabitants of paulistana' metropolis

**Palavras-chave em inglês:**

Friendship

Internet

Mobile telephone

Sociability

**Área de concentração:** Sociologia

**Titulação:** Doutora em Sociologia

**Banca examinadora:**

Gilda Figueiredo Portugal Gouvêa [Orientador]

Fernando Antonio Lourenço

Josué Pereira da Silva

Sedi Hirano

Mário Antônio Eufrásio

**Data de defesa:** 20-03-2014

**Programa de Pós-Graduação:** Sociologia



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Tese de Doutorado, em sessão pública realizada em 20 de março de 2014, considerou a candidata BÁRBARA GARCIA RIBEIRO SOARES DA SILVA aprovada.

Este exemplar corresponde à redação final da Tese defendida e aprovada pela Comissão Julgadora.

Profa. Dra. Gilda Figueiredo Portugal Gouvêa

Prof. Dr. Fernando Antonio Lourenço

Prof. Dr. Josué Pereira da Silva

Prof. Dr. Sedi Hirano

Prof. Dr. Mário Antônio Eufrásio



## **Resumo**

Saltam aos olhos a mudança que a amizade e as formas de interação social que a envolvem sofreram ao longo do tempo. Considerando-se a sociedade contemporânea, nota-se que a amizade é influenciada pelas novas tecnologias, como o telefone celular e a Internet, e suas ferramentas (correio eletrônico, redes sociais e programas de mensagens instantâneas). O estudo apresentado nesta tese busca trazer uma abordagem sociológica sobre tal tema, pois a amizade representa um campo relativamente novo de pesquisa na Sociologia. Nesse contexto, é fundamental que se compreendam os impactos das novas tecnologias da informação sobre as relações de amizade, e a função social da amizade na sociedade atual. Devido à importância de se considerar não só as consequências previstas e manifestadas pelo indivíduo, mas também aquelas não expressas, tomou-se como referencial teórico para o estudo da função social da amizade na sociedade contemporânea os conceitos de "função social manifesta" e "função social latente", pensados pelo sociólogo norte-americano Robert K. Merton. Tais funções sociais da amizade na sociedade contemporânea foram investigadas com base em 37 entrevistas, realizadas com homens e mulheres jovens adultos, moradores da metrópole paulistana, sendo a maioria natural da cidade de São Paulo. Também se buscou compreender as principais formas de manutenção social da amizade duradoura, para analisar a importância, ou não, do encontro presencial para a sua conservação.

**Palavras-chave:** amizade, Internet, telefone celular, sociabilidade.



## **Abstract**

It is evident the change that friendship and the forms of social interaction that involve this type of social relationship suffered beyond the time. And, considering contemporary society, the friendship is influenced by new technologies, as mobile telephone, Internet, and its products (email, social networks and instant messenger programs). The study presented in this thesis aims to show a sociological approach about this theme, as friendship represents a relatively new field of research in Sociology. In this context, it is very important to understand the impacts of new technologies on friendship relations, and the social function of friendship in this society. It is important considering not only the manifested consequences but also the unpredictable of social function by the person. That's why we took as the theoretical reference for the study of social function of friendship in contemporary society the concepts of "manifest functions" and "latent functions" of the American sociologist Robert K. Merton. These social functions of friendship in contemporary society were investigated with 37 interviews, done with young adults, men and women, citizens of paulistana' metropolis, most of them born in São Paulo. Also it was aimed to understood the principal forms of social maintenance of lasting friendship to analyze the importance, or not, of the existence of the physical encounter to its maintenance.

**Keywords:** friendship, Internet, mobile telephone, sociability



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1 - O OBJETO DE ESTUDO SOCIOLÓGICO: A FUNÇÃO SOCIAL DA AMIZADE NA CONTEMPORANEIDADE.....	7
1.1. O PAPEL SOCIAL DA AMIZADE DA ÉPOCA CLÁSSICA À CONTEMPORANEIDADE.....	7
1.2. O FUNCIONALISMO E A ABORDAGEM DA FUNÇÃO SOCIAL DA AMIZADE .....	21
CAPÍTULO 2 - OS IMPACTOS DO USO DA INTERNET E DO TELEFONE CELULAR NA VIDA SOCIAL .....	29
2.1. AS PRINCIPAIS TRANSFORMAÇÕES SÓCIO-CULTURAIS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA .....	29
2.2. O AVANÇO DA INTERNET E DA "COMUNICAÇÃO ELETRÔNICA" NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA.....	36
2.3. O TELEFONE CELULAR E A MOBILIDADE COMUNICACIONAL .....	42
CAPÍTULO 3 - SUPORTE METODOLÓGICO .....	51
3.1. INTRODUÇÃO À ABORDAGEM METODOLÓGICA NAS PESQUISAS SOBRE A AMIZADE.....	51
3.2. DESCRIÇÃO DO SUPORTE METODOLÓGICO UTILIZADO .....	53
CAPÍTULO 4 - INTERPRETAÇÕES SOBRE A AMIZADE A PARTIR DE UMA PESQUISA DE CAMPO NA METRÓPOLE PAULISTANA.....	61
4.1. A AMIZADE DURADOURA E SUA MANUTENÇÃO .....	62
4.2. AS FUNÇÕES DA AMIZADE DURADOURA NA SOCIEDADE PAULISTANA E CONTEMPORÂNEA .....	95
4.3. OUTRAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A PESQUISA DE CAMPO.....	101
CONCLUSÃO.....	115
BIBLIOGRAFIA .....	127

ANEXOS..... 133

## **Dedicatória**

*Para minhas amigas duradouras de ontem - Lilian, Jenifer, Mariana,  
Nayara, Renata, Marina, Bianca, Priscilla, Helena e Luciana - e de hoje - Tatiana, Sara,  
Carla e Edna!*



## **Agradecimentos**

Embora escrever uma tese de doutorado seja um trabalho intelectual individual, há pessoas que foram fundamentais para sua conclusão. Este espaço é dedicado a elas.

Em primeiro lugar, quero agradecer aos meus pais, Cida e Jayr, por terem sempre investido em uma boa educação para mim e para meus irmãos, e também por valorizarem nossas escolhas profissionais, não importando as dificuldades encontradas no meio do caminho. Eles sempre estiveram prontos para auxiliar com amor, carinho e palavras de incentivo. Muito obrigada, mãe e pai!

Também quero agradecer a meus irmãos, Cássio e Mariana, porque de uma forma ou de outra sempre deram um apoio, seja lendo, corrigindo ou dando opiniões sobre o meu trabalho e artigos relacionados à tese. Também pelas conversas, pelo amor e pela torcida habitual.

A meu marido, Leandro, agradeço por seu amor, apoio, paciência e incentivo! Também por tornar este período de realização e conclusão da tese sempre mais leve.

Agradeço com carinho ao meu Joca, que foi sempre meu companheiro nas horas de escrita da tese!

Há outras pessoas da família que sempre me incentivaram e auxiliaram do modo que puderam ao longo deste trabalho: Talita, minha cunhada, sempre pronta a ajudar com o que eu precisasse e a destacar a importância da minha pesquisa por sua inovação. Isso é sempre um grande incentivo! Ao meu cunhado, Serjão, por suas caronas até Campinas em momentos de urgência e por seu carinho com esta pesquisa, sempre se mostrando interessado em relação ao trabalho. E à Letícia, minha prima, com sua ajuda inestimável. Quero, então, deixar aqui meus sinceros agradecimentos.

À minha orientadora, profa. Dra. Gilda Figueiredo Portugal Gouvêa, pelo carinho, pela paciência e pela dedicação, muito obrigada!

À prof. Dra. Elide Rugai Bastos e ao prof. Dr. Silvio César Camargo, pelas críticas e sugestões durante o exame de qualificação, as quais contribuíram sobremaneira para a evolução desta tese.

Ao prof. Dr. Mario Eufrásio, por ter aceitado participar da banca da minha defesa de doutorado, pelas valiosas contribuições na construção de meu projeto de pesquisa e pelas muitas aulas dadas sobre Sociologia Urbana e Escola de Chicago, não só no curso que fiz durante a graduação, mas nos horários de atendimento e nos seminários de Sociologia Urbana do Ceru - USP. Sua paciência e dedicação aos alunos da FFLCH-USP com certeza contribuíram demasiadamente para a educação de muitos jovens, como eu!

Ao professor Dr. Sedi Hirano, por ter aceitado participar da banca da minha defesa de doutorado e por seu incentivo para que eu estudasse a amizade desde a época da finalização da pesquisa de mestrado. Também por suas valiosas contribuições durante minha trajetória de estudante de mestrado e doutorado. Muito obrigada, professor Sedi!

Ao prof. Dr. Josué Pereira da Silva e ao prof. Dr. Fernando A. Lourenço, por também terem aceitado o convite para participarem da banca de defesa de minha tese de doutorado. Assim como à profa. Dra. Isabela Oliveira e aos professores. Dr. Antonio Carlos Dias Junior e Dr. Thomas P. Dwyer, por aceitarem fazer parte da banca como professores suplentes.

Ao secretário da pós-graduação de Sociologia, Daniel Cardoso, pela ajuda e orientação com o agendamento da defesa e outras questões relacionadas a auxílio para participação em congressos. Aos bibliotecários e funcionários das bibliotecas da Unicamp e da USP, que me auxiliaram a encontrar o material bibliográfico necessário e disponível para a execução deste estudo.

Aos entrevistados e entrevistadas que tornaram possível a realização desta tese, ao doarem seu tempo para refletir sobre a amizade. Muito obrigada!

Às queridas Lilian, Jenifer, Mariana, Nayara, Renata Pinhão, Marina, Renata Lima, Priscilla, Helena, Bianca, Luciana, Tatiana, Sara, Carla e Edna. Vocês são, com

certeza, grandes amigas e me inspiraram de alguma forma para a realização desta pesquisa. Obrigada pelo apoio, por sempre me incentivarem a concluir este trabalho e por torcerem por mim!

Agradeço ainda àqueles que, por mais singela que tenha sido a contribuição, fizeram parte dessa trajetória e permitiram a conclusão das entrevistas ou mesmo que a realização deste trabalho se desse com mais serenidade e tranquilidade. Gostaria de citar aqui algumas dessas pessoas presentes no dia a dia de um passado já distante, como as professoras Dra. Sandra Gemma e Dra. Marta Fuentes, da FCA - Unicamp, por sua amizade, pelos almoços em Limeira e por seu carinho e inspiração para que eu terminasse este trabalho acadêmico. Também quero agradecer à minha instrutora de Yôga, Flavinha, que me mostrou a importância dessa prática para que eu trabalhasse de forma mais concentrada e equilibrada. E, por fim, agradeço aos colegas de curso do IFCH - Unicamp (Paola, Fernanda Xavier, Mariana, Gisele, Carol, Roberto, Lidiane, Livia e Fernanda); aos de trabalho na Escola Sólon Borges dos Reis (Edna, Marjorie, Neide, Sueli e Cidinha) e aos do Colégio Portal do Engenho (Tatiana e Renata).



## INTRODUÇÃO

Uma série de questões importantes envolve o tema da amizade no mundo contemporâneo: Como as relações de amizade são afetadas pelas novas formas de comunicação? Será que as relações de amizade foram modificadas pelas novas tecnologias? Como se estabelecem e se fixam as relações de amizade? (Como são mantidas as relações de amizade?) E qual é o papel social da amizade na sociedade contemporânea?

O papel da amizade, por exemplo, varia de tempos em tempos e de sociedade para sociedade, e foi abordado por alguns autores, embora não tenha sido estudado sistematicamente por alguns deles. Da sociedade grega, na qual havia a pederastia, à sociedade romana, em que se torna a "amizade íntima", chegando à sociedade moderna sendo considerada uma relação entre iguais, podendo ser vista como uma "comunidade de espírito" e, por fim, na sociedade contemporânea passa a ser caracterizada a partir dos encontros sucessivos que acontecem entre os indivíduos.

Na sociedade alemã existente na época do regime totalitário nazista e estudada por Hannah Arendt, por exemplo, o papel da amizade era auxiliar a manter o outro vivo, caso esse outro fosse considerado um "inimigo objetivo"<sup>1</sup> do regime totalitário (AGUIAR, 2011). Com isso, a amizade poderia desenvolver o papel de manter vivo o "mundo comum" dos indivíduos, ou seja, o que os aproximava sem que estes perdessem suas capacidades humanas, como pensar e agir. É esse "mundo comum" que os amparava e os tornava seres humanos importantes, pelo simples fato de trazerem uma lembrança.

Já na sociedade inglesa estudada na década de 1980, o papel da amizade é dar suporte à formação da identidade social dos indivíduos, facilitando a validação da individualidade (ALLAN, 2001). Graham Allan aponta ainda o papel da amizade como auxiliar na compreensão do "lugar ocupado no mundo" pelas pessoas, já que isso não está mais baseado na localidade.

---

<sup>1</sup> O "inimigo objetivo" corresponde à parte da população enviada aos campos de concentração, como os judeus, os ciganos e os doentes.

Na sociedade italiana moderna, estudada por Alberoni (1993), o papel da amizade é a troca de amor. O autor entende que, apesar da edificação de "organizações impessoais justas" na modernidade, o que permanece de importante nessas relações interpessoais é a necessidade de troca de amor entre as pessoas.

Para ele, a amizade é caracterizada por encontros sucessivos na vida dos indivíduos envolvidos nessa relação interpessoal, inclusive são esses encontros os responsáveis pela manutenção das amizades, mesmo que ocorram ocasionalmente. Na sociedade contemporânea, o pesquisador italiano observou que a amizade estaria relacionada à necessidade de encontrar-se com o outro com o intuito de produzir um melhor autoconhecimento (ALBERONI, 1993).

No entanto, apesar de ter estudado a sociedade contemporânea, Alberoni não abordou os impactos das novas formas de comunicação criadas a partir das tecnologias recentes nas relações de amizade, sendo justamente esse um dos objetivos desta tese.

Considera-se, aqui, a influência do fator temporal (e espacial) nas relações de amizade, feita por Alberoni (1993), que caracterizou a amizade como um encontro e também como um "acontecimento descontínuo, um grânulo de tempo". Isso porque o fator tempo de duração de uma amizade bem como o fator espacial são fortemente afetados pelas novas formas de comunicação. Além das abordagens de Alberoni e de Allan (2001), segundo a qual os grupos de amizade já não são mais influenciados pela localidade, buscou-se entender os elementos característicos da amizade dita duradoura.

Entendemos por amizade duradoura as relações sociais coletivas que transcorrem num tempo maior e se mantêm na vida dos indivíduos apesar das mudanças ocorridas ao longo de suas existências<sup>2</sup>. Sejam mudanças de ordem geográfica e temporal, sejam escolhas pessoais. São amizades geralmente construídas por meio de afinidade, afeto, confiança, intimidade, admiração, entre outros aspectos. Tais amizades diferenciam-se das

---

<sup>2</sup> Como nosso campo de pesquisa atingiu indivíduos de 24 a 40 anos, esse percurso de tempo deve ser levado em conta.

demais relações sociais comumente estabelecidas entre as pessoas e que são nomeadas como "colegas", "conhecidos", "colegas de trabalho" e "amigos de trabalho".

Mas seriam mesmo tão fundamentais os encontros presenciais nas relações de amizade? Ou haveria outros fatores envolvidos em seu estabelecimento e na sua manutenção enquanto relação social? Ou ainda, será que a amizade se mantém apenas por meio de encontros presenciais? Que tipo de influência as novas formas de comunicação exercem nas amizades duradouras?

Com isso, introduzimos duas categorias de análise relacionadas a estas questões: meios de comunicação usados nas amizades duradouras e a importância do encontro presencial nas amizades duradouras.

Para responder às questões principais da tese, foi realizada uma pesquisa qualitativa com 37 pessoas entre 24 e 40 anos.

Outro interesse da pesquisa é compreender como se dá a vivência das relações de amizade numa grande cidade. A categoria de análise é a sociabilidade na metrópole (paulistana), pois se entende que nesse tipo de ambiente social é comum haver a necessidade de se marcar encontros presenciais, o que também pode auxiliar a compreender a importância ou não do encontro presencial no estabelecimento das relações de amizade.

Assim, a grande cidade é marcada pelo anonimato e pela atitude blasé estudada por Georg Simmel (2005). Nela, é bastante comum que os vizinhos não se conheçam ou que mantenham poucas relações sociais entre si. Além disso, numa grande cidade os amigos moram em lugares diferentes e para se verem precisam "programar encontrar-se" (ALBERONI, 1993).

A revisão da literatura empreendida sobre o papel social da amizade em diferentes tempos e sociedades mostrou que havia elementos importantes a se investigar para buscar compreender o seu papel na sociedade contemporânea, tais como o afeto, a afinidade e a confiança. Assim, outra categoria de análise que pode ser elucidada são os elementos característicos da amizade duradoura.

No entanto, a compreensão desses elementos característicos da amizade não consistiria em seu papel social e, sim, corresponderia a uma pista importante para a análise do mesmo. Assim, é fundamental que se investigue a importância da manutenção da amizade na vida das pessoas, isto é, como isso influi no processo de socialização dos indivíduos. Com isso, poderia se partir para a investigação das suas funções.

Posto isso, pode-se dizer que o principal objetivo desta tese é entender o papel social da amizade na sociedade contemporânea. A categoria de análise que corresponderá à busca da compreensão desse objetivo é a função ou as funções da amizade duradoura na sociedade paulistana.

Nesse sentido, insere-se aqui a preocupação expressa por Wright Mills em sua obra *Imaginação Sociológica*, apresentada por Gabriel Cohn (2013), quando afirma: "(...) história e biografia são inseparáveis, num sentido muito forte. Não se trata somente de apontar relações entre elas, mas chega-se a identificar uma relação específica, que é sua intersecção num campo também específico, a estrutura social" (COHN, 2013, p. 14).

Portanto, já que a biografia e a estrutura social estão interligadas, pretende-se estudar a história da amizade dos entrevistados, através de suas biografias, para compreender o papel social da amizade nesta "nova" estrutura social, marcada pela influência das novas tecnologias de comunicação na sociabilidade e nas relações interpessoais dos indivíduos.

Mas objetiva-se ir além dos processos de socialização dos(as) entrevistados(as), o que será possível seguindo-se as relações entre história e biografia dos mesmos: "Na realidade, abre-se o caminho para ultrapassar o problema do contraste entre estrutura e agência, ao se reservar à estrutura social a condição de cenário no qual se projetam as relações entre história e biografia" (COHN, 2013, p. 14).

Assim, nesta pesquisa será estudada a história da amizade e a história das novas tecnologias, o que auxiliará na compreensão da estrutura social da sociedade contemporânea, enfatizando-se, portanto, o campo das relações interpessoais de amizade.

A tese está estruturada em duas partes, sendo os dois primeiros capítulos teóricos e os demais dedicados à pesquisa de campo, nos quais se incluem tanto o suporte metodológico quanto a descrição do campo e ainda a análise dos principais resultados.

Com relação ao primeiro capítulo, nele será introduzida a forma como o papel social da amizade foi observado em diferentes sociedades ao longo dos tempos. Nesse primeiro capítulo também se desenvolverá uma discussão sobre o funcionalismo, corrente sociológica que mais se dedicou ao tema e, com base na literatura encontrada, será exposto o conceito de função social que tomamos como referencial teórico, que auxiliará a delimitar a definição de função social da amizade aqui adotada.

Já o segundo capítulo versará sobre as transformações encontradas na sociedade contemporânea, principalmente em decorrência da influência das novas tecnologias. Para isso, uma discussão será realizada com base em autores que abordam o tema na Sociologia. Esse capítulo está subdividido em três partes. Na primeira, buscar-se-á analisar as principais transformações sociais e culturais do uso das novas tecnologias na vida em sociedade. Na segunda, apresentaremos alguns dos efeitos do uso da "comunicação eletrônica" para a vida social e a sociabilidade na sociedade contemporânea. E na última parte, há também uma discussão sobre o papel do telefone celular, utilizando alguns autores que o analisam e, sobretudo, discutem a mobilidade permitida por meio de seu uso aos indivíduos contemporâneos.

Conforme mencionado, a segunda parte da tese será dedicada à pesquisa de campo, no que diz respeito tanto ao esclarecimento do suporte metodológico utilizado na realização da pesquisa quanto aos resultados obtidos, incluindo não só a sua descrição, em que se incluirão informações sobre as características gerais dos(as) entrevistados(as) e sobre os locais e as condições da realização das entrevistas, bem como a análise da pesquisa de campo.

Por fim, serão apresentadas as conclusões do estudo no que diz respeito aos papéis sociais da amizade duradoura na sociedade contemporânea e às perguntas que merecem novas investigações.



# CAPÍTULO 1 - O OBJETO DE ESTUDO SOCIOLÓGICO: A FUNÇÃO SOCIAL DA AMIZADE NA CONTEMPORANEIDADE

## 1.1. O PAPEL SOCIAL DA AMIZADE DA ÉPOCA CLÁSSICA À CONTEMPORANEIDADE

A amizade e a solidariedade entre os seres humanos sempre existiu? Paleontologistas têm pesquisado o assunto e em descobertas recentes a partir do exame de esqueletos dos ancestrais de seres humanos chegaram a importantes conclusões de quando teriam surgido os sentimentos de solidariedade<sup>3</sup>. Um dos exemplos citados de solidariedade desses ancestrais foi o caso de um esqueleto encontrado no Vietnã. A análise do esqueleto desse Neandertal mostrou que ele tinha paralisia nas vértebras do pescoço e vivia deitado, com a cabeça encurvada para um lado, sendo incapaz de ficar sentado. De acordo com os cientistas, esse ancestral viveu por mais de 20 anos sob os cuidados dos outros membros do grupo, que o teriam alimentado e cuidado de sua higiene. Eles também o teriam virado regularmente, impedindo a formação de feridas em seu corpo. Em outras palavras, ele foi amparado por seus contemporâneos.

Já a resposta em relação à amizade parece ser positiva também. Ao longo da História mundial e em diversas sociedades, a amizade representou diferentes papéis. Neste capítulo faremos uma breve revisão da literatura especializada encontrada sobre o tema, começando por Platão.

Na Grécia clássica, somente homens poderiam ter amigos. As mulheres eram desvalorizadas e nem mesmo eram consideradas cidadãs, apenas os homens da elite poderiam ser considerados como tal na *pólis*, ou seja, possuíam cidadania política e civil. A amizade masculina originava-se na relação pedagógica entre um homem adulto e um

---

<sup>3</sup> REINACH, F. Paleontologia da solidariedade. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, dez. 2012. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,paleontologia-da-solidariedade-,975884,0.htm>>. Acesso em: 21 out. 2013.

adolescente, sendo conhecida como pederastia. Essa relação de amizade era permeada de sensualidade, erotismo e afeto. No entanto, o vínculo entre dois homens de faixas etárias distintas não deve ser confundida com uma relação homossexual e, sim, como de tipo "homoerótica", pois poderia dar origem a uma relação de amizade duradoura. O intuito da pederastia era fazer com que o homem adulto ensinasse o adolescente a ser um homem viril, honroso e, sobretudo, um cidadão, para que pudesse exercer sua cidadania, tanto cívica quanto política.

Nesse sentido, o papel da relação de amizade vista entre os homens na Grécia clássica era auxiliar na formação do caráter do cidadão e homem público da *pólis*. Além disso, os autores consultados mostram que a amizade entre homens era de importância para a própria organização política da sociedade grega, bem como para o desenvolvimento da *pólis*.

Platão (2007), em *Lísida*, por exemplo, destaca esse tipo de relação de amizade entre o mestre e homem adulto (Sócrates) e seu discípulo adolescente (Lísida). O autor cita que a busca do conhecimento é um dos aspectos que faz com que os homens queiram fazer amizade uns com os outros. Portanto, esta é uma de suas funções: gerar bem, isto é, permitir a criação de conhecimento através da troca com o outro. O saber adquirido nessa relação faria com que o adolescente se tornasse no futuro um homem público e, portanto, um cidadão da *pólis*.

Havia a compreensão de que a amizade seria possível somente entre indivíduos "dessemelhantes". Para Platão, a amizade recíproca tinha origem na diferença entre os seres humanos, ou seja, somente os opostos seriam amigos.

Entendia-se também que da relação entre o sábio e o ignorante podia ser gerado o afeto. Com isso, para Platão, a amizade grega no período clássico tinha uma segunda função: a troca de afeto entre os envolvidos. "(...) Do mesmo modo, o ignorante apega-se ao sábio e lhe dedica amor" (Platão, 2007, p. 175).

Na república da Grécia clássica, conforme mencionado, somente os homens da elite participavam das decisões políticas da *pólis*. Portanto, as mulheres, os estrangeiros (indivíduos provenientes de outras cidades-estados gregas da época) e os escravos encontravam-se excluídos da vida política, civil ou não. Nesse sentido, observa-se a relevância da formação para a plena realização da participação na cena política do cotidiano da *pólis*, a qual se dava na relação pederástica entre mestres e discípulos nos ginásios e entre os homens nos ringues de lutas e nas ruas.

Platão e muitos filósofos da época ensinavam nas ruas, o que demonstra a importância da rua e do espaço público para os homens que viviam naquele período histórico. A própria concepção da república platônica dava local de destaque aos filósofos e detentores do conhecimento, pois estes seriam os responsáveis pelo poder político. Os gregos, que valorizavam o conhecimento e a Filosofia, desenvolveram o conceito de democracia<sup>4</sup> e também tinham uma cultura política ativa no ambiente público, e não na vida doméstica ou privada.

Nas ruas, nos ginásios e nas praças aprendia-se a ter gosto pela vida republicana e pela discussão política. Portanto, as relações de amizade, originadas da relação pederástica nos ginásios e também vistas entre os homens nas ruas, tinham um papel importante na formação e no desenvolvimento da república das cidades-estados. Alfred Zimmern, historiador da civilização helênica, destacou que os dois elementos básicos da república da Grécia clássica eram o afeto e a amizade.

Na vida cotidiana, a amizade desenvolvia-se e impulsionava o sentido republicano da discussão política, nascida e florescida entre os homens mais próximos. Mesmo os desempregados tinham um momento de valorização nesse tipo de sociedade, pois o tempo livre de que dispunha seria usado para a ampliação de seu conhecimento sobre o mundo e para a reflexão sobre o mesmo. Isso mostra o quanto o espaço público da Grécia clássica era o espaço social da amizade, portanto, do desenvolvimento de sua vida política.

---

<sup>4</sup> O conceito grego de democracia é diferente da sua concepção moderna, pois naquele muitos membros do povo, como mulheres e escravos, eram excluídos.

Na Roma Antiga<sup>5</sup>, por sua vez, a amizade apresentou algumas mudanças se comparada àquela vista entre os gregos da Antiguidade clássica. A palavra que designava o termo "amicitia" correspondia à "troca de serviços puramente prática e compensatória", mas não exprimia as relações de amizade enquanto afeição e compromissos mútuos (KONSTAN, 2005) ou se referia à "amizade íntima".

Portanto, naquela sociedade havia dois tipos de relações tidas como de amizade: a amizade baseada em trocas compensatórias e a "amizade íntima", fundamentada no afeto e no compromisso entre os envolvidos. No entanto, apenas a segunda era considerada de fato a amizade romana, de acordo com estudiosos da amizade do período, como David Konstan (2005) e Richard Saller<sup>6</sup>. Conforme a explicação de Konstan (2005, p. 194), também é possível compreender tal fato:

"Uma vez que a redução de *amicitia* a uma troca de serviços puramente prática e compensatória é abandonada, não há razão *prima facie* para duvidar que os escritores romanos que falam de amizade se refiram a uma relação de afeição e compromisso mútuos, qualquer que seja a posição social dos parceiros".

Desse modo, o papel da amizade representava a troca de amor e afeto entre os envolvidos, e, pelo fato de haver confiança mútua, realizar-se-iam parcerias para a concretização de atividades nas quais, por exemplo, um possuísse mais conhecimento e habilidade do que o outro.

Cícero, filósofo e pensador que tratou da questão da amizade na sociedade romana, explica que o "commodum" ou a troca de vantagens também era bastante comum:

"por que não somos capazes de fazer todas as coisas por nós mesmos: esta pessoa é mais útil em uma atividade, aquela em outra. Daí que as amizades são adquiridas de modo que uma vantagem comum [*commodum*] possa ser conseguida pelos serviços mútuos" (CÍCERO, 1913, *apud* KONSTAN, 2005, p. 184).

---

<sup>5</sup> O Império Romano durou do século I ao IV d.C. e teve sob sua autoridade política regiões incluíram a Europa Ocidental, o sul da Europa Oriental, a África do Norte, o Oriente Próximo e as fronteiras da Pérsia (KONSTAN, 2005, p. 211).

<sup>6</sup> SALLER, R. P. (1982) *Personal Patronage Under the Early Empire*. Cambridge (1989) "Patronage and friendship in early imperial Rome: drawing the distinction," in: Wallace-Hadrill, 1989, p. 49 a 62.

Durante o domínio do Império Romano, a partir da decisão do imperador Constantino de conceder liberdade religiosa para todos os cristãos (em 313 d.C.), o que transformou à fé cristã na religião oficial do Império, houve interferência da religião cristã na forma de conviver entre amigos e mesmo na amizade em si, de modo que ocorreu uma alteração no papel social deste novo tipo de amizade existente: a *amizade cristã*.

A autorrevelação entre amigos com o intuito de gerar uma associação entre irmãos, com a mesma fé cristã, era o principal papel social da amizade cristã e foi encorajada por Santo Ambrósio, o bispo de Milão, no fim do século IV. A autorrevelação ou a abertura entre amigos tinha o sentido da valorização da associação entre irmãos e do desenvolvimento espiritual das comunidades cristãs para levar à "harmonia de sentimentos e lealdade coletiva dentro de uma comunidade".

Segundo David Konstan (2005, p. 216) esclarece que a diferença do papel social da amizade cristã em relação à amizade na Modernidade, o que será abordado adiante, pode ser explicada através do fim objetivado na autorrevelação ou abertura com o outro indivíduo:

"Entretanto, há um profundo abismo entre as concepções antigas, incluindo as cristãs, sobre o eu e as noções modernas de autenticidade, e o objetivo de Ambrósio ao recomendar a abertura entre amigos não é o de encorajar a intimidade pessoal como um fim em si mesmo. Na verdade, Ambrósio está interessado na amizade entre uma associação de 'irmãos', aos quais ele se dirige como seus filhos e cuja relação depende de sua fé comum e da participação nos ofícios da Igreja".

No fim da Antiguidade não havia uma grande divisão entre *amizade romana* e *amizade cristã*, mas se observava muitas vezes o caráter de confiabilidade e mesmo mercantil das amizades da época, sendo este um de seus papéis sociais, além da necessidade de trocar afeto e amor na relação com o outro.

Os pensadores que escreveram sobre o tema da amizade na Antiguidade tardia, como Máximo Confessor, associavam ao mesmo tempo extratos da bíblia e discursos de

padres da Igreja sobre a amizade a trechos de fontes pagãs, conforme esclarece Konstan (2005).

Por outro lado, os pensadores pagãos, que, como Máximo de Tiro, colocava em cheque a confiabilidade dos amigos, retomavam aspectos da mitologia grega para explicar como a lealdade era rara nesse tipo de relação. Sobre essa combinação de ideais cristãos e pagãos na compreensão da amizade no fim da Antiguidade, o estudioso David Konstan (2005, p. 243-244) conclui:

"Os ideais do amor cristão emergiram no contexto das correntes milenares dentro do judaísmo e outras religiões no Oriente Próximo; embora seja verdade que o verbo *agapân* tenha cada vez mais substituído *phileîn* como palavra comum para 'amor' nos textos pagãos, bem antes da era cristã, o substantivo *agápe* parece ter sido um termo próprio na doutrina cristã e, assim como seus cognatos, foi certamente carregado por novos tipos de significados pelos pensadores cristãos".

Durante a Idade Média, no período que se estendeu do século XI ao XV, o papel da amizade estava ligado à lealdade, no sentido de lutar pelo amigo e defendê-lo. A sociedade medieval era voltada para a guerra, de modo que eram comuns as rixas entre famílias e grupos sociais. Ao citar o historiador Luchaire, que estudou a sociedade francesa do século XIII, Elias (1994) esclarece que o saque, a rapinagem e o assassinato eram habituais. O autor também explica que há poucas evidências a demonstrarem que tais atitudes fossem diferentes em outros países ou nos séculos seguintes. As "explosões de crueldade" eram permitidas naquele tempo, já que não eram banidas, e, segundo Elias (1994, p. 199):

"Nessa sociedade não havia poder central e suficientemente forte para obrigar as pessoas a se controlarem. Mas se nesta região o poder de uma autoridade central crescia, se em uma área maior ou menor as pessoas eram forçadas a viver em paz entre si, a modelação das emoções e os padrões da economia dos instintos lentamente mudavam".

Portanto, na sociedade medieval, o amigo era considerado aquela pessoa leal que se arriscava pelo outro, ou seja, poderia até mesmo morrer por ele: "O homem mata,

entrega-se inteiramente à luta, vê o amigo lutar. Luta a seu lado. Esquece-se de onde está. Esquece a própria morte (...)" (ELIAS, 1994, p. 194).

A proximidade característica entre os amigos na sociedade medieval também foi destacada em outro estudo. No século XII, de acordo com Duby (1990), era comum que os amigos pudessem entrar livremente no ambiente doméstico, aliás, esta era uma forma de identificá-los. Também naquela época já havia dificuldades de se separar o amigo da família, sendo esta considerada pertencente ao mundo privado. Ainda de acordo com o autor, havia três categorias distintas de comensais: os "privados", os "estranhos" e os "amigos". A diferença entre os primeiros e os últimos, conforme indicado, baseava-se na relação sanguínea ou de parentesco existente entre os chamados "privados", sendo considerados "amigos" aqueles indivíduos que tinham livre acesso a casa e a seu chefe, embora não morassem ali.

No século XVIII, a partir do desenvolvimento do Iluminismo, a amizade é influenciada por essa corrente filosófica e cultural. Nesse sentido, o racionalismo modifica as relações pessoais, que passam a ser associadas à virtude e à civilidade<sup>7</sup>. A preocupação com a afirmação da individualidade e a paixão pela verdade ganham perspectiva, tornando comuns as novas formas de sociabilidade exercidas nos salões. Além disso, as relações de amizade passam a ser importantes não só para os homens, mas também para as mulheres, que não se preocupam mais apenas com a maternidade ou com as convenções sociais da época (Martins, 2007).

A historiadora brasileira, Ana Paula Martins, estudou as "amizades mistas" da época, ou seja, as amizades entre homens e mulheres, partindo do livro autobiográfico da judia Rahel Varhnagen que viveu em Berlim no século XVIII. A autora ressalta a importância dos salões não só para a consolidação das amizades, mas também para o seu estabelecimento.

"Assim, os salões são conservadores na sua estrutura e na sua concepção inicial, mas inovam com o passar do tempo e com a ampliação dos interesses das mulheres, introduzindo novas formas de sociabilidade, não mais fundadas nas

---

<sup>7</sup> Esses dois atributos eram associados à feminilidade nessa época.

precedências, nos privilégios e nas posições sociais ocupadas na hierarquia, mas na cultura, no prazer da conversação e principalmente no cultivo da amizade" (MARTINS, 2007, p. 61).

Além disso, os salões também eram locais mais igualitários e de "cultivo da amizade", de acordo com outra historiadora citada por Martins (2007) e estudiosa da amizade nos séculos XVIII e XIX: Anne Vincent-Buffault (1996).

Martins (2007) destaca o papel da amizade no Iluminismo, a qual corresponde à possibilidade de encontrar um "lugar para si" no sentido iluminista do indivíduo, isto é, dotado de personalidade e de conhecimento. Além disso, a amizade envolvia a troca em dois sentidos, primeiramente do prazer ou da companhia do outro, e também a troca de conhecimento cultural. Segundo esclarece,

"Através das amigadas Rahel conseguiu criar um lugar para si não no sentido burguês e intimista, mas no sentido iluminista de um indivíduo social, dotado de personalidade, charme, 'espírito' e conhecimento. Ela não era uma mulher de letras ou de ciência, mas manejava bem os requisitos necessários para a vida social, sendo capaz de agregar com sua inteligência e personalidade, pessoas bastante diferentes ao seu redor; de estabelecer um espaço de conversação franca, de atualização, de trocas culturais e também do prazer de estar juntos" (MARTINS, 2007, p. 56).

Com o aumento do êxodo rural e a consequente urbanização no mundo ocidental, além das revoluções e dos avanços tecnológicos conquistados pela humanidade, ocorreu um distanciamento cada vez maior dos seres humanos em relação à natureza e à espiritualidade. Tal fato permitiu o surgimento do Romantismo na Alemanha por escritores, filósofos e artistas que defendiam uma nova visão de mundo no século XIX<sup>8</sup>.

Alfredo Bosi (1994) explica o surgimento do Romantismo, enfatizando a perda da influência clássica e medieval, e o destaque dado à "liberdade criadora":

"Na França, a partir de 1820, e na Alemanha e na Inglaterra, desde os fins do século XVIII, uma nova escritura substituíra os códigos clássicos em nome da

---

<sup>8</sup> FAVERO, F. O romantismo e a estetização da natureza. Disponível em: <[http://www.ceart.udesc.br/dapesquisa/files/9/02VISUAIS\\_Franciele\\_Favero.pdf](http://www.ceart.udesc.br/dapesquisa/files/9/02VISUAIS_Franciele_Favero.pdf)> Acesso em: 24 jun. 2013.

liberdade criadora do sujeito. As liberações fizeram-se em várias frentes. Caiu primeiro a mitologia grega (velha armadura mal remoçada no tempo de Napoleão), e caiu aos golpes do medievismo católico de Chateaubriand *et alii*. Com as ficções clássicas foi-se também o paisagismo árcaico que cedeu lugar ao pitoresco e à cor local.(...)" (BOSI, 1994, p. 96).

No período romântico, em que se valorizavam a sensibilidade e o estado de espírito hiperemocional das pessoas na sociedade burguesa<sup>9</sup>, enfatizava-se nas relações de amizade a necessidade de haver afinidades entre os envolvidos. Nessa sociedade, a vida privada e as suas relações passam a ter cada vez mais importância, em detrimento da vida pública, voltada ao mundo do trabalho, com o advento do capitalismo, como a busca do dinheiro para a subsistência do indivíduo e de sua família.

No início do século XIX, o grande romancista moderno alemão, Goethe (1992), em sua obra "Afinidades eletivas" destacou a moral cristã como centro de repressão, além de ressaltar a citada relevância de existirem afinidades nas relações interpessoais, tais como as de amor e de amizade. As afinidades representam uma "vontade" ou uma "preferência" que fazem com que os sujeitos entrem em contato entre si, ou mesmo abandonem tais contatos para formarem novos. Portanto, este era o papel social da amizade no Romantismo: desenvolver relações com um/(a) amigo/(a), em que os indivíduos pudessem interagir de acordo com as preferências pessoais e, assim, suprir a necessidade humana de compartilhar sua vida cada vez mais com o outro, considerando-se que, com esse outro, havia muitos interesses e gostos comuns.

A amizade, assim como seu papel social, foi diferente ao longo da primeira metade do século XX, principalmente no período posterior à Primeira Guerra Mundial. As novas formas de compreender a amizade também foram bastante influenciadas por um grupo de estudantes universitários da Universidade de Oxford, na Inglaterra, dentre os quais se destacam o escritor Oscar Wilde e o antropólogo Gilberto Freyre. Esses jovens estudantes vitorianos fizeram uma reconstituição da representação da História da Grécia, com base nas aulas de Alfred Zimmern e Walter Pater.

---

<sup>9</sup> Linha do tempo. Folha Equilíbrio, **Folha de São Paulo**. 8 jan. 2013, p. 4 e 5.

O novo modo de vivenciar a amizade entre os vitorianos foi inspirado no conhecimento adquirido sobre a civilização helênica na Universidade de Oxford, além de ter sido uma consequência do período: a Primeira Guerra Mundial ocorrida na Europa trazia destruição, solidão e sentimento de carência, entre os muitos órfãos que ela gerou. Os estudantes sentiam uma grande necessidade de suprir toda a destruição e as perdas resultantes da guerra por meio de afeto, carinho, amor e companheirismo.

Com isso, nas relações interpessoais, como as de amizade, houve o "desenvolvimento de afetos muito profundos", "independentemente do sexo", segundo Pallares-Burke (2005). A pesquisadora explica que "as condições de vida dos jovens de Oxford eram favoráveis ao desenvolvimento de relacionamentos profundos e às vezes homoeróticos". Essas "intensas amizades de rapazes com rapazes" (com componente homossexual "transitório", próprio ao das amizades gregas) foi o termo usado por Gilberto Freyre em seu diário, segundo Pallares-Burke (2005, p. 122), para explicar as amizades vistas entre os alunos da universidade.

Entretanto, essa amizade, inspirada na civilização helênica e principalmente na obra do filósofo Platão, restringia-se a um grupo de jovens vitorianos e estudantes da Universidade de Oxford que se espelhava na cultura grega e no homoerotismo para desenvolver suas relações interpessoais. A sociedade inglesa da época por sua vez, mostrava certa tensão no que se refere a essa juventude e seus hábitos.

Goldhill (2007, p. 83) explica que a sociedade inglesa no período do pós-guerra preocupava-se com a pureza dos gregos e desejava que a homossexualidade fosse criminalizada, pois, segundo o autor, "queriam que seus gregos fossem brancos e puros, e queriam fazer da homossexualidade um crime para todas as idades, as tensões entre a imagem idealizada do passado e sua produção artística, filosófica, literária e comportamental eram difíceis de se administrar".

Esse mal-estar também pode ser visto, segundo Goldhill (2007), na prisão de Oscar Wilde, que pretendia fazer uma pesquisa e editar uma tragédia euripídica. Por conta

disso, Wilde: "(...) foi condenado a definhar de forma humilhante na cadeia de Reading" (GOLDHILL, 2007, p. 83).

Já após a Primeira Guerra Mundial, considerando-se a sociedade alemã existente na época do regime totalitário nazista, surgido na década de 1930, o papel da amizade é outro<sup>10</sup>.

Mesmo que Hannah Arendt não tenha estudado a amizade de forma sistemática, ela refletiu sobre o seu papel social na sociedade alemã durante o regime totalitário. Naquele momento, o papel da amizade era auxiliar a manter o outro vivo, caso fosse um "inimigo objetivo" do Estado (AGUIAR, 2011).

O tal "inimigo objetivo" havia sido elaborado ideologicamente pelo Estado e perseguido pelo mesmo, fazendo com que fossem destruídos "todos os vínculos que ligavam os indivíduos de forma livre e espontânea" (AGUIAR, 2011, p. 133). Tais vínculos são o "mundo comum", isto é, "família, partidos, vizinhos, grupos de interesses, associações, religião, cultura, lei, sindicatos etc.", (idem).

Com isso, a amizade tinha a possibilidade de manter vivo o "mundo comum" dos indivíduos, ou seja, era ela que os aproximava novamente de sua dignidade, pois, nos campos de concentração, as pessoas perseguidas pelo Estado totalitário eram totalmente desamparadas, colocadas na condição de um "animal qualquer" que partia para a morte. Ainda de acordo com Aguiar (2011, p. 133):

"Esse mundo comum proporciona a proximidade entre os indivíduos sem que eles percam suas capacidades de agir, pensar e falar por conta própria. É ele o olhar protetor e iluminador da continuidade humana para além da voracidade natural a que estamos todos submetidos. Sem ele, temos apenas a nossa nudez e nudez natural, o desamparo completo, tornamo-nos simples seres que se dirigem para a morte, semelhante a um animal qualquer: sem deixar nenhuma lembrança, nome ou provocar qualquer dor ou piedade".

---

<sup>10</sup>Tomamos por base o pensamento de Hannah Arendt interpretado por Aguiar em seu artigo. Cf. blio.

Do século XVII até o final do século XX é outro o papel da amizade. Anthony Giddens (1991) comparou as diferenças da função da amizade para os homens que viveram na Antiguidade e na Modernidade, quando buscava conhecer as principais mudanças ocorridas nesta época da sociedade ocidental. No período Moderno, as pessoas já não viviam somente no campo e da terra. Elas moravam em grandes cidades, que se desenvolviam e chegavam a ter milhares e mesmo milhões de habitantes.

Os indivíduos passaram a trabalhar fora de suas casas. Depois da Revolução Industrial, trabalhavam nas fábricas, inclusive mulheres e crianças. Assim os homens perdiam boa parte de seu dia para a vida pública, pois agora ele era focado no trabalho e na busca do salário, que permitiria não só a sua sobrevivência, mas também a de sua família.

No ambiente urbano, desenvolvido e voltado para o trabalho, os homens e as mulheres passaram a se relacionarem com outras pessoas no local de trabalho, na sua vizinhança e na família próxima. Entretanto, autores que estudaram a sociedade moderna, mais precisamente o século XX, como Ferdinand Tönnies (1955), destacaram que era na família, na vizinhança e nos relacionamentos de amizades que se constituíam as relações de tipo comunitária, com um forte envolvimento emocional e maior proximidade entre os envolvidos. Já nas relações travadas no dia a dia, no espaço público da grande cidade, não havia esse tipo de envolvimento, pois ali se observava a sociedade mais hostil e impessoal.

A amizade foi considerada por Tönnies como a comunidade de espírito, portanto, ela tinha o papel de suprir as necessidades do amigo, muitas vezes pessoais e espirituais, o que lhe daria condições de viver no ambiente impessoal da sociedade.

As relações sociais na cidade foram classificadas como relações secundárias ou primárias por Robert Park (1925) que, inspirado pela teoria clássica da diferença entre comunidade e sociedade tönnesiana, considerou a amizade entre os indivíduos da cidade como uma relação primária, pois, esta era direta, dava-se face a face, além de ser marcada pela emoção, pelo encontro e pela troca. Já a relação secundária era impessoal e sem a presença de laços afetivos.

Nesse sentido, é possível compreender que o homem moderno que vivia nas grandes cidades possuía mais de um tipo de relação, primária ou secundária, na medida em que, ou se estava inspirada em laços emocionais e comunitários ou em contatos mais racionais do dia a dia, como acontecia com o motorista do bonde e o comerciante que utilizava esse serviço diariamente para ir ao local de trabalho e retornar para casa. Entre eles as relações eram impessoais e não se desenvolviam laços mais intensos e profundos.

Anthony Giddens (1991) explicou que o desencaixe das relações sociais dos contextos locais de interação não só marcaram a modernidade, mas também permitiram entender a mudança da natureza das relações interpessoais, pois os indivíduos deixaram de travar relações entre si somente pela proximidade. Tal fato fez com que as relações de amizade sofressem uma alteração na sua natureza. Os homens não se viam mais com a frequência de antes, uma vez que produtos tecnológicos como o automóvel e o telefone foram criados, por exemplo. Portanto, segundo o autor, a função social da amizade era servir de instrumento de sociabilidade para o indivíduo que não se sentiria solitário no mundo.

Além disso, a busca pelo amor nas relações interpessoais, dentre elas as de amizade, pode ser considerada uma das questões sociais do mundo moderno. Assim, Francesco Alberoni (1993) afirma que na modernidade a amizade tem a função de suprir o indivíduo da sua necessidade maior que é o amor.

O sociólogo italiano apresenta ideia semelhante à de Anthony Giddens de que no mundo moderno foram criadas "organizações impessoais justas", nas quais a caridade não era mais necessária por parte do funcionário para atender sua clientela. No entanto, apesar dos progressos gerados por meio dessa organização social marcada pela "ética impessoal", somente o amor tornaria a vida suportável. Por isso, o autor compreende que a amizade é um dos poucos exemplos de relações interpessoais permeadas de amor:

"Enquanto a organização sanitária melhora, o amor da mãe permanece o mesmo. Assim é com a amizade. Não pretendemos que ela nos dê mais do que pode dar. Não iludamos, porém, de que podemos abrir mão dela" (ALBERONI, 1993,p. 40).

Já se considerando a contemporaneidade, pode ser destacado um estudo feito sobre a sociedade inglesa na década de 1980 (ALLAN, 2001), no qual foi demonstrado que os grupos de amizade não se influenciam mais pela localidade. Com isso, Allan constata que a amizade apresenta mais de um papel social, sendo um deles auxiliar na compreensão do "lugar ocupado no mundo" pelas pessoas, já que não está mais baseada na localidade.

O sociólogo inglês acrescenta outros dois papéis sociais da amizade: dar suporte à formação da identidade social dos indivíduos e, em decorrência desse, facilitar a validação da individualidade das pessoas.

Na contemporaneidade, as relações de amizade entre os homens que vivem em grandes centros urbanos ainda estão influenciadas pelo aspecto comum à modernidade destacado por Anthony Giddens, qual seja, o desencaixe das relações sociais de seus contextos locais de interação. Ademais, novos produtos tecnológicos, além do telefone e do automóvel, foram criados como o telefone celular e o computador pessoal com acesso à Internet.

Essas novas tecnologias levaram à transformação no contato social entre os moradores de grandes centros urbanos, os quais passaram a utilizar Internet e suas novas formas de comunicação para terem contato com amigos, familiares e outros conhecidos.

Uma das questões deixadas de lado pelos autores que estudaram o tema da amizade no mundo contemporâneo foi a influência dos novos meios de comunicação na amizade. Teriam provocado alguma mudança na natureza dos contatos das relações interpessoais já desencaixadas de seus contextos locais de interação? E quais os usos principais dos novos meios de comunicação no que tange aos contatos entre os amigos próximos ou duradouros?

Pouco se pensou ou se estudou sobre a função social da amizade na sociedade contemporânea. Esse tema corresponde justamente ao objeto de estudo desta tese, sendo o

modo de compreensão e a definição de função social da amizade discutidos a partir do próximo item (1.2) deste capítulo.

Observou-se, na contemporaneidade, que a amizade estaria relacionada à necessidade de encontrar-se com o outro com o intuito de produzir um autoconhecimento, conforme Francesco Alberoni (1993).

No entanto, não foi destacado o tipo de encontro visto entre os amigos próximos, se direto ou não. Tal encontro pode ser a única razão da existência das amizades duradouras, uma vez que os indivíduos hoje em dia comunicam-se com mais frequência por meio do telefone celular e da Internet?

Ainda não foi explorada a influência da Internet nos encontros entre os amigos. Esse é um dos aspectos pelos quais se pretende analisar a função social da amizade na contemporaneidade, pois se acredita que os fatos marcantes e transformadores das formas de comunicação com os amigos na atualidade também são importantes e podem auxiliar a compreender o objeto de estudo desta tese, qual seja, a função social da amizade no mundo contemporâneo, tomando-se como base a sociedade metropolitana e paulistana no século XXI.

## *1.2. O FUNCIONALISMO E A ABORDAGEM DA FUNÇÃO SOCIAL DA AMIZADE*

Como a questão da amizade foi trabalhada na Sociologia? Para responder a essa questão, serão revistos alguns autores que podem auxiliar a compreender o conceito de função social. Além disso, será citado o conceito de função social que tomamos como referencial teórico, o que auxiliará a delimitar a definição de função social da amizade empregada.

A função social foi estudada por Émile Durkheim. Explicando a sociedade a partir das relações de solidariedade originadas na divisão social do trabalho, Durkheim

define a função social de várias instituições, como a família, a escola, os grupos comunitários etc. Apesar de não ter um trabalho específico para a questão da amizade, sua construção teórica abre caminho para a discussão.

O que é, então, função social para o Durkheim? Inicialmente, o conceito de função social foi abordado no livro *Da divisão do trabalho social*, resultado da sua pesquisa de doutorado e publicado na França pela primeira vez em 1893. Depois, Durkheim trata do assunto em *As regras do método sociológico*, livro de 1895. Em ambos, a discussão trouxe contribuições importantes para a compreensão do tema.

Rodrigues (2007) cita a avaliação de Florestan Fernandes sobre o assunto, ao esclarecer que Durkheim foi quem apresentou a primeira "formulação adequada dos fenômenos de função", vistas nas duas obras citadas.

Em sua primeira obra, Durkheim (1999a) explica a função da divisão social do trabalho e entende que ela leva moralidade a esta organização social. Na realidade, nesse livro, um dos objetivos de Durkheim era justamente compreender como se dá a manutenção da ordem social moderna e entender a verdadeira função social da divisão social do trabalho. Isso lhe auxiliaria a compreender o ponto chave de seus objetivos de estudo que era compreender a manutenção da ordem social (RODRIGUES, 2007).

Assim, com base no estudo sobre a função social da divisão do trabalho social, Durkheim percebeu que a ordem social se mantinha na sociedade moderna graças à divisão do trabalho e à nova forma de solidariedade gerada a partir dela. Isso porque nela ampliava-se cada vez mais a especialização dos indivíduos, fazendo com que estes se tornassem sempre mais dependentes uns dos outros, isto é, apesar de possuírem seus trabalhos de forma autônoma, eles dependiam uns dos outros. E o aumento dessa interdependência entre as pessoas gerava uma solidariedade social, que era diferente daquela anterior e comum nas sociedades tradicionais, ou seja, houve uma mudança na moralidade com a nova organização social.

Essa nova forma de solidariedade social foi denominada pelo autor de "solidariedade orgânica" devido à dependência dos indivíduos com base nas suas diferentes funções, tal como as funções de diferentes órgãos fisiológicos de um corpo vivo qualquer. As diferenças entre as pessoas entre suas funções geravam a integração da sociedade.

Por exemplo, nos primórdios da sociedade moderna havia dependência do agricultor ao trabalho do médico e vice-versa, já que aquele dependia deste para a cura de suas doenças, e este dependia do outro para alimentar-se. Tal fato, a dependência dos indivíduos com base em suas diferentes funções, fez com que a sociedade moderna desse a impressão de se apresentar como um organismo vivo, em que os indivíduos dependessem uns dos outros para que a sociedade conseguisse funcionar de forma coesa, por isso o termo "solidariedade orgânica".

O aumento da divisão do trabalho social e a constante especialização da sociedade moderna, juntamente com a industrialização e o desenvolvimento tecnológico, possibilitaram novas formas de comunicação (por exemplo, o telefone). O advento dessas novas formas de comunicação trouxe consigo uma mudança no modo como os grupos sociais se organizavam, pois cada vez mais surgiram novas formas de se relacionar a distância. As relações sociais tornaram-se mais impessoais em decorrência do uso do telefone na sociedade moderna. Na concepção durkheiminiana do mundo moderno predominam o individualismo moral, juntamente com a divisão do trabalho e a solidariedade, conforme analisado por Maciel (2011).

Nesse sentido, Durkheim propõe-se explicar, por exemplo, a função social da amizade para os indivíduos modernos: ela produziria a diminuição do sentimento de incompletude comum aos indivíduos da época, que viviam em uma sociedade marcada pelo individualismo.

Na relação com o outro, com quem se desenvolveu uma relação de amizade, o indivíduo pode se sentir mais completo, ou seja, esta era a função social da amizade: uma das formas de garantir a coesão social. Vejamos a explicação de Durkheim (1999a, p. 21) a respeito desse assunto:

"Por mais ricamente dotados que sejamos, sempre nos falta alguma coisa, e os melhores dentre nós têm o sentimento de sua insuficiência. É por isso que procuramos, em nossos amigos, as qualidades que nos faltam, porque unindo-nos a eles participamos de certa forma da sua natureza e nos sentimos, então, menos incompletos. Formam-se, assim, pequenas associações de amigos em que cada um tem seu papel conforme a seu caráter, em que há um verdadeiro intercâmbio de serviços. Um protege, o outro consola; este aconselha, aquele executa, e é essa partilha de funções, ou, para empregarmos a expressão consagrada, essa divisão do trabalho que determina essas relações de amizade."

Já na obra *As regras do método sociológico*, Durkheim (1999b) explica que a função social de um fenômeno está atrelada sempre à sua causa, ou seja, em seu entendimento não basta estudar separadamente a função social de um fenômeno, mas será sempre necessário estudar a causa que o produz.

De acordo com o autor, deve-se investigar a causa do fato social antes de seus efeitos:

"Assim, longe de a causa dos fenômenos sociais consistir numa antecipação mental da função que eles são chamados a desempenhar, essa função consiste, ao contrário, pelo menos num bom número de casos, em manter a causa preexistente da qual eles derivam; portanto, descobriremos mais facilmente a primeira se a segunda já for conhecida" (DURKHEIM, 1999b, p. 99).

Posteriormente, com o desenvolvimento do funcionalismo, a *função* pôde ter também o seu conhecido sentido estrutural-funcional, que compreende o estudo dos fenômenos sociais como resultados da ação de estruturas e é representado pela teoria de Talcott Parsons. O autor compreendia a sociedade ou diferentes grupos sociais como "sistemas sociais". Para ele, não bastava haver simplesmente um conglomerado de pessoas para se considerar um "sistema social". Era fundamental haver um sistema de papéis e de sanções punitivas, que levaria à organização e à coerência desse "sistema social".

Portanto, o autor observa o *papel* como um fator constituinte de um sistema social coerente e organizado. Também entende que a estrutura social pode ser analisada por meio do *papel*, considerado por ele como sua unidade básica.

O *papel* foi definido por Parsons como as diversas "expectativas complementares" tanto do ator social como do(s) outro(s) com quem este interage. Ou melhor:

"(...) setor organizado da orientação de um ator que constitui e define sua participação num processo de interação. Compreende um conjunto de expectativas complementares, que dizem respeito às suas próprias ações e às dos outros que com ele interagem. Tanto o ator como aqueles que interagem com ele compartilham das mesmas expectativas", (PARSONS, 1954, p. 63-4).

Além da definição de *papel* no estrutural-funcionalismo, desenvolvida posteriormente ao conceito de *função social* durkheiminiano, destacam-se também a discussão e a contribuição feita ao funcionalismo pelo sociólogo norte-americano Robert K. Merton, ex-aluno de Talcott Parsons, que criou seu próprio "paradigma teórico" (REHDER, 2010).

Merton (1970) entende que uma sociedade humana não apresenta apenas uma *função social*, mas uma sociedade (composta por indivíduos, subgrupos de indivíduos e a própria estrutura social) pode apresentar uma diversidade de *consequências funcionais* ou *não-funcionais*.

Assim, sua abordagem funcional se opõe à apresentada por Radcliffe-Brown<sup>11</sup> do postulado da unidade funcional da sociedade humana. Para Merton, as funções sociais ou "usos e sentimentos sociais" podem ser funcionais para alguns grupos e não-funcionais para outros. Além disso, Merton explica que já foi verificado na realidade social que esse postulado não corresponde ao que se observa, portanto, adotar a sua orientação teórica é, sobretudo, perigoso.

Com isso, o autor apresenta sua abordagem para a análise funcional na Sociologia. Primeiramente, ela se baseia na orientação do funcionalismo de se interpretar os

---

<sup>11</sup> Mesmo que a abordagem do antropólogo cultural represente uma das contribuições importantes feitas ao desenvolvimento do funcionalismo, ela foi exposta aqui principalmente por meio da discussão feita por Robert Merton, pelo fato de na revisão aqui proposta ter-se buscado enfatizar os autores funcionalistas da Sociologia e não das Ciências Sociais de um modo geral.

dados com base nas *consequências* que são aplicadas à(s) estrutura(s) social(is) maior(es). Por *função*, Merton (1970) compreende as *consequências observadas* que permitem uma *adaptação* ou um ajustamento de um dado sistema; e as *disfunções* correspondem ao seu oposto, pois elas *diminuem a adaptação* ao sistema.

Para solucionar alguns problemas comuns surgidos na análise funcional proposta pelo autor, alguns conceitos, que serão apresentados adiante, foram criados por Merton. Entre os problemas citados estão: a) pode haver situações que possuem consequências tanto funcionais como disfuncionais, portanto, é importante na análise funcional desenvolver conceitos para poder avaliar o saldo líquido do agregado de consequências; e b) pode haver confusão considerando motivos e funções.

Ao propor a solução do problema gerado da confusão entre motivos e funções (b), Merton introduz uma distinção de conceitos para os casos em que as consequências subjetivas coincidam com as consequências objetivas, e os casos em que ambos diverjam. Assim, para diferenciar as consequências objetivas do comportamento social das consequências reconhecidas pelo indivíduo, o sociólogo introduz as ideias de *função manifesta* e de *função latente*.

As *funções manifestas* são as consequências objetivas que auxiliam na adaptação ou no ajustamento do sistema. Tais funções são reconhecidas pelos participantes do sistema.

Já as *funções latentes* são as consequências não procuradas da ação, ou seja, aquelas que não se constituem das intenções ou não são reconhecidas pelos participantes do sistema. Segundo Merton (1970, p. 130), são “consequências objetivas para uma unidade especificada (pessoa, subgrupo, sistema social ou cultural)”.

Ao apresentar a explicação teórica da diferença entre *função manifesta* e *função latente*, reconhece-se aqui a importância da utilização desses conceitos para a presente pesquisa, pois estudar a amizade na contemporaneidade implica entender as mudanças sociais no comportamento das pessoas na forma de comunicação entre os amigos (que não

é mais apenas dada de modo direto). O estudo de tais mudanças sociais é um aspecto fundamental para se entender também a *função social* da amizade neste mundo contemporâneo. Como o próprio Robert Merton sugere:

"Procurar a mudança social sem o devido reconhecimento das funções manifestas e latentes desempenhadas pela organização social que está sofrendo mudança é contentar-se com o ritual social em vez de lançar mão da engenharia social" (MERTON, 1970, p. 149).

A importância de se estudar a *função latente*, segundo Merton, é poder ir além de conhecer apenas a *função social* de uma unidade social, pois ela permite conhecer o que provoca a mudança na organização social.

Desse modo, nosso referencial teórico baseia-se no estudo da *função latente* da amizade na sociedade contemporânea, uma vez que além de haver o interesse em compreender sua função social na atualidade, pretende-se também compreender as mudanças provocadas na estrutura social a partir do uso das novas tecnologias como o telefone celular e a Internet.

Portanto, a abordagem da função social de amizade nesta tese corresponde, na realidade, à compreensão da *função latente* da amizade nos grupos de jovens que serão estudados, pois se pretende entender qual(is) é(são) as consequências não intencionais ou não reconhecidas pelos membros do grupo da existência da amizade duradoura para o grupo social de jovens metropolitanos da contemporaneidade.



## **CAPÍTULO 2 - OS IMPACTOS DO USO DA INTERNET E DO TELEFONE CELULAR NA VIDA SOCIAL**

### *2.1. AS PRINCIPAIS TRANSFORMAÇÕES SÓCIO-CULTURAIS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA*

Antes de discutir os principais impactos do uso da Internet e do telefone celular na vida social é importante refletir, por meio da literatura especializada, sobre as transformações ocorridas na sociedade contemporânea, considerando os aspectos sociais e culturais, com o surgimento da Internet e o desenvolvimento das novas tecnologias. Para isso, contar-se-á com alguns autores da literatura sociológica (HARVEY, 1993; CASTELLS, 1999; LÉVY, 1999; MARÍN, 2000), que analisam o tema.

As interpretações que os autores fazem da sociedade atual levam a diferentes formas de conceituá-la como "sociedade em rede" (CASTELLS, 1999) ou "sociedade informacional" (MARÍN, 2000). Já Pierre Lévy (1999) não conceitua essa sociedade, mas sim aborda o novo espaço comunicacional gerado, denominado de "ciberespaço". Harvey (1993) também não conceitua tal sociedade, mas entende que as transformações culturais e sociais podem ser consideradas como o "pós-moderno" ou a "condição pós-moderna", pois, segundo o autor, não há uma mudança de paradigma nessa sociedade.

O geógrafo britânico, David Harvey, observa uma série de mudanças na vida social e cultural, principalmente após a década de 1960, com a transição do fordismo para a "acumulação flexível", que resultou na aceleração do tempo de giro na produção que, por sua vez, também envolveu acelerações na troca e no consumo. A partir dessa aceleração generalizada dos tempos de giro do capital, Harvey analisou algumas das influências nas "maneiras pós-modernas de pensar, agir e sentir": efemeridade; diversificação dos valores na sociedade; bombardeio de estímulos; volatilidade (dificuldade de planejamento a longo prazo); a imagem torna-se mercadoria; valorização dos símbolos de riqueza, fama e poder;

mediatização da política; retorno do interesse por instituições como família e comunidade; e aniquilação do espaço por meio do tempo.

Dessas influências, algumas são particularmente importantes de serem discutidas aqui porque interferem nas formas de se relacionar socialmente no mundo atual. Vamos destacar algumas. A efemeridade foi acentuada ainda mais na sociedade como um todo a partir da aceleração do tempo de giro, repercutindo na produção de mercadorias por meio de dois valores: a instantaneidade e a descartabilidade. Um exemplo da instantaneidade diz respeito aos alimentos que se produzem, ou até mesmo se consomem, em um tempo muito rápido, seja em casa, seja em restaurantes. Já a descartabilidade implica a discussão apresentada de que a "sociedade do descarte"<sup>12</sup> não está relacionada apenas ao fato de se jogar fora os produtos consumidos com maior frequência, já que se consome muito mais, mas também a "valores, estilos de vida, relacionamentos estáveis, apego a coisas, edifícios, lugares, pessoas e modos adquiridos de agir e ser" (HARVEY, 1993, p. 2).

Nesse sentido, a principal influência da aceleração do tempo de giro na produção, qual seja, a acentuação da efemeridade, traz efeitos à sociedade em geral e implica uma nova forma de viver dos indivíduos. É a efemeridade que acarreta em mudanças no estilo de vida das pessoas e, por isso, trouxe outra consequência à vida social, pois nela houve uma diversificação dos valores aceitos pela sociedade.

Ao apresentar a discussão dos efeitos sociais a partir da acentuação da efemeridade, citando Alvin Toffler, Harvey explica que o autor entendia que "a experiência cotidiana comum do indivíduo" havia sido nocauteada pelo ritmo acelerado e pela efemeridade existentes na sociedade analisada.

Da mesma forma que com a Revolução Industrial houve uma supervalorização do trabalho em detrimento das cenas religiosas das famílias e da comunidade; na sociedade moderna, já se observou a mudança nos estilos de vida e nos valores dos indivíduos em relação à família e à comunidade. Com o desenvolvimento tecnológico, cada vez mais

---

<sup>12</sup> Segundo David Harvey, o termo foi dado pelo teórico Alvin Toffler.

constante e acelerado na sociedade contemporânea, a observada desvalorização da família e da comunidade se anula, pois o trabalho torna-se mais pulverizado, fazendo com que o questionamento sobre a que grupos, comunidades e associações pertencemos também se dilua.

A efemeridade constante na sociedade contemporânea também tornou maior a necessidade de se "descobrir ou produzir algum tipo de verdade eterna que nela possa residir" (HARVEY, 1993, p. 263). Isso se acentuou não só com o "revivalismo religioso", no final da década de 1960, mas também com o fortalecimento do interesse em instituições básicas, como a família e a comunidade.

Segundo Harvey (1993), o interesse maior por religiões, pela família e pela comunidade está atrelado à procura por "hábitos mais seguros" e "valores mais duradouros" numa sociedade em permanente mudança. Mas será que nesta sociedade é possível observar também um zelo maior pela amizade?

Além da efemeridade e da diversificação dos valores, há outra influência nas novas maneiras de pensar e agir pós-modernas, muito importante a ser considerada nesta discussão: a compressão do tempo e do espaço. Foi a aniquilação do tempo/espaço que, segundo o autor, modificou a forma de os seres humanos se comunicarem entre si, pois, a partir da implantação dos sistemas de comunicação por satélite na década de 1970, o custo unitário de comunicação tornou-se invariante em relação ao espaço geográfico.

Além da comunicação entre dois indivíduos que residam em dois pontos distantes geograficamente ter se beneficiado dessa implantação dos satélites, a televisão também pôde ter cada vez mais uma quantidade de imagens vindas de lugares tão distantes e diferentes, acessível à população mundial. Como o próprio Harvey (1993, p. 9) explica, "A imagem de lugares e espaços se torna tão aberta à produção e ao uso efêmero quanto qualquer outra".

No entanto, a diminuição das barreiras geográficas não menosprezou o significado do espaço, pois hoje em dia a mobilidade e a descentralização são usadas, por

exemplo, contra o poder dos sindicatos que, tradicionalmente, se concentrava nas "fábricas de produção em massa", ainda de acordo com o autor.

Harvey reconhece, no entanto, que devido à compressão do tempo e do espaço na sociedade atual, cada vez mais é possível considerar como realidade tão próxima a ideia de Marshall McLuhan, segundo a qual o mundo é uma "aldeia global". Apesar de essa ideia ter sido utilizada para analisar a realidade dos meios de comunicação na década de 1960, pode-se percebê-la como sendo comum a todos que vivemos nesta sociedade, na qual, por meio de um simples clique, se obtém conhecimento de um fato ocorrido do outro lado do mundo ou até mesmo se inicia uma conversa usando um programa de mensagem instantânea com um amigo que esteja a milhares de quilômetros de distância.

Octavio Ianni também analisa a teoria da "aldeia global" de Marshall McLuhan, dentre as teorias desenvolvidas para se pensar a globalização. O sociólogo inclui as ideias de McLuhan na discussão das teorias sobre a globalização, pois entende que a comunicação corresponde ao signo por excelência da modernização. Nesse sentido, o autor afirma que ocorre "(...) a proliferação e a generalização dos meios impressos e eletrônicos de comunicação, articulados em teias multimídia alcançando todo o mundo" (IANNI, 1999, p. 119). Assim, devido ao desenvolvimento das novas tecnologias, ou das "tecnologias oriundas da eletrônica e da informática", há uma ampliação ainda maior dos recursos e do alcance dos meios de comunicação.

Outro pesquisador que considera a comunicação como aspecto fundamental para se compreender a sociedade é Antonio Rubim. Para ele, é possível entender a contemporaneidade como uma sociedade estruturada e ambientada pela comunicação, de modo a ser uma "Idade Mídia". Rubim (2000) não só reconhece a importância da comunicação, principalmente na sua versão midiática, para se pensar a sociedade, como também a sociabilidade nela encontrada.

Apesar de a comunicação ser a chave para entender a discussão proposta por McLuhan sobre a "aldeia global", na interpretação de Octavio Ianni, ela ainda auxilia na criação dessa nova cultura. Tal noção sobre a cultura é vista como "teoria da cultura

mundial", podendo ser uma "cultura de massa, mercado de bens culturais, universo de signos e símbolos, linguagens e significados que povoam o modo pelo qual uns e outros situam-se no mundo, ou pensam, imaginam, sentem e agem" (IANNI, 1999, p. 119).

Portanto, além da revolução do mundo da cultura pela indústria cultural, formando uma "cultura de massa mundial", é a "mídia eletrônica" que se deve considerar no "âmbito da aldeia global". Tal mídia é "um poderoso instrumento de comunicação, informação, compreensão, explicação e imaginação sobre o que vai pelo mundo" (IANNI, 1999, p. 120).

O filósofo francês Pierre Lévy também dá ênfase aos meios de comunicação para entender as mudanças ocorridas na sociedade contemporânea. Para ele, as mudanças não estão relacionadas à transição das novas formas de produção e consumo capitalista, mas são condicionadas pelas técnicas. O autor defende que as técnicas fazem parte das mudanças encontradas, pois elas foram pensadas, projetadas e mesmo feitas por homens e mudaram suas próprias formas de pensar e de sentir o mundo ao seu redor, além de as utilizarem.

Lévy critica a abordagem realizada por alguns estudiosos, ou mesmo o termo que empregam, sobre os impactos da tecnologia na cultura ou na sociedade. Ele considera que embora semanticamente tecnologia seja algo material, destituído de vida e de seu aspecto humano, seja no pensar ou no construir; o material e o humano são inseparáveis. Portanto, segundo o autor, não se deve separar o ambiente das ideias por meio das quais foram pensadas, projetadas e concebidas, ou seja, elas não devem ser separadas dos homens que as inventaram e as utilizam. Para Lévy (1999, p. 22), "É impossível separar o humano de seu ambiente material".

Para o filósofo, o "ciberespaço", que é também uma "rede", diz respeito à comunicação e aos novos meios surgidos a partir da "interconexão mundial dos computadores". Ele implica a infraestrutura material que permite a comunicação, as informações que circulam e os seres humanos que o utilizam.

Entretanto, é fundamental esclarecer que, na visão do autor, o "ciberespaço" não era apenas formado pela Internet, mas também por uma série de outros elementos que o compreendiam e lhe "alimentariam". Segundo Lévy (1999, p. 126), as: "redes independentes de empresas, de associações, de universidades, sem esquecer as mídias clássicas (bibliotecas, museus, jornais, televisão etc.)".

A "emergência" desse novo espaço comunicacional e informacional, o "ciberespaço", foi dada a partir de um "movimento social" liderado por um grupo de jovens escolarizados e moradores de grandes cidades no fim dos anos 1970 (o movimento social californiano *Computers for the People*), que se popularizou nos anos 1980, cujas palavras de ordem eram "interconexão, criação de comunidades virtuais, inteligência coletiva" (LÉVY, 1999). A ideia desses jovens era a de que após o barateamento do preço dos computadores, qualquer pessoa física poderia acessá-los e utilizá-los ou, como o autor esclareceu, tornar essa "potência técnica" acessível a outros membros da sociedade, não apenas às "grandes instituições burocráticas".

O sociólogo espanhol Manuel Castells (1999) compreende o surgimento desta sociedade e de sua nova organização social diferentemente de Pierre Lévy (1999), pois, para aquele, foi uma verdadeira revolução ocorrida nos Estados Unidos, na década de 1970, a "revolução tecnológica", que marcou a "sociedade em redes".

Outro aspecto em que os autores divergem está relacionado ao elemento marcante da organização social. Enquanto para Castells (1999) esse elemento é a informação, para Lévy (1999) são as redes (que "alimentam" o "ciberespaço"). Em outras palavras, Castells (1999, p. 573) entende que a informação torna-se o "principal ingrediente da nossa organização social". Por isso, o modelo histórico em questão foi denominado por ele de Era da Informação.

Na Era da Informação, as funções e os processos produtivos organizam-se em torno das redes. Com isso, a sociedade é classificada como "sociedade em redes", ou seja, é uma sociedade capitalista, mas com um diferencial de que o "modo capitalista de produção dá forma às relações sociais em todo o planeta" (CASTELLS, 1999, p. 567).

Castells reconhece que a forma de organização social em rede foi observada em outros tempos e espaços, mas foi graças ao "paradigma da tecnologia da informação" que a expansão dessa organização se deu completamente, isto é, em toda a estrutura social (CASTELLS, 1999, p. 565). Em outras palavras, o novo formato de organização social implica "novas práticas sociais" e a própria vivência do espaço e do tempo como "parâmetros da experiência social".

Para outro pesquisador espanhol, Antonio Marín (2000), é o conhecimento, e não a informação (CASTELLS, 1999), o principal elemento da organização social da "sociedade informacional". Marín conceituou e analisou a "sociedade informacional", sobretudo as consequências na vida em sociedade a partir da instalação dos satélites e da Internet. O sociólogo considerou os aspectos positivos como a possibilidade de obter conhecimento de uma forma cada vez mais acessível, e também a importância que o conhecimento passou a adquirir nessa sociedade. Segundo o autor, a busca pelo conhecimento torna-se cada vez maior, seja na educação, no trabalho e até na vida pessoal.

Em um livro publicado em 2001, Castells discute outro aspecto comum à "sociedade em rede", qual seja, a presença nessa sociedade do "individualismo em rede". O pesquisador espanhol entende por "individualismo em rede", o resultado de um novo padrão de sociabilidade, *individualized relationship to society*, ou também denominado de "relações terciárias", que são diferentes das "relações primárias" (de família e comunidade) e das "relações secundárias" (baseadas nas associações); podendo ser consideradas "comunidades personalizadas" (termo de Barry Wellman, discutido adiante) e baseadas em redes do tipo *me centered*, isto é, centradas principalmente no "eu". Isso representa uma privatização da sociabilidade.

A seguir, pretende-se discutir os efeitos do uso das novas tecnologias, como o computador pessoal conectado à Internet, na comunicação e na sociabilidade notadas na sociedade contemporânea. Serão apontados estudos sobre a própria "comunicação eletrônica", cada vez mais utilizada pelos indivíduos, e também sobre algumas das consequências da sua popularização no mundo atual.

## *2.2. O AVANÇO DA INTERNET E DA "COMUNICAÇÃO ELETRÔNICA" NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA*

A Internet é uma das tecnologias da informação mais importantes criadas na sociedade contemporânea, que resultou em diversas mudanças sociais, sobretudo no que concerne às novas formas de comunicação entre os indivíduos e em sua sociabilidade.

Segundo o sociólogo espanhol Manuel Castells (1999), foi a própria possibilidade de comunicação instantânea, proporcionada pela Internet, que levou ao seu grande crescimento na sociedade. Para o autor, a Internet é considerada a "espinha dorsal da comunicação global mediada por computadores (CMC)<sup>13</sup>", (CASTELLS, 1999, p. 431). Ela é uma rede que liga e interliga a maioria das redes.

A Internet permite, portanto, uma "comunicação global horizontal" graças a dois fatores: a "universalidade da linguagem digital" e a "lógica das redes do sistema de comunicação". A Internet possibilita que a comunicação ocorra de forma instantânea e mundialmente, ou, nas palavras de Castells, a "comunicação global horizontal", pois é uma tecnologia que, tal como o telefone e o telefone celular, permite transcender o tempo e o espaço. O autor também retoma esse aspecto ao mencionar que na nova forma de "comunicação eletrônica" ou no novo sistema de comunicação o tempo é apagado, uma vez que "presente e futuro podem ser programados para interagir entre si na mesma mensagem" (CASTELLS, 1999, p. 464).

No final da década de 1990 e no início do ano 2000, dentre os novos meios de "comunicação eletrônica" destacados por Castells, pode ser citado o e-mail ou correio eletrônico. A utilização de correios eletrônicos pelos usuários da Internet foi mencionada como "atividade de CMC mais comum fora do trabalho" (CASTELLS, 1999, p. 447).

---

<sup>13</sup> *Computer Mediated Communication.*

Ainda de acordo com o autor, os correios eletrônicos substituem a comunicação por telefone, mas não a comunicação interpessoal ou física.

As novas formas de comunicação que se tornaram populares nas sociedades ocidentais mudaram a forma dos relacionamentos sociais. Estudado por Claude Fischer na década de 1980, nos Estados Unidos, o aparelho telefônico foi o primeiro exemplo de produto tecnológico a tornar as conversas entre os indivíduos mais impessoais. A partir da criação da Internet, o e-mail passou a ser utilizado como forma de comunicação, seja profissional ou pessoal; tornando-se cada vez mais comumente usado na sociedade contemporânea. No entanto, tal como o telefone, não deixa de ser uma nova forma impessoal de comunicação. Em outras palavras, não corresponde à comunicação pessoal, tida com um encontro face a face ou presencial, entre os envolvidos na conversa.

É interessante observar, todavia, que no mesmo artigo, o sociólogo Claude Fischer ressaltou, por meio de estudos da época, que "automóveis e telefones estimularam muito mais os contatos locais do que os contatos distantes" (FISCHER, 1985, p. 289). Com base nisso, podemos questionar: e no caso do uso das novas formas de comunicação disponíveis pela Internet, como o e-mail, por exemplo? Será que é possível observar uma tendência a facilitar os contatos sociais na vida comunitária local?

Algumas das consequências do uso da Internet na comunicação entre os indivíduos, citadas por Castells, podem ser resumidas aqui: a) o surgimento da "comunicação eletrônica"; b) a criação das novas "comunidades virtuais"; c) a criação e o uso dos e-mails ou correios eletrônicos; d) apesar de não terem sido mencionados neste estudo, as redes sociais (Orkut, Facebook, Twitter entre outros); e e) os programas de mensagens instantâneas (MSN Messenger, Skype entre outros). Dentre esses produtos, alguns serão apresentados adiante, assim como as novas formas de interação social surgidas a partir da Internet.

O conceito "comunidade virtual" foi teorizado por diversos pesquisadores. No entanto, destacaremos a definição de Howard Rheingold, Barry Wellman e Raquel

Recuero. Um dos primeiros autores a utilizar o conceito de "comunidade virtual", Rheingold a definiu como:

"As comunidades virtuais são agregados sociais que surgem da Rede [Internet], quando uma quantidade suficiente de gente leva adiante essas discussões públicas durante um tempo suficiente, com suficientes sentimentos humanos, para formar redes de relações pessoais no ciberespaço" (RHEINGOLD, 1995, *apud* RECUERO, 2008, p. 65).

Já as novas formas de comunidade vistas na sociedade contemporânea, a partir da interação social surgida com a Internet, foram definidas por Barry Wellman como "comunidades em rede", que "*são redes de laços interpessoais que suprem sociabilidade, suporte, informação, sentimento de pertencimento, e identidade social*"<sup>14</sup> (WELLMAN, 2001, *apud* CASTELLS, 2001, p. 127).

Em um estudo empírico, posteriormente publicado em coautoria por Barry Wellman (WELLMAN & HAMPTON, 2002), foi apresentada uma discussão sobre as comunidades. Nesse estudo, realizado num bairro suburbano, onde se contou com um dos meios mais avançados das novas tecnologias disponíveis na época de sua realização, foi mostrado que a comunidade não corresponde mais à ideia de comunidade tradicional, tal como discutida por Tönnies (1955) e, sim, diz respeito ao conjunto de pessoas que possuem relações sociais entre si, o que lhes permitem obter um sentimento de pertencimento.

A discussão sobre as "comunidades virtuais" também foi encontrada num estudo realizado no Brasil, que analisou as diferentes formas de comunicação eletrônicas encontradas, como a pesquisa sobre os fotologs<sup>15</sup> feita por Recuero (2008), entre maio e abril de 2006. Nessa pesquisa, a autora destaca os agrupamentos sociais surgidos no ciberespaço: as comunidades virtuais. Ela as compreende como redes sociais, passando pela análise dos laços sociais e do capital social.

---

<sup>14</sup> Tradução nossa.

<sup>15</sup> "O fotolog é um sistema que permite aos usuários a publicação de fotografias, textos e comentários" (RECUERO, 2008, p. 63).

Com base na pesquisa, Recuero (2008) criou uma tipologia das comunidades virtuais, identificando-as como: "comunidade virtual emergente", "comunidade virtual associativa" e "comunidade virtual híbrida". A primeira corresponde a que apresenta uma "maior densidade de conexões entre uma quantidade determinada de nós", devido às interações entre os atores, que ocorrem em grande continuidade e frequência. Já a segunda é um tipo de grupo que independe da interação social entre os atores para que estes continuem a fazer parte do mesmo. Nas palavras de Recuero (2008, p. 76): "Basta associar-se através da interação social reativa e assim, o ator continuará membro por um tempo indefinido, geralmente, até que decida desfiliar-se". Por fim, a "comunidade virtual híbrida", contém uma combinação das duas outras formas de agrupamentos: "*Eram fotologs onde, juntamente com os grupos que utilizam o sistema para manter trocas sociais mais dialógicas, existia uma grande quantidade de atores que procuravam unicamente ser 'associados' ao fotolog ou ao grupo que dele emergia*" (RECUERO, 2008, p. 77).

Desse modo, Wellman & Hampton (2002) e Recuero (2008) permitem refletir a respeito do significado de comunidade existente no mundo contemporâneo, a partir da influência da Internet e de seus novos produtos de comunicação. Conforme mencionado, tal significado de comunidade difere completamente daquele estudado por Tönnies (1955): a comunidade tradicional. Assim, surge a questão: e no caso das entrevistas realizadas para a pesquisa de campo, é possível considerar algumas dessas novas formas de comunidade, as comunidades virtuais (RECUERO, 2008) ou as comunidades formadas no sentido do pertencimento do indivíduo (WELLMAN & HAMPTON, 2002)?

Em seu estudo, Recuero (2008) também esclarece a diferença entre comunidades virtuais e redes sociais. Segundo autora, as "redes sociais *on-line*" são "grupo de atores que se constituem através da interação mediada pelo computador" (RECUERO, 2008, p. 63). Elas podem estabelecer novas formas sociais de grupos e comunidades. Portanto, as comunidades virtuais são uma forma de rede social, de acordo com a pesquisadora.

Tendo como objeto de estudo o “fenômeno candente das RSIs”, ou seja, das “Redes Sociais da Internet”, Santaella e Lemos (2010) assim as definem:

"As RSIs são plataformas-rebentos da Web 2.0, que inaugurou a era das redes colaborativas, tais como wikipédias, *blogs*, *podcasts*, o YouTube, o Second Life, o uso de *tags* (etiquetas) para compartilhamento e intercâmbio de arquivos como no Del.icio.us e de fotos como no Flickr e as RSIs, entre elas o Orkut, My Space, Goowy, Hi5, Facebook e Twitter com sua agilidade para microblogging" (SANTAELLA & LEMOS, 2010, p. 7).

Portanto, diferentemente de Recuero (2008) que analisou os fotologs como uma comunidade virtual; Santaella e Lemos (2010) pesquisaram sobretudo uma "rede social digital", no caso, o Twitter. No que diz respeito à sociabilidade, estas pesquisadoras consideram que houve uma mudança, pois, na década de 1990, havia uma ênfase na "interatividade entre humano e máquina" e, depois, passou-se para uma "experiência direta de sociabilidade em rede mediada por computador".

O conceito de "sociabilidade em rede" é bastante diferente da sociabilidade tradicional, ou da "sociabilidade física". Há, portanto, uma mudança do paradigma existente a partir das redes sociais. Assim, "o conceito de sociabilidade em rede [...] é uma forma de sociabilidade que é efêmera, contudo intensa; informacional e tecnológica, combinando trabalho e lazer; solta e genérica, e emerge em um contexto de individualização" (WITTEL, 2001, *apud* SANTAELLA & LEMOS, 2010, p. 91).

Para entender essa mudança de paradigma nas formas de sociabilidade, é importante estudar e analisar a formação de um elemento fundamental nas redes sociais, qual seja, os laços sociais. O Twitter apresenta-se de forma diferente de outras RSIs, como o Facebook e o Orkut, porque nele, a interação e a formação de laços sociais não dependem de vínculos previamente existentes. Santaella & Lemos (2010, p. 91) esclarecem que "(...) a tônica da interação e da formação de laços sociais no Twitter não é baseada em vínculos preexistentes, mas sim na penetração individual em fluxos de ideias (...)".

Com isso, entende-se que o estudo com fotologs, realizado em 2005 e 2006 por Recuero (2008), apresenta essa "tônica da interação" bem diferente da RSI, pesquisada por

Santaella & Lemos (2010). Conforme Recuero (2008) explica, os fotologs estudados por ela são comunidades virtuais, apesar de também serem uma rede social.

No entanto, Recuero verificou que as comunidades virtuais têm elementos como interação, laço e capital social, inclusive estes são seus elementos definidores. A autora também observou que, em alguns dos fotologs analisados, os grupos constituíam-se de interações mútuas, dialógicas e associadas a uma relação existente (RECUERO, 2008, p. 74). Nesse sentido, os fotologs poderiam ser considerados as RSIs, como o Facebook e o Orkut, já que são formados de laços sociais prévios entre os seus usuários.

A análise dos grupos sociais nos fotologs feita por Recuero (2008), em que os comentários eram habituais e as trocas sociais frequentes, indica que os laços sociais eram mais fortes nesses casos. O tipo de agrupamento social encontrado no ciberespaço por Recuero auxilia a compreender que a utilização desse novo espaço social comunicante, que transpassa as barreiras de espaço físico, também pode ser útil para a manutenção e o fortalecimento de laços sociais de diferentes tipos de sociabilidade. Segundo a autora,

"Esses agrupamentos podem apresentar interações frequentes, no tempo, gerando laços sociais. Além disso, também pressupõem certo esforço de sociabilidade, no sentido de que é preciso que os agentes 'sigam' a conversa no ciberespaço, para poder participar dela" (RECUERO, 2008, p. 75).

Portanto, observa-se a mudança de sociabilidade vista na contemporaneidade, e destacada tanto na pesquisa de Recuero (2008) quanto na anteriormente mencionada realizada por Santaella e Lemos (2010). Essa mudança da sociabilidade deverá ser investigada também em nossa pesquisa de campo com os/(as) jovens a serem consultados. Como os indivíduos traçam ali seus relacionamentos de amizade mais duradouros, será apenas pela troca simbólica ou será por outras razões, tais como, a busca do afeto e de encontros presenciais?

Além disso, há outro aspecto fundamental a ser investigado: qual o uso e a finalidade desse tipo de comunidade virtual ou de outros produtos comunicacionais

disponíveis na Internet, tais como e-mails, as RSIs (Orkut, Facebook etc.) e programas de mensagens instantâneas (Messenger, Skype etc.) nas amizades duradouras do indivíduo?

É inegável reconhecer o crescimento das comunidades virtuais, dos programas de mensagens instantâneas e das "Redes Sociais da Internet" (RSIs) no Brasil. Uma série de matérias de revistas de grande distribuição na sociedade brasileira, abordando o tema da amizade e das comunidades virtuais, foi publicada no período da realização desta pesquisa. Por exemplo, uma matéria de 2012 sobre o grande crescimento de brasileiros no Facebook: "Pessoas comuns como os 54 milhões de brasileiros inscritos no Facebook (...)"<sup>16</sup>, ou outra de 2010 que destacava: "O Orkut tem 72% dos usuários no Brasil. Também somos os maiores no Windows Live Messenger"<sup>17</sup>.

Com isso, é importante considerar quais desses produtos comunicacionais os jovens entrevistados utilizam para se comunicar com seus amigos/(as) duradouros/(as). E para que serve a comunicação realizada pela Internet para as chamadas amizades duradouras desses jovens que vivem na sociedade paulistana.

### *2.3. O TELEFONE CELULAR E A MOBILIDADE COMUNICACIONAL*

Ao longo do da realização desta tese, iniciada em 2009 e finalizada em 2014, foi possível observar o desenvolvimento tecnológico no campo da telefonia celular. Esse aspecto é fundamental ao se considerar as novas formas de comunicação interpessoal e de sociabilidade no mundo contemporâneo, a qual é chamada de "sociabilidade do telefone" por Richard Ling (2004).

O desenvolvimento tecnológico do aparelho e do sistema de telefonia celular permitiu observar alterações no comportamento dos seus usuários. Na citação a seguir, tirada de um trecho do livro de Ling (2004), um dos estudiosos do assunto, é possível

---

<sup>16</sup> BUSCATO, Marcela; KARAM, Luíza e AYUB, Isabella. Como fazer amigos de verdade em tempos de Facebook. **Revista Época**. 24 set. 2012.

<sup>17</sup> MANSUR, Alexandre e GUIMARÃES, Camila. *É para todo mundo ver*. **Revista Época**. 31 mai. 2010.

observar que, na época da escrita do livro, pensava-se na possibilidade de o telefone celular apresentar um mapa onde fosse possível localizar um amigo. Em 2013, já existia um aplicativo<sup>18</sup> para isso, o qual, aliás, foi mencionado por alguns dos/(as) entrevistados/(as), demonstrando o avanço tecnológico dirigido à telefonia celular:

"Em adição, novas formas de mensagens, que incluem o intercâmbio de fotografias e músicas, estão se movendo para o mercado. Apesar disso, os serviços fundamentais de comunicação de pessoa para pessoa, baseados primariamente em comunicação por voz simultânea, mas também em mensagens de texto assíncronicas, são centrais ao uso popular da telefonia celular. Finalmente, a telefonia celular permite o desenvolvimento de serviços de transmissão de localização que, por sua vez, abrem a possibilidade de caminho para a posição geográfica, a habilidade de encontrar e localizar vários serviços, etc. Imagine ser possível acessar um mapa que mostre a localização física de um amigo (possivelmente somente aqueles amigos que deram permissão) (Ling 2002)". (LING, 2004, p. 10-11)<sup>19</sup>.

A importância e a inovação da tecnologia desenvolvida pelos homens, suas formas de utilização sociais mais comuns e as mudanças das mesmas durante o período de realização desta pesquisa serão discutidos neste subcapítulo.

Primeiramente, é fundamental discutir o aspecto inovador do aparelho de telefone celular. Segundo o estudioso da temática da telefonia celular, Richard Ling (2004), o telefone celular tem algumas vantagens se comparado com o aparelho de telefone tradicional: sua personalização e sua mobilidade. Nas palavras do autor:

"(...), o telefone celular tem uma vantagem sobre o telefone tradicional, porque é mais personalizado e permite um acesso rápido e direto a outros independentemente da localização. E, além disso, quando ligamos para um telefone celular, nós ligamos para o indivíduo, e não para um endereço ou uma família como no telefone tradicional" (LING, 2004, p. 184)<sup>20</sup>.

A análise segundo a qual o telefone celular transfere sua característica principal, a mobilidade, à vida do indivíduo que usa tal produto tecnológico, destaca as transformações das tecnologias na vida em comunidade e também na vida social.

---

<sup>18</sup> O Foursquare.

<sup>19</sup> Tradução nossa.

<sup>20</sup> Tradução nossa.

Entretanto, de que mobilidade se trata quando se considera o aparelho de telefone celular? Afinal, o que esse novo produto tecnológico inventado pelos seres humanos trouxe de diferencial?

O telefone celular não é considerado um produto revolucionário por Vicentin (2008), pois a população já estava habituada com a comunicação telefônica por fios, no entanto, a telefonia celular tem um fator ligado à mobilidade que corresponde à "potência de nos permitir conciliar comunicação e movimento". Esse é o seu grande diferencial ou sua "inovação", segundo explica Vicentin (2008, p. 36):

"Entretanto, o celular é a primeira mídia portátil que permite ser, ao mesmo tempo, receptor e emissor de mensagens. Ele corresponde à atualização de um desejo 'natural' de comunicação com aquilo que está além do horizonte sensível e, por isso, pretende a superação do espaço físico enquanto obstáculo".

A possibilidade de se comunicar por meio da fala independentemente do espaço físico em que o indivíduo se encontra é uma de suas utilidades para a comunicação interpessoal. Mas uma nova forma de comunicação surge a partir do seu uso: os "torpedos". A possibilidade de receber ou enviar mensagens pelo telefone celular independentemente do espaço físico em que o indivíduo se encontra é o diferencial ou o "salto" importante do produto (VICENTIN, 2008).

Gerard Goggin, outro pesquisador da telefonia celular, menciona que "a primeira mensagem de telefone celular foi enviada em dezembro de 1992 no Reino Unido" (RHEINGOLD, 2002, *apud* GOGGIN, 2006, p. 73); sendo que inicialmente seu uso era comercial e limitado.

Na consulta da literatura sobre o assunto, observa-se o destaque dado à expansão do envio de mensagens de texto nos países nórdicos, especialmente na Finlândia (GOGGIN, 2006). Segundo o autor, o grande *boom* do envio das SMS ocorreu a partir de 1998. Além disso, ele também ressalta que, entre 1999 e 2000, o envio de mensagens de texto foi adotado em muitos países, especialmente pelos jovens. Com isso, dá-se destaque à cultura *teen* como a "cultura das mensagens de texto", pois os jovens, em particular os

adolescentes, são os responsáveis por sua terminologia, seus costumes, seus códigos e suas normas próprias (GOGGIN, 2006, p. 74).

Ling (2004) também destaca o envio de mensagens de texto, dentre uma série de usos do telefone celular. Para o pesquisador, desde o final da década de 1990, foi identificado o crescimento do envio de mensagens por telefone celular ou "Serviço de Mensagens Curtas" (SMS). No entanto, é importante lembrar que o envio de textos (*texting*) inclui, além das mensagens escritas, o envio de fotos, sons, documentos entre outros tipos de anexos.

As estatísticas produzidas sobre a Noruega, país de 4,5 milhões de habitantes e com uma das maiores médias de uso do SMS, no início dos anos 2000<sup>21</sup>, era de 335 mil mensagens enviadas por telefone celular por hora, sendo mais de 8 milhões de mensagens enviadas todos os dias. Já a média mundial de envio de SMS saltou de 4 bilhões, em janeiro de 2000, para 20 bilhões de mensagens de texto por telefone celular, em junho de 2001 (LING, 2004, p. 145).

O sociólogo esclarece que as razões para a popularidade do uso das mensagens de texto são o seu valor relativamente mais barato do que uma ligação e também a sua conveniência. Os adolescentes e os jovens adultos são os maiores adeptos do uso de mensagens de texto, pois, segundo Ling (2004, p. 148):

"O foco do envio de mensagens é entre os adolescentes e jovens adultos, particularmente entre as mulheres. Considerando os dados do Reino Unido, Itália, Alemanha e Israel, nós encontramos de forma constante que os usuários mais jovens dizem enviar mais mensagens de texto do que outros grupos. Dados da Noruega, em 2002, mostram também que as mulheres e os adolescentes/jovens adultos são os usuários de SMS mais entusiastas. Em 2002, mais de 85% dos adolescentes e jovens adultos reportaram enviar mensagens SMS diariamente".

Os "torpedos" são a forma conhecida popularmente no Brasil para a sigla em inglês SMS. Sua utilização como nova forma de comunicação foi na realidade um acidente de percurso com um final positivo (VICENTIN, 2008), pois, em países onde o custo da

---

<sup>21</sup> Época em que Ling escreveu o livro.

ligação desse tipo de telefone é bem maior, como o Brasil, o envio desse tipo de mensagens curtas barateia a conta paga pelo usuário.

Dois importantes usos sociais do telefone celular no Brasil foram enumerados pelo cientista social Diego Vicentin, quais sejam, a possibilidade de comunicação por meio da fala, independentemente da localidade em que os indivíduos se encontrem, e a possibilidade de envio de mensagens curtas (SMS ou "torpedos"). Deve-se notar que na primeira fase da realização da pesquisa, nos anos 2009 e 2010, esses dois usos identificados pelo autor foram, de fato, os dois principais citados. Todavia, deve-se considerar o celular enquanto um produto não só de consumo<sup>22</sup>, como também de uso cotidiano para a comunicação interpessoal entre os membros da sociedade brasileira. Interessa aqui, sobretudo, a sua utilização para a comunicação interpessoal entre amigos/(as) duradouros/(as).

Quanto aos outros usos do telefone celular, Ling (2004) destaca a relevância do aparelho na manutenção do contato social com amigos e colegas: "Na Europa, é geralmente visto como o meio preferido para a manutenção das redes de amizade (Smoreda and Thomas 2001a; Crabtree et al 2002)", (LING, 2004, p. 147).

Em outras sociedades contemporâneas, como a chinesa, estudada por Castells (2007), 74% das mensagens enviadas por telefone celular ou SMS têm como objetivo manter conversas com amigos. Essa é, portanto, outra tecnologia que serve de "instrumento de sociabilidade" (RIBEIRO, 2011). Mas será somente esse o seu impacto na vida em comunidade: promover a sociabilidade entre os amigos/(as)? Ou o telefone celular tem outros usos sociais em grupos de amigos jovens na contemporaneidade?

Ling (2004, p. 166) ressalta que a possibilidade de se comunicar com os outros por meio de programas de mensagens instantâneas, também disponíveis pelo computador pessoal, serviu de alternativa ao envio de mensagens de texto pelo telefone celular.

---

<sup>22</sup> Vicentin (2008) lembra que a primeira ligação feita de um telefone celular para um telefone residencial deu-se em 1973 e, após 10 anos, o produto passou a ser comercializado nos EUA.

"Finalmente, muitos adolescentes têm prontamente alternativas disponíveis, particularmente na maioria as mensagens instantâneas. É comum para estudantes universitários, por exemplo, ter livre acesso a computadores no campus e redes nos dormitórios que incluem mensagens instantâneas. Somente como a grande expansão do Minitel bloqueou a expansão da Internet na França, as mensagens instantâneas bloquearam a necessidade de uma expansão do envio de mensagens de textos para estas pessoas"<sup>23</sup>.

Ao longo da realização desta pesquisa foi possível observar a mudança no papel do telefone celular, pois, nos últimos dois anos, principalmente, sua finalidade passou a ser o acesso à Internet. Na segunda fase da pesquisa de campo, muitos/(as) entrevistados(as) mencionaram que utilizam o celular para ler e-mails, acessar as redes sociais (Facebook e Twitter) ou para se comunicar de forma instantânea, através dos produtos disponíveis pela Internet como WhatsApp Messenger e Skype.

Outro importante uso do telefone celular, citado por Goggin (2006), refere-se à prática do compartilhamento de fotos, o que se deu com as culturas do telefone celular e da Internet. Nesse sentido, tanto um quanto o outro são elementos fundamentais no desenvolvimento da "cultura digital". Esta cultura digital faz parte da área denominada atualmente de "software social" que, de acordo com Goggin (2006, p. 152): "(...) é o desenvolvimento de um *software on-line*, e de rede, especialmente baseado na Internet, que se constrói nas culturas de uso, estabelecidas com *chat* em particular".

Dois exemplos de "software social" são o Orkut e o Friendsters, em que é necessário o convite de um amigo para iniciar a participação em um grupo, podendo-se customizar o perfil, ou *profile*, e indicar os interesses, tais como: fazer novos amigos, procurar um novo amor, desenvolver *networking*. "O software social permite uma forma semiaberta, regulada de fazer novos amigos ou outras relações, por meio da mobilização da confiança" (GOGGIN, 2006, p. 152)<sup>24</sup>.

As investigações sobre as câmeras de telefone celular têm grande preocupação com uma série de problemas técnicos (a qualidade das lentes, o material do qual as lentes

---

<sup>23</sup> Tradução nossa.

<sup>24</sup> Tradução nossa.

são feitas, a vida da bateria, a resolução das fotografias etc.), e também "como as fotos tiradas do telefone celular capturam o mundo", de acordo com Goggin (2006, p. 152). Ao citar a pesquisadora Susan Sontag e sua noção de "olhando com as fotografias", o autor mostra como as fotografias têm produzido "novas práticas de visão mediada".

Goggin (2006, p. 155) explica ainda a definição de *moblogging*, que é outra prática que envolve a mobilidade e a tecnologia, na qual a imagem é também importante. "*Moblogging* é uma instância concreta de se unir pela Internet e pelo telefone celular (...), as tecnologias em que as imagens têm se tornado destacadas"<sup>25</sup>. O *moblogging* tem as características do que é chamado de *locative media*, podendo "ao mesmo tempo estender e intensificar o *blogging* por si mesmo".

Ademais, foram encontradas discussões sobre as consequências a partir do uso do telefone celular na sociedade contemporânea. Ling (2004) citou o crescimento do processo de individualização da sociedade ou a valorização do indivíduo. O pesquisador ressalta como o telefone celular é a meio de comunicação personalizado, porque seus usuários tornam-se ao mesmo tempo não só individualmente disponíveis, mas também "situacionalmente disponíveis". Isso porque é através desse dispositivo comunicacional que se pode localizar um amigo, um táxi ou uma variedade de serviços e objetos em tempo real.

"O outro lado da moeda é a capacidade da comunicação por telefone celular de contribuir para a individualização na sociedade. Certamente, o telefone celular representa um aumento da individualização da comunicação mediada. (...) Nossos amigos estão listados lá de acordo com a gravação das ligações que fizemos. (...) Telefonia celular é utilizada para coordenar nossas ações individuais e os movimentos vis-à-vis ao dos outros indivíduos no grupo social" (LING, 2004, p. 186).

Em uma obra posterior, Richard Ling (2008, p. 102) destaca outra consequência do uso do telefone celular: a criação de barreiras para a interação social face a face:

"O crescimento da adoção do telefone celular também tem uma consequência secundária que é a criação de barreiras na interação por copresença. Se, por

---

<sup>25</sup> Tradução nossa.

exemplo, o nosso parceiro por copresença estiver no telefone, nós devemos preencher o nosso tempo com outras atividades".

A origem do "ciberespaço" também é uma consequência importante trazida com a comunicação por telefone celular e pelo advento da Internet. Tanto o telefone celular quanto a Internet (comunicação mediada pelo computador) - e mesmo a possibilidade de se comunicar pela Internet, fazendo uso do celular - indicam como cada vez mais é possível considerar a existência desse novo "espaço de outra natureza, comunicante, informacional" (VICENTIN, 2008, p. 4), ou o "ciberespaço", estudado por Lévy (1999) e por outros autores aqui citados.

Nesse sentido, é inegável que o "ciberespaço" é um novo ponto de encontro com os amigos; no entanto, não se trata de um encontro presencial, mas, sim, a distância e que se dá num "espaço de outra natureza", que também é comunicante. Mesmo ao se considerar as diferentes formas de comunicação dadas pelo aparelho de telefone celular e pela Internet, o "ciberespaço" é um lugar comunicacional que transpassa os limites do espaço físico, permitindo a comunicação independentemente do local em que o indivíduo se encontre.

Logo, um dos interesses presente nesta pesquisa é compreender se, para os/(as) jovens entrevistados/(as), o "ciberespaço" preenche a necessidade do encontro presencial com o outro, ou se ainda é fundamental haver proximidade física nas relações de amizade duradoura.

O intuito dessa questão é compreender se a amizade duradoura se mantém principalmente através dos encontros no ciberespaço na sociedade contemporânea ou se ainda é fundamental haver a proximidade física para a sua existência e manutenção.

Uma vez que, na sociedade contemporânea, toda a estrutura social é influenciada pela informação; de que forma ela pode auxiliar as relações sociais? A "comunicação eletrônica", propiciada pela Internet, pode auxiliar nas interações sociais entre amigos e não amigos? E no caso da amizade duradoura, qual é a forma mais comum

de "comunicação eletrônica" utilizada? Essas são algumas questões que serão debatidas no quarto e último capítulo desta tese, referente à pesquisa de campo.

A partir de tais perguntas, e de outras já elucidadas neste capítulo, será possível compreender qual a função social da amizade no mundo contemporâneo, marcado tanto por encontros no ciberespaço quanto por encontros presenciais entre amigos. Será possível ainda entender como os jovens moradores de São Paulo lidam com suas relações de amizade, na sociedade em que vivem e na fase da vida em que se encontram, e quais são as dificuldades comuns com as quais se deparam por viverem em um grande centro urbano: distância geográfica, trânsito, falta de lugares públicos, entre outra.

## **CAPÍTULO 3 - SUPORTE METODOLÓGICO**

### *3.1. INTRODUÇÃO À ABORDAGEM METODOLÓGICA NAS PESQUISAS SOBRE A AMIZADE*

As pesquisas empíricas encontradas na literatura sobre amizade na Sociologia utilizam tanto a metodologia quantitativa (BOOTH & HESS, 1974; FISCHER & OLIKER, 1983; LAZARFELD & MERTON, 1954; WILLIAMS JR., 1959), como a qualitativa (ALLAN, 1977; REZENDE, 2002; WALKER, 1994).

Alguns estudiosos da temática baseiam-se na ideia de que amizade corresponde ao relacionamento de uma ou mais pessoas envolvidas. Essa ideia também traz variações à caracterização do que se entende por amigo. A dificuldade de se operacionalizar o termo amigo foi considerada um dos grandes problemas no estudo de Williams Jr. (1959). A solução encontrada pelo autor foi limitar à investigação empírica a um tipo específico de amizade: ao “melhor amigo”. Portanto, há a necessidade de se fazer uma cuidadosa e clara delimitação do tipo de amizade que se pretende examinar, dada a variabilidade do termo já identificada na literatura, como discutido na pesquisa de Rezende (2002).

Mas se há interesse em trabalhar com algumas das variações nas relações de amizade, como as variações das diferenças nas amizades de homens e de mulheres que Walker (1994) pesquisou, é necessário fazer uso de perguntas genéricas e específicas sobre essas relações. As perguntas genéricas permitem entender o significado da amizade para os entrevistados; e as questões específicas permitem entender os diversos tipos de amizade ou seus padrões.

A escolha metodológica utilizada por Karen Walker (1994) em sua pesquisa empírica foi trabalhar com grupos de amigos. Assim, na amostra de sua pesquisa, havia vários entrevistados com pelo menos um amigo em comum. Essa abordagem não só lhe permitiu entender as questões mais notáveis que perpassam as relações de amizade entre os gêneros, mas também compreender as interações sociais de modo mais aprofundado e

completo, uma vez que essas relações são construídas mutuamente por duas pessoas no mínimo, entrevistadas pela pesquisadora.

A mesma abordagem metodológica também foi encontrada em seu estudo sobre a amizade de indivíduos de diferentes classes sociais. Assim, para selecionar quem iria constituir sua amostra, Walker (1995) solicitou entre conhecidos das classes trabalhadora e média que indicassem uma pessoa que eles conhecessem, mas que não fosse amigo/(a) muito próximo/(a). Após ter feito as entrevistas com essas primeiras pessoas indicadas, pediu para que essas indicassem outro amigo íntimo e, caso essas duas pessoas se conhecessem, seria ainda melhor para sua amostra, uma vez que trabalhou com grupos de amigos. Com isso, sua amostra apresentou, do total de entrevistados, pelo menos cinco pessoas com um amigo em comum e várias com dois amigos em comum, sendo que algumas mulheres tinham três amigas em comum no estudo. Aqueles que não tinham um amigo na amostra era porque se recusaram a indicar alguém para participar do estudo ou o próprio amigo não quis participar da entrevista.

Tal metodologia utilizada para realizar sua seleção amostral tem vantagens e desvantagens. Como a própria pesquisadora esclarece, as desvantagens correspondem às limitações para generalizações e para a possibilidade de haver opiniões tendenciosas. Já há diversas vantagens atingidas, tais como responder às questões da pesquisa; obter ricas descrições sobre amizade; e alcançar significados completos das interações entre amigos por ter realizado entrevistas com amigos em comum.

Foi com base na abordagem metodológica sugerida por Karen Walker (1995) que foram selecionados os entrevistados que compuseram os estudos de caso desta tese.

Assim, neste capítulo, pretende-se esclarecer as técnicas utilizadas na pesquisa de campo, tanto para a obtenção da amostra, quanto para a investigação do tema da pesquisa e de nosso objeto de estudo, qual seja, a função social da amizade duradoura na sociedade paulistana. Além disso, será feita a descrição sobre a própria pesquisa de campo, como a explicação do total de entrevistas realizadas; o período em que foram feitas; o local e as condições para sua realização; além das dificuldades na obtenção da amostra. Também

serão apresentadas de modo geral algumas informações sobre a idade, o gênero, a origem (nascido no município de São Paulo ou migrante), as profissões e outros aspectos relacionados aos entrevistados.

### 3.2. DESCRIÇÃO DO SUPORTE METODOLÓGICO UTILIZADO

A técnica utilizada para a obtenção da amostra é conhecida como *snow ball sample* ou bola de neve. Bailey (1982) explica que a aplicação da técnica da bola de neve aumentou nos últimos anos, principalmente envolvendo pesquisas de observação (*observational research*) e de estudos de comunidade.

Geralmente, essa técnica de obtenção da amostra é considerada não probabilística, no entanto, ainda de acordo com Bailey (1982), alguns pesquisadores desenvolveram uma estratégia pelo computador para que esta possa se tornar também uma técnica de amostra probabilística.

No artigo de Snijders (1992) foi feita uma revisão crítica da possibilidade da técnica como um método de amostra probabilística. O autor a define enquanto a possibilidade de um "caminho informal" a ser utilizado para se alcançar uma população. Segundo Snijders (1992), também pode ser usada para "métodos de obtenção de amostra mais ou menos formais, com o propósito de ou se fazer inferência no que diz respeito à população de indivíduos ou no que diz respeito à estrutura de rede naquela população" (SNIJDERS, 1992, p. 59).

A explicação do funcionamento da técnica da bola de neve foi feita por Bailey (1982, p. 100) e, por ser bastante esclarecedora, é importante citá-la aqui:

"A técnica da bola de neve, probabilística ou não probabilística, é conduzida em etapas. Na primeira etapa, algumas pessoas que tenham o perfil característico e requisitado são identificadas e entrevistadas. Estas pessoas são usadas como informantes para identificar outros que estejam qualificados para a inclusão na amostra. A segunda etapa envolve entrevistar estas pessoas, que por sua vez

levam a ainda mais pessoas que podem ser entrevistadas numa terceira etapa, e assim sucessivamente".

Pautando-se nessa técnica para a obtenção da amostra, inicialmente foram escolhidos os primeiros entrevistados ou entrevistadas com base no perfil requisitado do indivíduo pesquisado, que, no caso desta tese, teria de ser jovem, homem ou mulher, com idade entre 20 e 30 anos, nascido/(a) na metrópole paulistana ou que tenha migrado para a cidade há no mínimo dez anos, pertencente à classe média e, por fim, que seja considerado um(a) "conhecido(a)" da pesquisadora.

A definição do indivíduo "conhecido" não foi apresentada por Rezende (2002), em sua pesquisa sobre a amizade entre os brasileiros, moradores do Rio de Janeiro. Mas entende-se por "conhecido" uma pessoa a quem se foi diretamente apresentado em algum momento, alguém com quem se convive ou se conviveu social e esporadicamente, seja num local de trabalho ou de estudos (curso de língua, faculdade) ou mesmo uma pessoa que faça parte do mesmo círculo social (amigo ou colega do irmão, por exemplo). O fundamental é que não se tenha havido relações muito próximas com o indivíduo apenas "conhecido". Essa definição se assemelha com aquela de "colega" apresentada por Rezende (2002), isto é, aquele com quem se convive ou conviveu em diversas situações sem ter se tornado um amigo. Assim, partiu-se de um total de dez entrevistados, sendo cinco homens e cinco mulheres, que se encontravam, na época da realização da entrevista, adequados ao perfil buscado, conforme indicado anteriormente. Após a realização da primeira entrevista, pediu-se para que o/(a) entrevistado/(a) indicasse outro/(a) provável entrevistado(a); no caso, uma pessoa que fosse considerada um "amigo duradouro" ou uma "amiga duradoura", e assim sucessivamente.

É importante mencionar que as entrevistas realizadas para a produção desta tese são consideradas "entrevistas semiestruturadas", e correspondem a "um dos principais meios que tem o investigador para realizar a Coleta de Dados" (TRIVIÑOS, 1987, p. 145).

Triviños (1987) esclarece que esse tipo de entrevista não só valoriza a presença física do/(a) pesquisador/(a), como dá a possibilidade de enriquecer a investigação, pois

"oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias" (TRIVIÑOS, 1987, p. 146). Sua definição de "entrevista semiestruturada" é a seguinte:

"Podemos entender por *entrevista semiestruturada*, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa" (TRIVIÑOS, 1987, p. 146).

Todas as entrevistas foram gravadas, após a autorização dos/(as) entrevistados/(as). Seguindo-se a orientação de Triviños (1987), é importante gravá-las, pois, por serem semiestruturadas, a responsabilidade do investigador torna-se ainda maior, já que contando apenas com fragmentos da entrevista, ou "elementos (...) provavelmente fragmentados", gera-se uma exigência enorme de atenção.

Apesar de costumeiramente o gravador inibir o informante, conforme lembra Triviños (1987), também é bastante comum que os entrevistados rapidamente se esqueçam do aparelho e passem a atuar de forma espontânea. Isso foi de fato constatado durante entrevistas, pois alguns entrevistados pareciam mais "tímidos" no início da conversa, mas passavam a falar de forma mais solta e desinibida com o transcorrer do tempo.

As entrevistas realizadas também foram transcritas. Isso auxilia na análise e na obtenção dos resultados da pesquisa, pois, conforme Triviños (1987, p. 148) menciona:

"Nós recomendamos a gravação da entrevista, ainda que seja cansativa sua transcrição. Somos partidários disto fundamentalmente por duas razões surgidas de nossa prática como investigadores. A gravação permite contar com todo o material fornecido pelo informante, o que não ocorre seguindo outro meio".

O intuito inicial era atingir 40 entrevistas, no entanto, foram realizadas 37, pois não foi possível concluir duas delas, além de ter sido necessário excluir uma<sup>26</sup>. Dentre as dificuldades encontradas nas entrevistas realizadas, pode-se elencar: a) uma entrevistada indicou a cunhada, o que gerou o descarte da entrevista, pois não podia haver laços familiares; b) houve a recusa da realização de uma entrevista, pois a pessoa alegou falta de tempo ou compromisso do trabalho; c) algumas pessoas foram excluídas por não responderem aos contatos telefônicos, a mensagens de telefone celular e/ou e-mail; d) o local de realização da entrevista possuía muito barulho, seja ocasionado por música ou por pessoas conversando.

As entrevistas foram realizadas em dois momentos: entre agosto e dezembro de 2010, e entre dezembro de 2012 e agosto de 2013. Do total de entrevistas, 17 foram concluídas na primeira etapa e as 20 restantes na segunda. Dos entrevistados, 13 eram homens e 24, mulheres; sendo apenas um morador da cidade de Guarulhos, os demais eram todos moradores de diferentes bairros do município de São Paulo. Quatro destes eram migrantes, nascidos no interior de São Paulo e em Minas Gerais.

Quanto ao nível de escolaridade, todos os/(as) entrevistados/(as) concluíram o curso superior e trabalhavam na área profissional escolhida. Suas ocupações eram: contador (1), terapeuta holista (1), publicitária (2), administradora (3), educadora física (1), empresária (3), psicóloga (1), ator (2), atriz (1), publicitária (2), enfermeira (1), nutricionista (1), médica (1), engenheiro civil (2), engenheira química (1), engenheiro mecânico (1), engenheiro/(a) de telecomunicação (2), profissional de rádio e tevê (3), advogada (1), formação em ciência e tecnologia (1), turismóloga (1), jornalista (1), ceramista (com formação superior e estudante de pós-graduação) (1), farmacêutica (2) e cineasta (1). Além disso, são jovens pertencentes à camada média, que têm Ensino Superior

---

<sup>26</sup> Apesar de a entrevista ter sido marcada por telefone com um deles - que por sua vez indicaria o outro indivíduo a ser entrevistado -, esta teve que ser desmarcada (maio de 2013). Na segunda tentativa, o indivíduo solicitou que a entrevista ocorresse em seu local de trabalho, porém, em um ambiente não totalmente isolado. Tal fato impossibilitou a realização da mesma, devido à quebra da garantia da confidencialidade das informações, já que a entrevista seria realizada em uma sala próxima a outras pessoas. Embora tenham sido feitas diversas outras tentativas de contato por telefone celular (ligação ou mensagem), todas foram frustradas.

concluído (ou em fase de conclusão), trabalham na área de formação e são moradores de bairros de classe média conforme requisitado.

Vale mencionar que os nomes dos entrevistados, assim como o das pessoas citadas nos depoimentos, foram modificados com o intuito de garantir o anonimato de todos.

A maioria das entrevistas foi realizada em estabelecimentos comerciais, como cafés, restaurantes, padarias, praças de alimentação de shoppings ou bares. Algumas foram feitas na casa dos entrevistados, ou em área comum de condomínio, e duas aconteceram na casa da pesquisadora.

A indicação do local de realização da entrevista partiu sempre dos entrevistados, sugerindo-se sempre que eles escolhessem um lugar próximo de suas residências para facilitar a conclusão da conversa. O contato com os entrevistados deu-se principalmente por e-mail, transmitido à pesquisadora pela pessoa que havia sido entrevistada anteriormente.

A importância de se combinar o local e o horário da entrevista previamente é uma demonstração de respeito para com as atividades do entrevistado, segundo ressalta Triviños (1987, p. 149):

"É conveniente que o informante e o investigador estabeleçam *horário e local* possíveis de entrevistas e fixem, mais ou menos, a duração das mesmas. Isto não só permite ao investigador o planejamento de seu tempo, mas também significa um respeito pelas atividades do informante e, nesta fase, um encaminhamento normal da pesquisa. Adiantamo-nos a dizer que nenhum investigador crê na rigidez absoluta da exatidão da realização dos encontros".

Após ter sido feito o primeiro contato por e-mail, às vezes ocorria mais de um contato pelo meio eletrônico, confirmava-se a data e o local da realização da entrevista; geralmente, passava-se o número de telefone celular e, então, ambos se descreviam para facilitar a identificação quando do encontro. Quatro pessoas recusaram-se a participar da pesquisa, pois, de acordo com a justificativa principal, não dispunham de tempo ou tinham

impedimento de agenda por conta do trabalho. Houve um caso em que o telefone não foi atendido, mesmo após terem sido feitos dois contatos.

A técnica usada para a investigação do tema de pesquisa é a relacionada aos usos do tempo. Baseando-se nessa técnica, cria-se o "diário de usos do tempo" que corresponde ao "instrumento básico de coleta de dados sobre os usos do tempo" (NEUBERT, 2006). Esse diário corresponde à elaboração de um questionário<sup>27</sup>, em que o/(a) entrevistado(a) esclarece todas as atividades realizadas durante o dia, ou seja, nas 24 horas de seu dia.

Por ser possível que o indivíduo realize mais de uma atividade ao mesmo tempo, é importante diferenciar as "atividades principais" e as "atividades secundárias". De acordo com a explicação de Neubert (2006, p. 44), as "atividades principais" são aquelas que "têm início anteriormente a qualquer outra", além disso, "duram mais tempo" e "não são decorrência de nenhuma outra atividade".

Ademais, deve-se questionar sobre o local onde tais atividades foram desenvolvidas, se no âmbito doméstico ou não; assim como se o entrevistado estava só ou acompanhado, ou seja: "(sozinho, com pessoas estranhas, pessoas conhecidas, pessoas adultas e crianças que coabitam o mesmo domicílio)" (NEUBERT, 2006, p. 44).

Portanto, nesta tese, seguindo-se a técnica dos usos do tempo, explorou-se tempo a tempo, isto é, investigaram-se as atividades cotidianas dos entrevistados e o tempo utilizado para a realização das mesmas (em minutos ou horas), bem como a sua frequência durante o dia, numa semana, num mês ou num ano. Como esta pesquisa é sobre a amizade, também foi investigado se as atividades eram realizadas individualmente ou na companhia de outra pessoa. O intuito, nesse caso, era conhecer o objeto de estudo, o/(a) *amigo/(a) duradouro/(a)* do sujeito investigado, bem como a compreensão da vida social do entrevistado.

---

<sup>27</sup> Vide anexo, em que é apresentado o questionário utilizado para colher as informações dos usos do tempo dos/(as) entrevistados/(as).

Nesse tipo de técnica é comum analisar, além das atividades realizadas em um dia de semana, outras concluídas pelo indivíduo no final de semana, de acordo com o que esclarece Neubert (2006). E como estudar a amizade implica conhecer a vida social do indivíduo, também é de suma importância, conforme sugere a metodologia, que se estude dois dias específicos na vida do sujeito: um durante a semana e outro no fim de semana. Assim, o intuito, nesta pesquisa, foi conhecer dois dias específicos da vida social do indivíduo: um deles voltado ao conhecimento de sua vida cotidiana de trabalho ou estudos e outro dedicado ao descanso, ao lazer e a sua vida social.

Cada entrevista foi realizada em um único encontro presencial. A mais longa teve a duração de 1 hora e 54 minutos; já a mais curta durou 35 minutos. No geral, as entrevistas duraram uma hora. Algumas delas foram interrompidas por instantes devido a fatores externos, como o recebimento de ligação de telefone celular; a chegada de outra pessoa ao local de realização da entrevista, ou ainda música ou barulho que dificultam a conversa. Nos momentos dessas interferências externas, a gravação foi interrompida e, após a normalização da situação, retomava-se normalmente a entrevista. No caso de a interferência ser causada pela música ou pelo barulho da conversa de outras pessoas, uma vez que o local do encontro era um bar, por exemplo, a entrevista era interrompida até que se encontrava outro local mais tranquilo para que fosse realizada.

Quanto às diferenças encontradas na primeira e na segunda etapas da realização das entrevistas, além de serem poucas, elas se relacionam com as principais formas de comunicação proporcionadas pela Internet ou pelo telefone celular utilizadas pelos/(as) entrevistados/(as), tal como será abordado no próximo capítulo e nas conclusões.



## **CAPÍTULO 4 - INTERPRETAÇÕES SOBRE A AMIZADE A PARTIR DE UMA PESQUISA DE CAMPO NA METRÓPOLE PAULISTANA**

Neste capítulo, serão apresentados os principais resultados da análise da pesquisa de campo - iniciada no segundo semestre de 2010 e concluída em agosto de 2013, conforme já explicado - com base em trechos dos depoimentos dos entrevistados.

Para apresentar os resultados e iniciar a referida análise, é importante mencionar as duas categorias principais de análise, que são: a função social da amizade duradoura e a manutenção da amizade duradoura. Assim, as duas categorias, por sua ordem de importância, serão discutidas inicialmente na análise exploratória.

Como trataremos da explicação da amizade duradoura com base na pesquisa de campo, inicialmente será abordada a segunda categoria de análise: a manutenção da amizade duradoura. Nesse sentido, para se descrever a amizade duradoura, serão expostos os seguintes pontos: a) origem da formação da amizade, b) por que as amizades são duradouras, e c) a frequência de contato entre os amigos duradouros.

Na discussão do último item, isto é, a frequência de contato entre os amigos duradouros, serão abordadas as formas de manutenção do contato social: fisicamente e a distância. Com isso, é importante destacar outro assunto a ser tratado neste capítulo que diz respeito aos recursos tecnológicos utilizados pelos/(as) entrevistados/(as) para a manutenção de suas amizades duradouras, visto que as formas de manutenção do contato social para os jovens adultos consultados nesta pesquisa de campo estão em constante transformação.

A comunicação estabelecida entre os jovens com seus amigos é bastante influenciada pela velocidade contínua da modificação das tecnologias da informação e da comunicação. Tal fato foi observado durante os dois momentos distintos da realização da pesquisa de campo. Essa discussão também será realizada neste capítulo.

Outras considerações importantes relacionadas ao objeto de estudo, como a sociabilidade urbana, a acomodação de grupos migrantes e imigrantes e suas amizades, entre outros temas, também serão discutidas no final do capítulo.

#### 4.1. A AMIZADE DURADOURA E SUA MANUTENÇÃO

##### a) Origem da formação da amizade:

Onde se originam as amizades duradouras? A discussão proposta por Graham Allan (1977) demonstra a importância do meio social na formação dessas amizades. Entre um dos resultados de sua pesquisa sobre a amizade nas classes sociais inglesas, a caracterização dos encontros com os amigos como *just happening* é um indicador da importância da estrutura social específica na origem da relação de amizade. Os entrevistados da classe trabalhadora enfatizam o aspecto de suas interações sociais corresponderem "mais a uma consequência não planejada de estar no mesmo lugar ou realizar a mesma atividade do que o outro" (ALLAN, 1977, p. 391).

Na pesquisa de campo aqui realizada, também houve essa discussão sobre a origem da amizade. Pode-se citar o depoimento de uma entrevistada de 40 anos, empresária, em que se verifica um pouco essa questão:

*"Amigo não é obrigação. Amigo é, eu acho que você não escolhe os amigos, não dá para escolher um amigo" (Mulher).*

Posteriormente, quando a entrevistada foi indagada sobre o que faz com que duas pessoas comecem a travar uma relação de amizade, ela mencionou as coincidências e as afinidades, conforme o seu depoimento abaixo elucidado:

*"Uma coincidência que deu um encontro casual ou... Eu acho que não existe amizade forçada ou que você escolha. Eu acho que não se escolhe. Ambos se escolhem, vai, vamos dizer assim" (Mulher).*

Apesar de haver esse questionamento na entrevista, é importante mencionar que em diversos momentos da pesquisa de campo foi evidenciada pelos indivíduos consultados a importância do meio social para a formação das amizades entre aqueles que vivem na cidade.

Entretanto, a influência do meio social nas amizades é considerada sobretudo quando são discutidas a sua origem, seja através do contato social travado nas mais diferentes instituições sociais, seja no seu círculo social. Tal influência também é reconhecida por uma entrevistada ao citar a ferramenta da rede social *Facebook*, que indica "os amigos comuns" que dois indivíduos possam ter, como ilustra o seu depoimento:

*"É. E a gente descobriu que tinha amigos em comum. (...) É engraçado que você está falando de redes sociais. Eu às vezes brinco que o mundo é pequeno, mas quando você conhece alguém pelo Facebook e a pessoa te adiciona e você não tem nenhum amigo em comum, eu acho super esquisito. Eu falo assim, o que essa pessoa faz? Porque eu fico com preconceito, achando que eu não tenho afinidade nenhuma. Porque o meu círculo é grande assim, sei lá, eu fiz duas faculdades, é, eu andava com o pessoal de outra faculdade (...)" (Mulher).*

Observa-se, então, na análise qualitativa, que muitas amizades duradouras são originadas principalmente na fase da vida considerada a adolescência dos/(as) entrevistados/(as) e, em menor quantidade, na infância (mas não menos considerável), nas mais diferentes instituições sociais, com destaque principalmente à escola.

A escola é a instituição social que propiciou o surgimento da maioria das amizades duradouras estudadas. Por exemplo, um dos entrevistados ainda considera a sua "melhor amiga", uma pessoa com quem estudou desde a quinta série do Ensino Fundamental:

*"Então, a gente estuda desde aquela época, aí nós estudamos o Ensino Médio juntos, aí, na faculdade, eu fui fazer um curso e ela foi fazer outro. Ela fez Química. Então, a gente não fez a mesma faculdade. Então, a gente fez alguns amigos em comum, que é do curso dela, que depois eu conheci na festa dela e outra parte dos amigos comuns são do colégio" (Homem).*

Outra entrevistada, com 28 anos na época da realização da entrevista, destacou ter conhecido sua grande amiga, com quem tem contato desde os 14 anos de idade, na escola, a partir de um projeto sobre solidariedade, solicitado e idealizado por um professor que tinham em comum.

*"(...) tinha um projeto dentro da escola de solidariedade e tal. E ela também entrou e foram divididos grupos e a gente teve que ficar no mesmo grupo. E aí, um dia, eu me deparei na cozinha dela, tendo que conversar com ela sobre esse trabalho. (...)" (Mulher).*

Além da escola, outras instituições sociais foram mencionadas com bastante frequência pelos entrevistados, seguindo-se aqui sua ordem de maior quantidade de menções feitas: em primeiro lugar, a vizinhança (mesmo prédio ou rua de bairro); depois, a igreja frequentada por ambos. A seguir, os depoimentos que tratam a respeito do início da amizade duradoura:

*"Eu tenho grandes amigas, mas a Sara é a mais longe, porque a gente cresceu juntas. Então, eu tenho outras amigas que a gente se conheceu no colégio, essas minhas amigas moram no interior. Eu conheço há mais de 15 anos, que são assim tipo amigos, e tem outras amigas que eu conheci no decorrer que também são. Eu, graças a Deus, tenho boas amigas, que eu consigo contar na mão, é, e são amigas de verdade, porque o resto são colegas. (...)" (Mulher).*

*"Não, não, eu acho que a Madalena é mais amiga assim. Eu falo menos com a Madalena, mas eu acho que a Madalena é mais amiga, acho que por um carinho que a gente tem, de se conhecer desde criança, da gente ter crescido junto, de a gente ter vivido a adolescência junto, agora a juventude. Então, a Madalena, é alguém por quem eu tenho muito carinho" (Mulher).*

*"(...), a gente se conhece e ela é da mesma igreja que eu, e a gente se conhece desde pequeno, mas a gente não era amigo. (...), eu não sei precisar a data de quando a gente começou a ser amigo mesmo. Mas eu sei que teve a ver com a época que assim, da turma, que é todo mundo da mesma idade. E aí foi a época que o pessoal começou a namorar e, tipo, ela não namora e eu não namoro (...)" (Homem).*

*"(...) a nossa amizade começou por afinidades, que a gente se conheceu num grupo de jovens, lá em Santa Rita, ele foi estudar, eu fui sair da escola e ele foi entrar, eu sou três anos mais velha do que ele, então, só que eu era ex-aluna, só que eu continuava participando do grupo lá com ele. Então eu conheci ele lá. E quando a gente se conheceu, eu cantava no grupo também, então era, "ah, você canta?" "Eu gosto de cantar também". Ah, aí eu falei: "ah, eu participo do coral da faculdade". "Ah, eu vou participar também",*

*aí ele entrou no coral. Então, no começo foi assim, mais afinidades, de gostar de cantar e de gostar de coisas de igreja" (Mulher).*

O fim da adolescência e o início da vida adulta, na época da formação universitária, considerando-se que todos os entrevistados e as entrevistadas deste estudo qualitativo concluíram o curso Superior, é um momento importante na constituição das amizades aqui discutidas, pois boa parte delas se iniciou durante a faculdade, sendo algumas delas construídas no período de estudo em um cursinho pré-vestibular.

Logo, após a escola, a faculdade ou universidade em que esses jovens adultos estudaram, considerando-se o período de estudos e formação da carreira, é o segundo ambiente social que propiciou a origem das amizades duradouras aqui estudadas, conforme evidenciam os seguintes depoimentos:

*"Eu acho que amizade é muito de mão dupla. Eu sinto que eu tenho bons amigos e eu os procuro e eles me procuram. Eu sinto apoio na hora que eu preciso. Eu tenho um amigo que eu fiz no cursinho, ele se sentava atrás de mim. Depois de 1999, já faz 10 anos, pin de 10 anos" (Mulher).*

*"Ah, sim, tanto que o Sergio, eu conheci mais por causa do time. Ele era um camarada da minha sala, mas da outra turma. Aí, nós falamos: "vai lá jogar bola" (...) e foi lá e eu passei a conhecer bem melhor por causa do time" (Homem).*

*"Assim, durante a graduação toda eu tive uma amiga que é a Alessandra, que ela era mais amiga assim, mais do que a Janaína, que depois eu acabei fazendo a pós junto com a Janaína. Mas a Alessandra era assim minha irmã na faculdade, a gente ficava assim, sempre junto" (Mulher).*

*"Eu conheci a Luísa<sup>28</sup> na 'facu', eu não entendi o nome dela porque é muito difícil Luísa. Luísa, eu disse "cara" (...). Aí, depois eu entendi, porque eu fumava e ela fumava. Foi a partir do cigarro que a gente começou a nossa amizade. O cigarro une pessoas. O cigarro faz uma rede social. É verdade! As minhas melhores amigas da faculdade eu fiz fumando. Aí, a gente foi fumando, aí foi desenvolvendo, cigarro dali, "vamos fumar?". Aí, a gente foi descobrindo que tinha coisas em comum, besteiras, (...), palhaça igual eu, desinibida igual eu, aí foi, a gente virou muito amiga. Aí, já faz dois anos que a gente é formada" (Mulher).*

*"É o Artur da faculdade e a Maiara de agora. E porque essas relações se mantêm sempre frescas assim, elas não estão mofadas lá, paradonas, porque a gente sempre fala sobre esta coisa de você todo dia viver uma coisa nova, por mais que a sua rotina seja ficar em casa" (Mulher).*

*"(...) e tem um amigo, por exemplo, o Pedro, a gente começou curso junto. Fomos os únicos que terminaram juntos e a gente é amigo até hoje" (Mulher).*

É importante mencionar que muitas amizades constituídas na fase universitária, e também durante a adolescência, são originadas do próprio círculo social dos envolvidos, ou seja, algum amigo em comum, em determinado ambiente social, possibilita a apresentação de pessoas que virão a ser bons amigos.

---

<sup>28</sup> Convém lembrar que todos os nomes mencionados foram alterados.

*"Eu conheci ele através de uma outra amiga que nós temos e ele acabou virando amigo. E hoje ele é um amigo meu mais próximo do que essa amiga" (Mulher).*

*"A Isadora definitivamente começou por afinidade." Você gosta disso?", "eu gosto, eu gosto, legal, legal". Aí e se vem. Aí eu fiquei muito tempo sem falar com ela, porque a gente se conhecia através do meu irmão e ele que saía muito com ela, e quando eu fui morar perto dela, que a gente realmente (...)" (Mulher).*

*"Mas a Carolina não foi, a Carolina é namorada de um amigo do meu namorado" (Mulher).*

O trabalho é outra instituição social marcante na formação das amizades duradouras dos entrevistados, numa fase posterior à formação universitária. O local de trabalho é tão importante quanto a escola na constituição das amizades duradouras dos indivíduos consultados, como pode ser conferido nos seguintes depoimentos:

*"(...) Uma das minhas amigas mais próximas que eu tenho, não é uma das antigas, foi alguém que eu conheci em outro trabalho. A gente ficou três meses só, a gente ficou bem amiga e hoje a gente é bem amiga, e não trabalhamos mais juntas, nem eu e nem ela" (Mulher).*

*"Mas sim, dela começou muito com a afinidade, e a Tainá já foi diferente. A Tainá foi interesse profissional" (Mulher).*

*"E estas duas pessoas que eu encontro duas vezes no mês ou a cada 15 dias são pessoas do trabalho. A gente passa por roubadas master do lado dessas pessoas. Então, eu acho que cria um vínculo, né?" (Mulher).*

Há outras instituições sociais que permitem a formação de amizades duradouras, mas, por serem menos comuns na fala dos entrevistados, foram deixadas para serem discutidas no tópico intitulado "Os pontos fora da curva", apresentado no final do capítulo. Entre os ambientes sociais citados pelos entrevistados, como geradores de amizades estão clubes esportivos, associações específicas (grupos de imigrantes e seus descendentes), curso de idiomas e até mesmo uma amizade originada em uma atividade<sup>29</sup> realizada na época da infância. Uma das entrevistadas citou a Internet como meio usado para a formação de amizades duradouras.

b) Por que as amizades são duradouras?

A análise das entrevistas possibilitou que se verificasse que as amizades são duradouras quando apresentam três qualidades: permanência, afinidade e afeto. A seguir, o trio determinante será apresentado e justificado separadamente.

Desse modo, a permanência da amizade é um item fundamental para determinar se uma amizade é duradoura ou não. E, conforme demonstrado no tópico anterior, muitos indivíduos consultados na pesquisa de campo possuem amizades construídas em fases anteriores de suas vidas, com destaque à adolescência e ao início da fase adulta (dos 20 anos em diante), período em que realizavam a sua formação universitária.

Além disso, há vários entrevistados que disseram possuir amizades que foram feitas na vizinhança e na escola, ou seja, ainda numa época que marca sua infância e principalmente adolescência. Portanto, considerando-se a faixa etária dos entrevistados, em

---

<sup>29</sup> Um dos entrevistados atuou como ator mirim.

sua maioria, entre os 24 e 40 anos, no máximo, é comum observar a existência de amizades permanentes, entre esses "jovens adultos", as quais têm mais de uma década de duração. Nos casos mencionados em que as relações de amizade superam 20 ou 30 anos de existência, podem se considerar alguns depoimentos em que os indivíduos se conhecem desde que passaram a se socializar no condomínio ou na rua em que cresceram, sem esquecer os amigos conhecidos na escola.

*"Eu tenho 26 anos, até meus 20 anos, eram só eles meus amigos. E sempre saindo junto, qualquer lugar ia junto, ia viajar junto (...) desde que eu me conheço por gente até os 20 anos" (Homem).*

*"Porque os meus pais foram morar num prédio que os pais da Sara já moravam, e ela tem dois irmãos mais velhos, que um deles é da idade da minha irmã, os pais ficaram superamigos, a Sara nasceu em julho e eu nasci em dezembro, então a gente tem seis meses de diferença. E os meus pais e os pais dela moram no mesmo prédio até hoje, entendeu? Então, a gente se conhece. É fralda, então tem foto nossa de fralda, brincando com boneca, então essa é uma das minhas maiores amizades. Sim, mais duradouras. E não é família, né?" (Mulher).*

*"Bom, atualmente eu continuo com três. Uma eu acho que foi a primeira da minha vida, a Sofia. A gente se conheceu com quatro anos. Foi a primeira amiga, fora da família, porque eu tenho muitos primos, então eu não tinha muito contato, só na escola. Então, eu nunca vou esquecer, quando eu vi a Sofia, pela primeira vez, ela era muito diferente das pessoas da minha família. Ela era italiana, branca, branca, branca. Ainda é. Branca, com olho turquesa e o cabelo ruivo, e eu fiquei tão encantada que eu falei, eu quero ser amiga dela. E a gente ficou amiga e é amiga até hoje" (Mulher).*

*"Eu conheci ela no bebedouro da escola, a gente 'tava', acho que na primeira série. A gente nunca estudou na mesma sala. Depois ela foi morar no mesmo prédio que eu. Daí, a gente começou a conversar: 'Nossa, que você 'tá' fazendo aqui? Que surpresa!'. 'Ah, tô morando aqui. Vim comprar ovo pra minha mãe'. A gente começou a brincar com a mesma turma do prédio, na escolinha, a gente se via. Nunca estudamos na mesma sala. A dela é engraçada porque a gente fica anos sem se ver, aí a gente retorna e a gente começa a conversar como se fosse, tipo ontem. 'Ah, no último ano eu fiz isso e isso, agora tô fazendo isso, fiz isso'. Depois a gente fica anos sem falar e depois volta. E é muito engraçado porque a liberdade que eu tenho com ela é muito grande, ela também. Então a gente fala de coisas assim, qualquer coisa" (Mulher).*

Outros depoimentos a serem exibidos abaixo demonstram que, de fato, são muitas as amizades que perduraram ao longo da vida desses jovens adultos, as quais já têm um longo período de anos a se considerar desde que iniciadas.

*"(...), isso é como eu penso que ela é minha amiga de verdade, porque ela viveu a minha história. Posso passar anos sem vê-la. A gente passa dez anos sem se ver e quando se vê é a mesma coisa" (Mulher).*

*"Então, quando eu tinha nove anos, oito anos. Hoje eu estou com 27, então, 19!" (Homem).*

*"Então, o Marcos, a gente se conheceu na escola, a gente se conheceu há uns 10 anos. A gente estudou na mesma escola, mas eu acho que a gente já era bem próximo e que a gente era também, não ovelha negra, mas, sabe, a gente não era dos bagunceiros.*

*Também não era dos nerds. Então, a gente fez uma turma ali meio sem turma, mas acho que o que facilitou muito também foi a gente ter mantido esse contato na faculdade" (Mulher).*

*"É porque a minha relação com a Livia é uma relação de muitos anos, então, a gente já se conhece desde a adolescência, a gente já têm histórias que vivemos juntas e essas histórias que fazem da amizade cada dia mais forte. Ela conhece questões muito pessoais da minha vida (...)" (Mulher).*

Há, entretanto, várias amizades construídas, como muitos/(as) entrevistados/(as) mencionam, "recentemente", as quais a maioria considera já serem duradouras não só pelo fato de se entender que irão perdurar ao longo de suas vidas, mas por outros fatores que também explicam a existência da amizade duradoura e que serão discutidos mais adiante neste tópico, como a afinidade, por exemplo.

*"Ela está entre os dez. Mas a diferença é que eu conheço ela há, sei lá, acho que há três anos" (Mulher).*

*"Desde que eu a conheço, eu a conheço há seis meses e eu falo com ela pelo menos duas vezes no dia" (Mulher).*

Outro item indispensável para que uma amizade seja vista como duradora é a afinidade sentida entre os amigos. Diferentemente do que Alberoni (1993) esclarece, não são apenas os fatores encontro pessoal e temporal que definem a compreensão do que é a relação de amizade na sociedade contemporânea, pois há outros dois fatores fundamentais,

além da duração da mesma (medida pelo tempo), a saber: a afinidade e o afeto. Esses fatores também auxiliam a compreender a permanência da amizade ao longo da vida dos indivíduos envolvidos nessa relação social.

A afinidade e o afeto são os dois elementos que tornam as amizades, independentemente da diminuição do convívio social ou até mesmo da falta do mesmo, mais duradouras. Inclusive, são esses dois elementos que fazem com que haja ainda um forte desejo ou mesmo um esforço de se encontrar pessoalmente com o/(a) outro/(a) amigo/(a).

A maioria dos entrevistados citou ter pelo menos um/(a) amigo/(a) duradouro/(a) pelo qual, apesar da pouca frequência dos encontros ou de esses acontecerem bem menos vezes do que num período anterior na fase da vida de ambos, ainda se tem a impressão de que seu último encontro pessoal e face a face ocorreu há "pouco tempo" ou até mesmo "ontem". Em resumo, apesar do tempo e do espaço terem se tornado mais influentes nesta relação, a distância entre os envolvidos nesta relação se tornou maior ou o espaço de convívio social se modificou, estes não a impedem de perdurar com a força de antigamente.

Para entender esse fato mencionado por muitos entrevistados, há dois aspectos importantes a se considerar. O primeiro deles é a afinidade e, neste caso, trata-se da afinidade em um sentido muito marcante: a afinidade de terem vivenciado muitas histórias e momentos juntos na vida.

Portanto, não se trata da afinidade de aspectos relacionados a interesses comuns dos envolvidos, tal como outros estudos sobre o tema apontam (WALKER, 1994 e 1995), como interesses relacionados a estudos, trabalho, lazer e *hobbies*; mas, sim, da afinidade relacionada com a vida dos envolvidos, num passado distante, principalmente - embora existam amizades duradouras iniciadas em um momento mais tardio da vida dos entrevistados, como em um dos últimos locais de trabalho, citado, por exemplo, por uma entrevistada.

Assim, as histórias marcantes vivenciadas conjuntamente pelos amigos, fossem elas relacionadas à infância ou à adolescência; vividas no mesmo condomínio residencial (prédio de apartamentos); em momentos felizes ou tristes na vida do indivíduo, todas correspondem à afinidade considerada pelos entrevistados. Esse é o diferencial da amizade e até um fato fundamental para compreender essa relação social, pois, com um/(a) amigo/(a), não se compartilham apenas momentos bons ou ruins, mas vive-se conjuntamente esses momentos. Para ilustrar tal fato, apresentam-se aqui os depoimentos de alguns sujeitos consultados durante a pesquisa de campo, os quais mostram como a afinidade é o viver a situação conjuntamente, não só em ação, mas também em sentimento.

*"(...) Eu sei que se eu precisar contar com alguém é com eles que eu vou contar, porque eles são as pessoas que estão mais próximas a mim, foram eles que cresceram comigo. Então, assim, já teve situação ruim que eu passei. Roubaram o carro do meu pai, mas, daí, a gente estava passando o maior apuro e a gente tinha que ficar andando pra caramba, distâncias longas (...). Eu não me esqueço, porque é de onde eu menos esperava que fosse surgir amizade, e aí eles passaram por esta situação comigo e com o meu irmão, que eu percebi que os amigos dele não se limitam a dividir suas coisas pessoais, mas experiências, assim, que você está passando, mas você não consegue falar, a pessoa vive com você. (...) E, aí, o que acontece? Foi ruim para caramba para mim, se eu conto para você é uma coisa. Agora, assim, você está vendo a minha situação, de você ter que passar por aquilo, de ter que voltar andando, porque o seu pai não vai te buscar em determinados lugares, eles voltavam andando comigo, entendeu? Então assim, ainda que eu ficasse reclamando para eles: 'Eu não sei o que eu vou fazer agora'; 'Eu tô perdida'; 'Agora, o que é que eu faço?'; 'Por que eu perdi tudo?'. Não. eles estavam passando ali comigo, caminhando ali e sentindo a mesma experiência que eu. Então, é uma coisa que eu acho bem legal, porque quando são amigos mesmo, você não precisa nem falar" (Mulher).*

*"(...) Mas o João é o meu amigo mais querido, é o meu melhor amigo 'ever ever', é o cara que está ali desde o começo. Ele passou por todas as minhas fases, quando eu emagreci, quando eu engordei, quando eu virei uma bola, quando eu me isolei, quando eu voltei a falar com as pessoas, ele passou por meus quatro namorados, ele passou por todo mundo. Até quando a minha mãe morreu, a primeira pessoa que eu vi no velório, antes de eu chegar, ele estava lá. Foi a pessoa que ficou comigo o tempo todo, me tirou de casa para eu... porque eu ficava enfiada dentro da minha casa, sem querer sair, sem querer fazer, ele que me tirou de casa e me levou para a faculdade. 'Vai estudar!' Ele falou: 'você tem que voltar para a faculdade' e passou na minha casa às sete horas e me levou para a faculdade, porque eu não queria estudar. (...) E o João, ele entende exatamente o que eu estou sentindo, isso aqui é o que está aqui (Mulher)".*

*"Os dois são pessoas que eu sempre contei para inúmeras coisas. Eu precisava de ajuda, eles iam lá e me ajudaram. Isso é um ponto que conta. Nós já dependemos um do outro várias vezes. Já lembro de ter ficado sem bateria do carro, lá na faculdade. Aí, eu estava em casa, já estava com a minha namorada, e liguei para ele, e ele apareceu lá com um cabo de bateria" (Homem).*

*"É que esses caras... eu sei que eu posso contar pra um monte de coisa, quanto mais amigo, eu acho que é quanto mais você pode contar, aí, é claro, a pessoa começa a ter uma amizade, e a pessoa é de uma área específica, né? Sei lá, ele sabe desenhar muito bem, então, é um cara com quem a gente quase não tem contato, mas eu sei que se precisar, por exemplo, de algum negócio x, eu sei que é ele, eu vou fazer com ele, ele é meu amigo, pode ter outras coisas que eu não vou ter vontade de fazer com ele, não só pelo talento dele, mas pela amizade, e aí, enfim, eu sei que se eu ligar, ele vai gostar também" (Homem).*

*"A Maria, meu, ela me chamava todo dia para eu ir na casa dela, porque ela tem pai que já sofreu. Então, ela já sabe, assim, como é que é. Você entendeu? Numa hora de superaflição, me deu um superapoio. A Tereza foi uma amiga também que, meu, me chamava para rezar na casa dela. Aí já, para mim já é afeto com afinidade, já é do tipo, posso contar. Entendeu? As outras eu nem contei. Eu não gosto de contar, porque eu não gosto de ficar contando, aí fica com dó de você, eu não gosto de ficar contando, porque aí fica aquela coisa meio falsa" (Mulher).*

O último elemento necessário para que uma amizade se consolide como duradoura é o afeto. Assim, somado à afinidade, deve se considerar o afeto como outra característica marcante das amizades duradouras. O afeto é construído e reforçado nessas "vivências conjuntas" ou nas afinidades construídas ao longo dessas amizades e, por meio dos depoimentos, é possível compreender que vivenciar conjuntamente uma situação, boa ou não, torna o sentimento pelo outro mais forte, isto é, o afeto é ampliado nesse tipo de relação interpessoal.

Apesar de muitos entrevistados terem apresentado dificuldade em definir o afeto, sendo que nem sempre houve esse questionamento nas entrevistas concluídas, é possível compreendê-lo, ao analisar as entrelinhas do discurso dos entrevistados, como o amor e o sentimento de saudades que se tem pelo/(a) amigo/(a). E também o "querer bem" ao outro, além do simples fato de se estar feliz na sua companhia.

Assim, para alguns entrevistados, o afeto é simplesmente definido como o amor pelo outro, mesmo tendo sido reconhecida a diferença do amor pelos familiares (pai, mãe ou irmãos) e do amor conjugal (namorado, marido, esposa). Alguns depoimentos, listados aqui, exprimem essa compreensão:

*"Quando se gosta de alguém, se ultrapassa qualquer barreira, da distância, do tempo, até a do orgulho. O afeto tem que ser uma coisa muito forte, tem que ser de ambos*

*os lados. Os dois têm que estar disponíveis. Não fala: 'eu te amo', mas diz: 'pô, tô morrendo de saudades!', e disponibilidade, eu sempre vou estar disponível para ela e ela para mim. Estar presente na rotina do dia a dia da vida da pessoa" (Mulher).*

*"(...) e então, eu acho que o afeto é uma coisa que ele foi se formando durante esse tempo. Então, no começo talvez não existia tanto, mas hoje em dia é uma pessoa que eu gosto muito" (Homem).*

*"Eu acho que isso é muito banal, você dizer assim, a amizade, ela é baseada no suporte emocional, não é. O primeiro vínculo, aquela sementinha ali, ela pode ser baseada em troca, sei lá, porque gostou, porque bateu o santo, não sei por quê. Agora, o que vai sustentar, o que motiva essa relação até hoje, na verdade, é primeiro a questão da troca de carinho e amor. Porque você convive, para mim, amigo é igual namorado. Quando você começa a conviver, você começa a se apaixonar pela pessoa, mas fulano é engraçado, é legal ou faz um bolo maravilhoso, não sei, mas você vai convivendo com a pessoa, e você vai conhecendo esta coisa maravilhosa que cada pessoa tem" (Mulher).*

*"Eu falo para ela que eu amo ela. A gente já brigou muito, de se xingar, de ficar sem se falar. Aí, eu olho na cara dela e eu falo: 'ai, desculpa, eu te amo! Você sabe que eu te amo' e está tudo certo" (Mulher).*

*"Se houver um laço, eu acho que supera. Amizade é coisa de história também. Hoje é difícil você fazer amigo, se você não tem uma história. Você vai falar do quê? Da nuvem, do shopping, do quê?" (Mulher).*

*"Afeto é você querer bem a pessoa também" (Mulher).*

O depoimento de um entrevistado define de forma bastante objetiva e clara a questão de que a amizade pode se tornar uma relação duradoura, porque tem dois elementos marcantes: a afinidade e o afeto; sendo o primeiro importante para permitir a aproximação e a troca de vivências, experiências ou histórias em comum, e o outro necessário para a consolidação da relação e também para a sua permanência ao longo da vida.

*"A pessoa com quem eu tenho uma amizade mais sublime de todas, é uma menina com quem eu me encontrei num grupo de jovens, quando a gente tinha 15 anos. Então, a gente estava num lugar comum, procurando coisas em comum (...). A gente se conheceu por acaso e aí a gente começou a conversar, e conversar, e se encontrava toda semana, e naturalmente fomos encontrando afinidades um no outro. Ambos tinham vários colegas, amigos com quem conversar, mas nós dois percebemos que a gente tinha muita coisa em comum, a gente foi se aproximando ao ponto que, quando eu me mudei de Minas (...) a gente continuou se comunicando por cartas, semanalmente, a gente tem várias cartas guardadas, logo depois eu voltei para Minas para fazer faculdade, e a gente se reencontrou na mesma faculdade, e a gente ficou mais próximo ainda, porque a gente percebeu as nossas mudanças e, o mais engraçado, é que como o afeto já tinha formado, as afinidades já não estavam mais tão sincronizadas (...). Depois, quando a gente se reencontrou na faculdade, a gente já tinha por volta de 20, mas a gente já tinha o afeto. Então, a gente já não tinha tantas coisas em comum mais (...). Quando eu vim para São Paulo, a gente ficou realmente um tempo sem se ver, a gente só mandava uma carta, a gente falava muito pouco, como nós dois não somos muito desta geração da Internet, então, a gente se comunicava pouco realmente. Porém, logo depois de uns dois anos, ela veio para São Paulo. E a gente se reencontrou aqui, então, a gente se via esporadicamente nesse período, mas não falava muito. Quando ela veio para cá, a gente não se falava muito, e quando ela veio para cá, o afeto continuava o mesmo. E como eu amadureci tanto,*

*as conversas passaram a ser quase as mesmas, assim. A gente amadureceu, cada um de uma forma. As afinidades foram maiores ainda e o afeto permaneceu o mesmo" (Homem).*

Portanto, com base na consulta realizada durante as entrevistas, nota-se que o afeto é um elemento marcante na amizade dos paulistanos.

Outro aspecto que auxiliou a compreender as questões a respeito da amizade foi solicitação aos entrevistados que definissem amizade. Para isso, eles poderiam se inspirar na letra de uma música, em uma frase ouvida ou lida, em um filme ou livro, ou mesmo poderiam basear sua resposta nas reflexões feitas a partir da conversa realizada.

Alguns depoimentos mostram novamente o entendimento do amigo como a pessoa com quem "se pode contar" em momentos bons ou difíceis da vida, porque são pessoas que teriam vivido juntamente essa experiência com ele/(a), o que envolve uma troca de afeto. Tal fato auxilia a fortalecer a relação de amizade, fazendo com que um esteja disponível sempre que haja necessidade por parte do outro. Essa é a grande consequência desse fortalecimento da relação. Alguns depoimentos, transcritos a seguir, visam demonstrar tal fato:

*"Tem uma música que eu gosto, mas eu não posso nem cantar. Para mim é difícil, porque mexe muito comigo, mas tem uma música que é aquela: 'amigo é coisa para se guardar', sabe?" (Mulher).*

*"A amizade? Eu acho que a amizade, ela tem que vir não só pra gente se sentir bem, lógico, tem a troca também, mas eu acho que é pra gente crescer também. Assim, no sentido geral. Então, eu sempre estou aprendendo muito com ela. Principalmente nas conversas, eu acho que tem situações que mesmo engraçadas... Mas, assim, eu acho que principalmente troca, mas troca de afeto é muito bom. Pensa, não te faz feliz? (...) Então, além disso, é um dos principais, você se sentir bem, você se sentir feliz" (Mulher).*

*"Acho que é poder contar com as pessoas. Saber que você poderá contar com as pessoas em momentos de dificuldade. Isso eu acho o principal" (Homem).*

*"Afeto somado à disponibilidade, é o gostar, mas estar sempre disposto a passar coisas boas e coisas ruins, mesmo aquela coisa de criança, de quero fugir', você vai junto comigo? Pelo que eu vejo, é o estar perto, não física, mas de coração mesmo. Eu acho que é aquele braço direito, perna, corpo que pode contar" (Mulher).*

*"(...) amizade é isso, você confiar na pessoa e te fazer bem estar com ela" (Mulher).*

A partir das definições citadas, é possível compreender que, apesar de o afeto e a afinidade serem elementos marcantes da amizade duradoura, somados ao seu tempo de existência, há outros aspectos que se fundem aos referidos itens, como a confiança, a intimidade, o respeito, a liberdade, a cumplicidade e a lealdade; os quais foram mencionados ao longo de diversas entrevistas.

No depoimento a seguir, dá-se destaque à confiança, por exemplo, a qual foi lembrada por vários entrevistados ao serem instados a refletir sobre a amizade duradoura.

*"Mas eu acho que eu tenho confiança. É respeito. Muito respeito, admiração, que eu acho importante na relação que você tem com outra pessoa. E você também só vai mostrar esse lado B, lado C, para aquelas pessoas que você tem confiança, para aquelas pessoas que você realmente, realmente, assim, gosta e, eu não sei, te compreende. E quando você lida com esse lado B, lado C, lado D, é diferente você lidar com o lado A (...)" (Mulher).*

Nesse caso, os lados B, C ou D, conforme a entrevistada esclareceu, corresponderiam ao aspecto mais real e íntimo do indivíduo, que não é mostrado para qualquer pessoa. Diferentemente do lado A, que é a parte "superficial" e "rotineira", acessível a qualquer um.

Logo, a intimidade é outro ponto importante na relação de amizade e, apesar de não ser um de seus elementos fundamentais, foi citada por duas pessoas na primeira fase da pesquisa e por quatro na segunda. Alguns entrevistados abordaram o fato de haver uma abertura, isto é, de se conhecer o outro por inteiro, ou a sua verdadeira "essência" enquanto ser humano, quando se trata de fato de uma relação de amizade.

*"Ah, eu acho que é quando você confia, que você pode expor seu interesse nesse outro amigo, por exemplo: 'eu tô te ligando porque eu estou a fim de ir dormir na sua casa'. Acho que isso é amizade, quando você pode expor seu interesse pra outra pessoa, e a pessoa vai poder te ajudar, e você tem intimidade pra falar tudo e, claro, tirando essa parte de poder se abrir, de gostar de estar com a pessoa, acho que quando você pode ficar calado do lado de alguém, é uma boa prova de que você é amigo da pessoa" (Homem).*

*"É exatamente, eu falei isso, quando ele me contou, eu falei: 'José, acho que agora você está mais meu amigo ainda, porque agora sim eu te conheço de verdade, de verdade, você não tem mais o que esconder de mim'" (Mulher).*

*"(...) a Luzia é uma pessoa que você pode se abrir, que ela vai te ajudar, vai te dar conselhos, (...)" (Mulher).*

*"A gente tem essa liberdade de falar sobre praticamente qualquer coisa, a gente tem a liberdade (...). A liberdade de falar e, então, eu acho que o afeto é uma coisa que ele foi se formando durante esse tempo" (Homem).*

O mesmo ocorre em relação ao respeito e à liberdade. Foram quatro os entrevistados que, na primeira fase, citaram tais aspectos como sendo participantes da relação de amizade.

*"Então, os meus amigos respeitam muito é a questão da minha religião, então, eles compreendem quando eu não vou fazer uma coisa por conta das minhas atividades religiosas e eu acho que isso é tranquilo. Eu acho que, não sei, no caso específico do Luís, a gente meio que já compreende muito essas coisas. Então, não é uma coisa que se torna um desafio a superar" (Homem).*

*"Mas eu acho que eu tenho confiança. É respeito. Muito respeito, admiração, que eu acho importante na relação que você tem com outra pessoa" (Mulher).*

Nesse sentido, conclui-se que o afeto é buscado nessas relações de amizade e é um elemento muito importante nas amizades duradouras para esses/(as) paulistanos/(as) ou migrantes consultados nesta pesquisa de campo. Além disso, em decorrência do afeto, típico desse relacionamento, uma série de outras características tornam-se complementares da amizade duradoura, como a disponibilidade, a liberdade e o respeito mútuo.

Assim, em um grande centro urbano, como a metrópole paulistana, as pessoas precisam de amigos/(as), mas, principalmente, buscam afeto para, inclusive, viver melhor, já que muitos acreditam ser a amizade uma necessidade humana, ou melhor, acreditam que

é impossível viver sem amigos/(as) nesta sociedade. O depoimento apresentado abaixo ilustra esse fato:

*"Eu acho que assim, hoje, a rotina de hoje, do nosso dia a dia, dos nossos compromissos, eles deixam a gente, eles exigem muito da gente individualmente, eu acho que tudo que a gente faz evita um relacionamento, a gente não tem tempo de se relacionar e eu acho que não é essa a nossa natureza. Eu entendo que a nossa natureza é socializar, sociabilizar, você vive bem com o outro. Então, a amizade supre essa coisa da necessidade do outro, que eu acho que naturalmente a gente tem a necessidade de outra pessoa, (...)" (Homem).*

c) Frequência de contato entre amigos duradouros:

Para encerrar a discussão referente à segunda categoria de análise, isto é, a manutenção da amizade duradoura, passa-se à exposição do último ponto que a determina: a frequência do contato entre os amigos.

Um dos elementos que marcam a amizade duradoura, conforme evidenciado no item "b" deste capítulo, é a sua permanência. No entanto, é importante reconhecer que a duração de uma amizade só ocorre pelo fato de haver o esforço de ambas as partes para a manutenção do contato social, não só o contato físico, mas também aquele feito a distância, por meio das diversas formas de comunicação, desde aquelas consideradas antigas (a carta, o telefone residencial), até as novas tecnologias (o telefone celular, a Internet e suas ferramentas de comunicação).

Nas duas etapas da pesquisa de campo realizada para esta tese, os entrevistados reconhecem a importância do encontro presencial em suas amizades duradouras. Todavia, este não é um de seus elementos característicos. Afinal, conforme verificado por meio da análise das entrevistas, são a permanência, a afinidade e o afeto as qualidades componentes

da amizade duradoura. Além disso, de acordo com o que foi exposto, são esses elementos que geram a necessidade, ou mesmo a disponibilidade maior, para que o encontro aconteça.

Nesse sentido, grande parte dos entrevistados acredita que o encontro face a face fortalece a relação de amizade, apresentando-se como um diferencial nesse tipo de relação, pois é comum haver um esforço maior para propiciar o reencontro, marcado principalmente por meio da internet e pelo telefone celular. Conforme este depoimento retrata, os amigos se empenham mais para que haja o contato físico, quando a amizade é duradoura:

*"O João, hoje ele mora no centro da cidade, mas o João, ele era de Guarulhos. O João atravessava a cidade para ver a gente, não tem dificuldade quando é um amigo neste grau" (Mulher).*

*"Com o Carlos, a gente nunca se fala pelo telefone. Só se for para marcar, então, em tal lugar a gente se vê. Isso que a gente fala no telefone. É de amigos de fora da cidade, aí sim, eu uso sim, porque não tem como, agora, nas redes sociais, eu não costumo ter conversas muito profundas, porque uma que eu explico demais as coisas, assim, eu não sei resumir histórias e é muito ruim você ter que ficar escrevendo, prolonga demais, então eu não gosto. Daí a gente acaba ligando, assim, só para quem é de longe, quem é de perto, nada substitui o encontro mesmo, a gente não tem como ficar só conversando pelo essencial". (Mulher)*

*"Para a gente não basta, porque a gente tem muito assunto, então, só para assuntos práticos. Quando, por exemplo, a gente precisa falar de uma coisa, ele diz pontos práticos, porque o e-mail serve para isso. Quando eu quero ligar mesmo para ele, tem que*

*ligar ou a gente tem que se encontrar. E geralmente é se encontrar pessoalmente"* (Mulher).

Os entrevistados também concordam, quando indagados, que o encontro presencial é insubstituível e não é o mesmo que uma conversa tida por meio de uma ferramenta disponível pela Internet, como o *Skype*, ainda que se use o sistema de vídeo. Todos os entrevistados reconhecem esse fato e acreditam que a possibilidade de manter o contato social pela Internet auxilia a postergar ou a diminuir o sentimento de saudade; comum, devido ao afeto existente nesse tipo de relação interpessoal. O depoimento transcrito a seguir mostra esse aspecto:

*"Eu acho que ajuda e atrapalha, depende do caso, por exemplo, ela ajuda quando você está sem tempo, mas você quer conversar. E aí, tipo, o telefone ajuda muito, sei lá, o WhatsApp. Nossa, teve uma vez que eu senti muita falta da Joana e aí eu vou mandar 'e aí Joana, tudo bem?' e aí a gente já conversou assim, e eu sei que ela estava sem tempo, mas eu queria falar um oi para ela, 'ah, estou com saudades, não sei o que lá, o que você está fazendo?'. Isso ajuda, porque você sente falta, mas você não tem como encontrar, mas também atrapalha, porque se você não tivesse, você daria um jeito de encontrar. Então, eu acho que tem os dois lados, tem o lado negativo e o lado positivo de se ter essas tecnologias. E é o que você falou, alguém muito longe, muito distante, em outra cidade, sei lá, você tem um jeito de se manter conectado com ela, saber mais ou menos o que está acontecendo. Então, isso ajuda muito assim"* (Mulher).

Apesar das considerações a respeito do encontro presencial, deve-se destacar que na maioria das amizades duradouras estudadas nesta pesquisa é cada vez mais frequente que os amigos se falem pela Internet e pelo telefone celular, do que se encontrem fisicamente. Alguns depoimentos ilustram isso:

*"Porque a Internet quebra as barreiras físicas. Eu não vejo sempre a Luísa, às vezes uma vez por semana, às vezes a gente fica um mês sem se ver, mas, por conta da Internet, eu falo com ela e sei o que está acontecendo na vida dela, se ela tá bem, se ela tá mal" (Mulher).*

*"É que são coisas meio diferentes, este pessoal é mais prático e eu tenho contato assim todo dia a dia. É a maneira que a gente encontrou de manter o nosso dia a dia pós-faculdade, porque é uma equipe muito unida, é a primeira turma do curso de Marketing, e a gente criou um espírito de turma, uma identificação. Cada um vai para um lado, vai para uma empresa. E a gente ter um meio de comunicação diário ainda é a forma que a gente encontrou de manter uma rotina, de ter um contato diário (...)" (Homem).*

*"(...) não precisa ir na minha casa toda semana, amigo não é isso, eu acho. Eu posso ficar um ano sem ver que continua meu amigo(...). Porque nem é sempre que seus amigos estão disponíveis para você e você está disponível para os seus amigos, que nem o João, ele trabalha de domingo a domingo. É muito difícil eu vê-lo, mas eu falo muito com ele. Eu fico um mês sem vê-lo" (Mulher).*

A diminuição nos encontros presenciais entre os que mantêm amizades duradouras leva aos seguintes questionamentos: será que os laços de amizade duradoura não estão se enfraquecendo com o uso da Internet e de suas ferramentas de comunicação? Qual é a consequência da falta do encontro presencial?

Segundo algumas discussões realizadas nas entrevistas, há a tendência de obter um possível esclarecimento em relação à primeira pergunta. Para uma das entrevistadas, a amizade só se enfraquece quando um indivíduo não faz mais esforço algum para manter o

contato físico. Depreende-se disso que é fundamental empenhar-se para que o encontro presencial aconteça, mesmo que este se torne menos frequente do que em um momento anterior da vida das pessoas envolvidas nessa relação social.

Para ilustrar tal fato, segue a fala de uma entrevistada ao esclarecer que, mesmo tendo se encontrado fisicamente com menos frequência com uma de suas amigas, isso não enfraqueceu o laço de amizade duradoura que as une, porque o importante é que elas não deixaram de se encontrar:

*"Entendeu? E eu falo 'pô, legal que a Beatriz pode ir, entendeu?' Mas eu não consigo ver, porque eu tenho muita afinidade com a Joana também, ah, de, nossa, a gente se dá muito, muito bem também no geral. A gente nunca teve nenhum conflito. É às vezes a gente, eu não digo que seja parecida, mas às vezes, sim, pelas besteiras, mas eu vejo, assim, que a gente é diferente, eu, a Beatriz e a Joana. Mas eu acho que eu não tenho como te dizer que a Beatriz é mais amiga do que a Joana, que a Joana às vezes eu não encontro, menos. Mas quando eu encontro é a mesma coisa assim" (Mulher).*

Nesse caso, também foi possível identificar uma provável consequência da falta do encontro presencial, que é a diminuição da troca entre os/(as) amigos/(as). Ainda que essas questões tenham sido discutidas em algumas das entrevistas, como se vê no exemplo a seguir, elas ainda precisam ser investigadas futuramente mais a fundo.

*"Tem o convívio e tem uma troca quando você convive assim, mais pessoalmente, eu acho que tem muito mais troca do que você falar por telefone" (Mulher).*

O próximo trecho de entrevista transcrito denota um dos poucos casos em que a frequência de contato físico se equipara àquela de contato a distância, já que os amigos são vizinhos:

*"Com ele eu sempre tive amizade. Agora a gente se fala bastante, por MSN, por telefone, e mais pessoalmente, porque ele mora perto. Eu passo na casa dele e a gente sai para comer alguma coisa ou sai para ir para um barzinho" (Homem).*

Há outros casos semelhantes, nos quais o contato social físico e a distância apresentam-se numa frequência parecida pelo fato de os amigos trabalharem no mesmo local.

*"Ah, é um amigo de verdade. Eu não pensei que assim que acabassem os projetos..., eu pensei que a gente fosse se falar tanto quanto a gente se fala, a gente se fala toda semana. Agora, com certeza a gente vai continuar se falando e um gostando do outro e considerando bem um com o outro, e tentando se encontrar uma hora, vamos nos ver, e tentar se ver, e acho que de fato a gente já se vê, porque tem muitos amigos em comum, então, eu acho mais difícil de a gente se afastar do que de outros que a gente foi amigo e nunca vai se ver mais" (Homem).*

Outro aspecto observado na análise das entrevistas é que, para manterem o contato social com seus amigos duradouros, os participantes afirmam que se utilizam dos diversos meios de comunicação disponibilizados pela Internet, tais como: o e-mail ou o correio eletrônico, os programas de mensagem instantânea e as "redes sociais".

Na primeira etapa da pesquisa de campo, realizada no segundo semestre de 2010, houve diferenças quanto aos produtos mais utilizados na comunicação com os/(as)

amigos/(as) duradouros/(as) se comparada com a segunda fase da pesquisa, realizada de dezembro de 2012 a agosto de 2013. Tal fato mostra a velocidade com que essas formas de comunicação são alteradas.

Todos os entrevistados durante a primeira fase da pesquisa afirmaram utilizar-se do e-mail para a comunicação com seus amigos duradouros; além disso, foi bastante frequente a menção ao uso de programas de mensagens instantâneas, sendo o MSN *Messenger* o mais citado, seguido pelas demais ferramentas de comunicação disponíveis no correio eletrônico, como o *Gtalk* do *G-mail*<sup>30</sup>, e as "redes sociais na Internet", como o *Orkut* e o *Facebook*. Entretanto, vale destacar que, excetuando-se o e-mail, esses programas foram citados com uma frequência bem menor na segunda etapa da pesquisa, na qual, aliás, era pouco comum o uso dos programas de mensagens instantâneas pelo telefone celular.

Neste ponto é importante mencionar como a geração<sup>31</sup> que fez parte da análise qualitativa acompanha bastante o ritmo da velocidade das mudanças das novas formas de comunicação. É interessante citar alguns depoimentos que mostram como algumas ferramentas, que eram utilizadas por esses jovens adultos num passado não tão distante, tornam-se obsoletas e mesmo podem ser comparadas a outras, já não mais utilizadas também:

*"Quase não uso mais o Orkut. Eu estou usando mais o Facebook. Um amigo meu me falou assim, quando eu entrava no Orkut, parece que eu entro no ICQ. Eu entrava bastante no ICQ. Tinha a florzinha. Boa parte dos meus amigos do ICQ eram meus amigos do Chat" (Homem).*

*"Ah, eu tive quando estava bombando o meu Orkut, aí, depois, o pessoal, todo mundo usou o Twitter, e depois migrou para o Facebook" (Mulher).*

---

<sup>30</sup> E-mail da empresa Google.

<sup>31</sup> Foram entrevistados indivíduos de faixa etária entre 24 e 40 anos, nascidos, portanto, de 1973 a 1986.

Na primeira etapa da pesquisa, a forma de comunicação mais comumente utilizada pelos entrevistados com os seus amigos duradouros era o telefone celular, pois muitos afirmaram a sua preferência em ligar, pelo fato de apresentarem certo desconforto com as formas de comunicação eletrônica disponíveis pela Internet. Algumas razões explicam a preferência pelo telefone celular: a) utilizar o aparelho o dia todo; b) a mobilidade e a praticidade para marcar encontros; c) estar habituado a enviar mensagens para as pessoas; d) preferir ouvir a voz da pessoa; e) ter acesso limitado à Internet; f) ser avesso à Internet; e g) acreditar que a Internet tenha ferramentas "impessoais". Os depoimentos abaixo explicam melhor as razões pela preferência do uso do telefone celular à Internet para a comunicação com o/(a) amigo/(a) duradouro/(a):

*"Eu acho mais legal você ouvir a voz do que trocar mensagens. Na Internet é uma coisa que você digita e a pessoa pode interpretar errado." (Homem).*

*"Eu prefiro ligar para as minhas amigas. Este negócio de Internet para mim é frouxo. Você combina pelo computador, aí, você desliga o computador e você esquece. Sei lá, para mim o combinado no computador dificilmente é o combinado. Eu sempre ligo. É falar com a pessoa, ouvir a voz" (Mulher).*

*"Primeiro porque as pessoas que me convidam para estas coisas são pessoas que eu sei quem são e não a maioria, porque tem 5 mil pessoas lá e tal. Mas eu conheço pessoalmente muita gente que é envolvida nas redes sociais mesmo. Eu sei com quem eu estou falando. É verdade. Então, eu acho que o lance do e-mail fica muito impessoal" (Mulher).*

*"Ah, e tem mais uma que é a que trabalhou comigo no meu último emprego, que ela é assim, é uma pessoa que eu falo com ela todos os dias por mensagem de celular. É umas cinco, dez mensagens por dia" (Mulher).*

*"Por telefone celular bastante. A gente usa Nextel bastante. Ele não faz parte de redes sociais. Não mais, (...). Ele tem Skype, que ele usa para trabalho e ele fala comigo às vezes. Mas não é sempre que ele está on-line. Então, a gente fala mais por Nextel" (Mulher).*

Outro aspecto comum à geração dos/(as) entrevistados/(as)<sup>32</sup> é o desuso, cada vez mais comum, do telefone residencial, conforme dois depoimentos listados abaixo indicam. Porém, é possível encontrar alguns entrevistados que ainda o utilizam para a comunicação com seus amigos duradouros, principalmente por considerarem o valor da ligação de telefone celular elevado, mesmo entre diferentes operadoras de telefonia celular no Brasil.

*"Não, residencial, não, acho que nem sei quem tem. Então, eles ligam no meu celular e também pra eles eu ligo no celular. É assim, mas tem uns amigos que a gente se liga mesmo, mas não muitos. Eu tenho um amigo que é engraçado, que ele liga pra não falar nada, pra conversar. Ele fala qualquer coisa assim" (Homem).*

*"É engraçado que o celular é o mais pessoal, então, devia ser menos usado, devia ser uma coisa de ligar de madrugada na casa da pessoa, porque é pessoal. Mas eu*

---

<sup>32</sup> No primeiro semestre de 2009, durante uma entrevista-teste para a elaboração do meu projeto de pesquisa de doutorado, uma mulher (com mais de 40 anos) mostrou sua agenda pessoal, com todos os números de telefone residencial de suas amigas e familiares. Isso demonstra que ainda há quem faça uso frequente desse tipo de comunicação.

*ligo para o celular, mesmo que eu imagino que a pessoa possa não estar em casa, eu ligo no celular, porque eu não quero que ninguém atenda assim. Eu morro de vergonha, de preguiça de falar com mãe, com o pai da pessoa" (Mulher).*

*"Não, aí eu ligo na casa dela, ou alguma coisa assim, porque aí fica caro pelo celular" (Mulher).*

*"Ela me liga da casa dela para a minha casa. E quando ela não me acha em casa, ela começa a me caçar. É muito engraçado. Ela manda mensagem no WhatsApp, manda no Facebook e aí ela vai mandando até eu responder. Até para ver se eu respondo. Ela é assim" (Mulher).*

Já a análise das formas de comunicação entre amigos duradouros na segunda etapa da pesquisa de campo mostra que é mais frequente o uso de aplicativos de telefone celular voltados para a comunicação interpessoal, com destaque ao *WhatsApp Messenger*, que foi citado por muitos entrevistados na fase final da investigação. Também muitos eles acessam as "redes sociais na Internet", como o *Facebook*<sup>33</sup>, pelo telefone celular.

Os depoimentos a seguir evidenciam o uso sempre mais frequente do telefone celular no Brasil para o acesso a aplicativos e redes sociais:

*"Com a Lúcia, então, na verdade, com a Lúcia eu uso mais o WhatsApp. E com a Ana também, mas aí, como eu não posto foto, eu não posta nada, então, eu não faço*

---

<sup>33</sup> Na fase final da pesquisa de campo, verificou-se a pouca frequência do uso do *Orkut*, pois somente alguns indivíduos consultados afirmaram ainda ter a conta ativada, apesar de não a utilizar.

*nada. Mas aí, se a Lúcia, ela posta para mim, me ‘tagueia’ em foto, aí eu vou lá e curto, só. Esse é o máximo, assim" (Mulher).*

*"Lógico que tem que combinar, né? Tem aquelas formas de combinar (...) que geralmente é o WhatsApp ou o telefone. Muito raramente a gente se conversa por e-mail, a não ser que seja o e-mail para o grupo. Assim, envolva mais pessoas" (Mulher).*

A ferramenta de bate-papo do *Facebook* e o programa de mensagens instantâneas, *Skype*, que substituiu o *MSN Messenger*, são os produtos disponíveis e acessados pela Internet com grande frequência pelos entrevistados. Os depoimentos abaixo visam mostrar esse aspecto:

*"É, eu tenho isso. E é engraçado que, neste horário, normalmente está o computador ligado e as minhas duas amigas, que me conhecem há 30 anos, elas têm que me encher o saco às 21hs, é tão engraçado. Acho que elas sabem que é a hora da novela e elas sabem que eu estou em casa. Mas eu acabo que, eu falo com elas todas as noites, acabou a novela, eu fico on-line e falo com elas pelo Skype" (Mulher).*

*"Eu acho que é importante, muita gente mora longe, em outros lugares. Eu tenho amigos que moram no exterior, que moram longe, eu dependo da Internet para falar com essas pessoas, que se não fica meio caro. Ajuda nos termos financeiros" (Homem).*

O principal uso dos produtos disponíveis pela Internet é, de modo geral, a manutenção do contato social a distância, não só quando um dos envolvidos reside em outro país, como também na própria cidade de São Paulo. Outros usos desses produtos são:

resgatar amizades; manter o contato entre amigos que vivem distantes, ou não; atualizar os amigos sobre acontecimentos de suas vidas; aconselhar ou falar sobre relacionamentos amorosos; verificar a possibilidade de falar com as pessoas; conhecer gostos e preferências uns dos outros (músicas, vídeos); compartilhar uma informação que pode interessar ao outro; divertir-se com piadas, histórias do cotidiano do outro, por exemplo; manifestar afeto pelo outro; marcar encontros presenciais e confirmar presença em eventos sociais (aniversário, festas, entre outros); além de aproximar e unir pessoas.

Um dos aspectos discutidos, quando os entrevistados eram indagados sobre as formas de comunicação social existentes - sejam estas usadas via telefone celular ou via Internet, acessada por computador pessoal ou por telefone celular - refere-se à instantaneidade na troca de informação, a qual se tornou um item fundamental ao se considerar, por exemplo, o uso recente do aplicativo *WhatsApp* no telefone celular.

Uma das entrevistadas explica a necessidade de se comunicar de modo imediato nesta sociedade, ou seja, faz referência a uma das características marcantes da "condição pós-moderna" (HARVEY, 1993):

*"Olha, já não me acontece mais isso não, sabe por quê? Antigamente eu lembro que eu mandava muito e-mail para os meus amigos. Tipo aqueles e-mails gigantes assim, só que hoje é tudo muito instantâneo" (Mulher).*

Além de a comunicação ser instantânea, há uma necessidade maior da rapidez na troca de comunicação, o que não acontece, segundo a entrevistada, com o uso do correio eletrônico, pois, nesse caso, há que se aguardar a resposta da pessoa, às vezes, ao longo do dia ou mesmo por dia/(s).

As novas formas de comunicação, dadas por meio de programas de mensagens instantâneas, disponíveis em aplicativos de telefone celular, e citadas nas entrevistas,

sobretudo nas ocorridas em 2013, são um bom exemplo da necessidade de rapidez na comunicação:

*"É, porque hoje é assim, é: 'oi, tudo bem?' 'Tudo'. Ah, eu estava não sei onde e aí começa a contar uma história e daí já vem a resposta assim, não tem, tipo, varias histórias e várias coisas e depois vem várias respostas, várias coisas. Agora é como se você tivesse meio que conversando com a pessoa, então é meio simultâneo" (Mulher).*

Também foi destacada, além da instantaneidade e da rapidez na comunicação, a impessoalidade que pode ter se tornado maior pelo uso da Internet do que pelo telefone celular.

Com isso, passaremos à discussão relacionada à outra importante categoria de análise que é a função social da amizade duradoura na sociedade paulistana contemporânea.

#### ***4.2. AS FUNÇÕES DA AMIZADE DURADOURA NA SOCIEDADE PAULISTANA E CONTEMPORÂNEA***

A amizade, conforme discutido no primeiro tópico deste capítulo, é, no geral, definida por muitos/(as) entrevistados/(as) como o "contar com outra pessoa"; no entanto, essa definição não tem uma relação direta com o entendimento da função social da amizade duradoura.

Durante as entrevistas, a função social da amizade foi pensada e discutida de formas muito diferentes. De maneira geral, a palavra "troca", seja de carinho, amor ou de autoconhecimento foi a principal menção encontrada.

Com isso, embora existam muitas interpretações sobre a amizade, não só no que tange à definição e a seus elementos ou características básicas, como também quanto a sua função social definida pelos indivíduos consultados nas duas etapas de trabalho de campo, determinamos a troca como sendo a função principal da amizade.

Portanto, pode-se estabelecer que a função social da amizade é a troca de afeto e de autoconhecimento que se dá entre amigos. Uma vez que o afeto é um elemento fundamental da amizade duradoura aqui estudada, entende-se que quando se busca o carinho e/ ou amor, na realidade, trata-se da busca de afeto.

Alberoni (1993) considera a necessidade de manter encontros esporádicos ao longo da vida um dos elementos fundamentais da amizade na contemporaneidade, sendo o intuito desses encontros produzir um autoconhecimento. Assim, para o autor, o papel da amizade é este: a busca do autoconhecimento como elemento de troca nessa relação interpessoal.

Desse modo, há uma semelhança quanto ao tipo de função social da amizade encontrada por Alberoni (1993) e no estudo feito com os jovens moradores da cidade de São Paulo; pois o autor sustenta que na relação de amizade na sociedade contemporânea o indivíduo produz um autoconhecimento, assim como, por meio das entrevistas concluídas na segunda etapa da pesquisa de campo, observou-se que a principal função social da amizade é a troca no sentido de os indivíduos se conhecerem melhor por vivenciarem uma relação de amizade ao longo dos anos de suas vidas.

É importante notar que, apesar de a troca ter sido uma função social da amizade mencionada com certa frequência pelos indivíduos entrevistados, algumas vezes a ideia foi posta aos entrevistados, sendo que muitos deles concordaram com ela.

Além disso, houve muitas declarações espontâneas sobre o assunto nas entrevistas na segunda etapa do campo, a saber: ajudar a se levantar e tocar a vida; agregar o grupo; indicar para vagas de trabalho; fazer companhia; dar apoio incondicional; ter disponibilidade incondicional; desabafar; dar amor incondicional; diminuir o sentimento de

solidão comum à vida na grande cidade; divertir-se; viver experiências na vida conjuntamente.

Portanto, é possível identificar não apenas uma função social da amizade, mas uma série delas, tal como Robert Merton sugere, pois, em sua opinião, uma sociedade pode possuir uma diversidade de *consequências funcionais* ou *não-funcionais*. Neste caso, trata-se de *consequências funcionais*, uma vez que a amizade apresenta várias funções que permitem ao indivíduo uma melhor adaptação ao meio social urbano.

Dentre as funções sociais da amizade duradoura, registra-se, então, que a troca foi um elemento comumente citado e reconhecido pelos entrevistados como tal. No entanto, trata-se de uma troca em diversos sentidos, como a troca de carinho, de amor, de conhecimento pessoal, de conhecimento profissional, de opiniões, de conselhos, de experiências, de divertimento, de desabafos, de distração e de intimidade.

A diversidade de formas de trocar com o/(a) amigo/(a) duradouro/(a), citada em grande frequência, corresponde à *função social manifesta* da amizade duradoura. Alguns dos depoimentos a seguir mostram essa *função social manifesta*, a troca, de modo geral ou mesmo específico:

*"Para mim, todas as minhas amizades, elas se baseiam em troca. Se eu acreditar que você não pode, e isso foi até uma análise que eu fiz sozinha, se eu achar que você não pode trazer nada para eu crescer ou profissional ou pessoal, não tem porque eu ter amizade com você, né? Se existir algum ponto no meio disso que uma possa acrescentar a outra, pronto, aí tá feita a amizade, vamos ser amigas" (Mulher).*

*"Agora, o que vai sustentar, o que motiva esta relação até hoje, na verdade, é; é primeiro a questão da troca e carinho e amor. Porque você convive, para mim, amigo é igual namorado. Quando você começa a conviver, você começa a se apaixonar pela*

*peessoa, mas fulano é engraçado, é legal ou faz um bolo maravilhoso, não sei, mas você vai convivendo com a pessoa, e você vai conhecendo esta coisa maravilhosa que cada pessoa tem." (Mulher).*

*"(...), mas, assim, a necessidade que você tem de uma outra pessoa que também ajuda você a meio que moldar sua vida assim, sabe? Eu acho que isso é importante, porque pensando nestas duas pessoas, eu acho que as opiniões dela me influenciaram" (Homem).*

*"Eu acho que a amizade tem a ver com solidão, mas para mim é um pouco mais profundo. Assim: não é porque eu não gosto de ficar sozinha, que eu acho que eu preciso dividir as coisas com alguém assim" (Mulher).*

*"Eu não tenho distinção. Acho que amizade é um ponto de um apoio, um ponto de equilíbrio. Bem isso que você falou, quando você tá no auge da loucura do seu dia-a-dia, alguém que você consegue (...) você vai lá pra contar seus problemas ou pra se divertir ou pra se distrair. A gente sempre se encontra e fala isso: 'como é bom a gente se encontrar', pra sair daquela rotina maluca que a gente tem, de trabalho, casa, trânsito. Acho que amizade é isto: você confiar na pessoa e te fazer bem estar com ela" (Mulher).*

*"Mas eu acho que não é só isso, tem a coisa da troca e não da descoberta. (...) As pessoas que permanecem, que eu gosto de conviver, são as que me trazem novidades, mas não novidade: 'ah, me fala qualquer coisa', mas novidades que eu possa ver em mim, que eu possa descobrir em mim" (Marcela).*

Para se empreender uma análise funcional, segundo Merton (1970), deve-se considerar não só as consequências reconhecidas pelos participantes da relação de amizade, como as funções aqui declaradas, mas também é importante determinar as consequências não intencionadas, ou não reconhecidas, pelos indivíduos envolvidos na amizade duradoura em questão.

Logo, para analisar a *função latente* da amizade duradoura, partiu-se da questão: qual/(is) é/(são) a/(s) consequência/(s) não intencionada/(s) ou não reconhecida/(s) pelos membros do grupo da existência da amizade duradoura para o próprio grupo social em questão?

Deve-se considerar também a grande frequência da menção do amigo como aquele indivíduo que pode dar apoio em situações de dificuldade e, inclusive, que se torna importante na tomada de decisões em momentos de mudança na vida do outro. Tal menção também está relacionada ao termo comumente utilizado não só por esses entrevistados, mas visto em outras pesquisas sobre o tema da amizade, (REZENDE, 2002; WALKER, 1994 e 1995) referente ao "contar com", que, além de ter uma relação com a questão da afinidade e do afeto, como já mencionado no primeiro tópico de análise aqui empreendido, também tem o sentido de apoiar o outro independentemente da necessidade.

Em todo caso, não se pode desprezar o depoimento de uma entrevistada, transcrito abaixo, que discorda do fato de que o apoio incondicional seja a função da amizade. Vale mencionar que eu a questioneei sobre o assunto, já que a amiga dela, entrevistada anteriormente, havia considerado esse tipo de apoio como a função social da amizade. Porém, na opinião da entrevistada, seria o amor incondicional essa função:

*"Eu não posso te falar, porque eu critico e eu falo; 'isso não é legal. Várias situações. Você está errando. Eu falo: 'bonito!'. Eu não estou nem aí, mas eu acho que o incondicional é o amor, quando você ama de verdade, você não está ligando se a pessoa está de mau humor ou se está doente, ou se está muito excitada, ou se apaixonou e sumiu.*

*Então, se você sabe, sabe aquela coisa de ficar sossegadinha? É, ah, sumiu, tá apaixonada, que bom!. Ai, traz ele para eu conhecer" (Mulher).*

Além dessa opinião, houve outros dois depoimentos bastante significativos, que nos fizeram refletir sobre a *função latente* da amizade. Ambos têm uma relação com muitas questões ou mesmo pontos de vista citados nas entrevistas e também com algumas discussões encontradas na leitura empreendida sobre a sociedade contemporânea. Por isso, acredita-se que esses depoimentos podem auxiliar a compreender o tipo de função social, pois permitem atrelar a questão da mudança social ao estilo de vida encontrado em uma sociedade urbana (marcada pela longa distância, pelo trânsito constante, pela falta de tempo) e contemporânea (efêmera, em que são comuns a rapidez e a instantaneidade na troca de informações, facilitada pelo desenvolvimento das novas tecnologias).

*"Para mim ele é piso firme, assim" (Mulher).*

*"(...) eu ficava de madrugada, com a luz acesa e eu tava falando com os meus amigos, no Skype, não sei onde. A Carolina mesmo, a Carolina falou; 'que horas você chega' que eu, nem ela sabe que eu tenho Muay Thai todos os dias e ela vai me ligar, e vai ser perto das 23hs. Então, assim, essa coisa de, de você ter um tempo. (...) E se fosse definir numa palavra, talvez seja a disponibilidade, além do amor incondicional" (Mulher).*

*"Então pra, não dá para parar aqui. Aí, no outro dia, o reverso, amiga, fica bem. Ontem eu falei para ela: 'ah hoje sou eu'. E eu disse: 'para', ela melhorou muito do que eu falei, era como se eu fosse os pés dela subindo na escada, então, amigo para subir na vida" (Mulher).*

Nota-se nos depoimentos que, em uma sociedade em que tudo é efêmero, maleável e inconstante, ter um piso firme, sólido, para poder estar ao seu lado, é extremamente importante, conforme a primeira entrevistada sugere. E também o ponto de apoio para subir, ou seguir, na vida, citado na terceira fala. Já no segundo depoimento, destaca-se a disponibilidade para o outro, a qual, deve-se atentar, não é para o encontro físico, mas apenas para se ter um tempo para atender o outro, por exemplo, em uma conversa por meio de um programa de mensagem instantânea ou pelo telefone residencial, nesse caso, ainda utilizado como meio de comunicação entre as duas pessoas envolvidas.

Logo, considera-se a *função latente* da amizade duradoura na sociedade paulistana contemporânea a "disponibilidade incondicional para o outro no espaço", pois, independentemente do que esteja acontecendo naquele momento (o indivíduo esteja trabalhando de madrugada ou em um tempo de descanso, enfim, esteja impedido pela "correria do dia a dia"), o amigo será o ponto de apoio firme e disponível. Embora não ocorra o encontro face a face, deve-se considerar que há uma presença do outro lado da linha do telefone ou do outro lado da tela do computador. Evidentemente, caso seja imprescindível, o amigo estará presente em um encontro direto para atender o outro, em qualquer momento que ele precise.

#### **4.3. OUTRAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A PESQUISA DE CAMPO**

No decorrer das entrevistas, foram abordadas algumas questões referentes à vida na metrópole, especificamente na cidade de São Paulo. Dentre essas, vale citar as que dizem respeito à sociabilidade urbana:

*"(...) Mas eu acho assim, que em São Paulo tem pessoas que vivem nessa correria e, por exemplo, nos lugares elas não buscam amizades novas. Se acontecer, ah, aconteceu" (Mulher).*

*"A cidade de São Paulo, eu acho uma cidade muito legal pelas oportunidades que oferece, mas ao mesmo tempo eu odeio São Paulo. Tudo é muito longe, tudo é muito difícil, então, eu brinco que há um tempo atrás eu tenho um sonho de morar no interior" (Homem).*

*"(...), que eu vejo que se você começa a dar mais espaço para os paulistanos, eles misturam e eles se abrem muito fácil. Então, não é uma regra, existem exceções, mas trabalhando, no geral, as pessoas se abrem muito fácil, são muito carentes de atenção, de ter alguém por perto. E como eu gosto muito de ouvir, mais de ouvir do que falar, as pessoas sempre se abrem e as pessoas estão reclamando das amizades" (Homem).*

São Paulo é uma cidade onde as pessoas não se preocupam em fazer novos amigos? Ou seja, é uma cidade solitária, pouco amigável? De acordo com alguns entrevistados, a resposta é “sim”. Alguns dos depoimentos aqui ilustrados visam mostrar essa discussão, também existente nesta pesquisa.

A maioria dos entrevistados afirma que, apesar de haver empecilhos ao encontro presencial com os amigos na cidade de São Paulo (o trânsito, a distância, a violência urbana), não deixa de encontrar seus amigos pessoalmente. No entanto, muitos reconhecem que postergam o encontro presencial com o outro em decorrência das dificuldades que a cidade apresenta.

Para amenizar o problema da distância e do tempo gasto nos deslocamentos, nota-se que muitos combinam e encontrar-se pessoalmente no meio do caminho de suas casas ou do ambiente de trabalho, seja no embarque/desembarque de uma estação de metrô; em um estabelecimento comercial (shopping, galeria, restaurante etc.) ou mesmo em

lugares que podem ser considerados chave em suas vidas, como o antigo local de trabalho e a residência dos familiares, onde já não moram mais.

A análise das entrevistas também permitiu buscar algumas prováveis respostas sobre a importância de se ter amigos em São Paulo, por exemplo, para diminuir o sentimento de solidão. Mas isso não é resolvido necessariamente com os/(as) amigos/(as) duradouros/(as) e, sim, muitas vezes, com pessoas situadas mais próximas geograficamente, ou seja, com quem se tem um convívio social diário (colegas, "colegas que podem estar se tornando amigos", amigos do trabalho).

Para suprir a necessidade humana de socializar, pode-se encontrar pessoas com quem se tem um contato social mais próximo na rotina do dia a dia, inclusive, fazendo uso para isso de meios comunicacionais, como o telefone celular e os produtos disponíveis pela Internet, que são instrumentos utilizados para facilitar o encontro pessoal, conforme já discutido. Os depoimentos a seguir demonstram esse fato:

*"Porque ela, às vezes, eu ia correr com ela no Ibirapuera, com uma turma. E aí, só que eu prefiro fazer academia. Eu vou mais para a academia, então eu tenho mais contato com as pessoas da academia" (Mulher).*

*"É. É uma das coisas que faz eu aguentar o trabalho é a convivência com ele. Assim, o nível de estresse... e, assim, a hora do almoço (...). Rola, rola, fala sem pudor nenhum. Sei lá se alguém brigou com alguém e assim a gente fala, 'você viu? Menino, que que é isso? Nossa Senhora! Olha isso! Olha que horror! Puxa, a minha chefe me pediu para fazer isto' " (Mulher).*

Por outro lado, há entrevistados que discordam que o encontro ou a proximidade geográfica com qualquer pessoa, inclusive no trabalho, podem gerar uma aproximação e até mesmo levar à relação de amizade:

*"Eu não concordo porque, ah, sei lá, eu encontro meu vizinho todo dia, e eu não tenho o mínimo de intimidade com ele, por exemplo, eu encontro o meu porteiro todo dia, eu dou 'bom dia', mas eu não sei nada da vida dele. O encontro é uma conversa de uma hora, o encontro é trabalhar do lado da pessoa todo dia, encontro é você sentar numa mesa e tomar uma cerveja" (Mulher).*

Nesse sentido, o encontro presencial com um/(a) amigo/(a) duradouro/(a), para muitos entrevistados, torna-se mais difícil na cidade de São Paulo, pois, além da rotina, da vida de trabalho - já que a maioria trabalha, ou trabalhava na época da realização das entrevistas - há, em primeiro lugar, o que foi apontado por um dos entrevistados, sobretudo, a cultura do excesso e do acúmulo de capital, o que também impede, muitas vezes, o encontro com o outro. Esse tipo de cultura de acúmulo de capital pode também ser um dos fatores marcantes num grande centro urbano como São Paulo.

*"No face a face, talvez, por ser tão difícil em São Paulo, fazendo tantas coisas, é, eu acho que é muito, aí, eu acho que talvez tenha essa razão, dificulta a amizade, né? (...) São Paulo é uma cidade que dificulta a amizade. Eu acho que São Paulo é um lugar como qualquer centro urbano, e você descobre que você tem muita coisa pra fazer, e, nesse sentido, São Paulo tem culpa, né? Acho que a falta de lugares públicos de convivência facilita muito a falta de encontro, pois em vários centros urbanos, por exemplo, o Rio de Janeiro, você tem o calçadão, tem a praia mesmo, na zona sul, na zona oeste. Aí, em Buenos Aires, tem vários parques, (...), ou seja, São Paulo, pela falta de lugares públicos,*

*eu acho que isso piora. Eu acho que tem uma coisa da cultura, (...), quero fazer acontecer, (...). Essa cultura do excesso e do acúmulo" (Homem).*

No entanto, independentemente dos empecilhos comuns à "correria do dia a dia" e/ou comuns à vida na grande cidade, há outros instrumentos importantes na sociedade contemporânea que podem ser facilitares do contato social distante e da marcação do encontro presencial, tais como o telefone celular e a Internet com suas ferramentas de comunicação, já discutidos anteriormente. Esses são instrumentos fundamentais nesta sociedade para a manutenção do contato social com amigos/(as) duradouros/(as).

Por fim, vale expor os chamados "pontos fora da curva", ou seja, como a pesquisa de campo teve um caráter exploratório, o que justifica o uso da análise qualitativa, devemos dar atenção a todas as "descobertas", mesmo aquelas pouco citadas. Assim, um dos aspectos a serem abordados neste tópico, conforme mencionado, é o local da origem das amizades duradouras.

Primeiramente, é interessante notar que houve um único caso de amizade formada num local de trabalho, quando um dos entrevistados ainda era uma criança. Trata-se do caso de um ator mirim, que já trabalhava em teatro durante a sua infância.

Houve também apenas uma entrevistada, com 40 anos de idade na época da realização da entrevista, que afirmou ter dois amigos duradouros, conhecidos por meio de um bate-papo na Internet. Os dois amigos em questão são moradores de outras cidades, um deles reside no interior de São Paulo e o outro em Minas Gerais. Segundo a entrevistada, ambas as amizades já têm um tempo de duração de no mínimo 15 anos:

*"Um dos grandes amigos meus, eu conheci há 15 anos ou mais. Eu conheci na Internet. Virou um grande amigo meu, e eu conheço a família inteira dele e ele a minha. Ele mora em Jaú" (Mulher).*

Outro ambiente social mencionado em algumas poucas entrevistas foi o clube esportivo. Nesse local, ocorriam reuniões destinadas a adolescentes, filhos e descendentes de imigrantes japoneses, conforme o depoimento de uma entrevistada demonstra:

*"Mas é que, a Lúcia, ela é minha amiga de infância. Então, a gente jogava futebol junto, a gente tem muita coisa junto. Futebol, tênis, a gente participava de um grupo jovem, e até pouco tempo a gente era bem grudada e agora eu estou fazendo outras atividades" (Mulher).*

O clube é um local muito pouco citado se comparado à escola e à faculdade, que foram as instituições sociais que mais contribuíram com a formação da amizade dos jovens adultos entrevistados. No entanto, esse é um aspecto bastante importante a ser mencionado neste tópico da análise qualitativa, pois, a partir dele é possível compreender a sociabilidade em um grande centro urbano, como a metrópole paulistana, e também produzir conhecimento sobre a amizade dos moradores desta metrópole, filhos e descendentes de imigrantes de outras nacionalidades, como a japonesa.

Portanto, por meio das entrevistas que mencionaram o clube esportivo como local de formação de amizades duradouras, pode-se conhecer um pouco sobre o processo de "acomodação" dos imigrantes japoneses e de seus descendentes nesta metrópole. Foi interessante notar entre algumas entrevistadas, descendentes desses imigrantes, que há grupos de pessoas pertencentes à comunidade japonesa, que se reúnem, por exemplo, em clubes esportivos.

*"Eu acho que é a afinidade sim. Mas eu não sei, eu acho que também, pelo fato dela. Assim eu vou contar um pouco do nosso começo. Eu conheci ela no meio de uns*

*grupos, eu não sei se você já está sabendo que tem uns grupos meio japoneses, né? tipo que se juntam e vão conhecer todo mundo. Então, a gente fala que o mundo japonês é meio limitado né? de pessoas" (Mulher).*

*"Eu conheci ela num desses movimentos, sabe?, que juntam o grupo, e assim eu não sei te dizer se de primeira a gente já teve afinidade. Mas eu acho que a gente foi criando esse vínculo. E daí, depois, a gente estudou juntas no cursinho. Então, a gente se conheceu e daí e tal, legal, bacana essa pessoa, mas não juntou assim de cara.(...) E aí a gente foi estudar no cursinho. E foi no cursinho que a gente começou a se aproximar mais. A ter mais contato, ver a afinidade real" (Mulher).*

Nessa "comunidade japonesa" em São Paulo, o círculo social é restrito e fechado, conforme mencionado por uma das entrevistadas. Tal comunidade cria em ambientes sociais ou em instituições sociais os chamados "movimentos jovens", que não estão ligados à religião ou a associações políticas, mas são formas de reunir as crianças, os adolescentes e os jovens descendentes da comunidade.

*"É então, e aí, dentro do clube, também tem o movimento jovem, que são essas coisas que promovem reuniões sobre família, sabe, essas coisas, parece igreja. Todo mundo fala: 'nossa, isso é igreja', eu falo: 'não'" (Mulher).*

*"É que, na verdade, esse grupo tem bastante gente da minha família também. Mas como todo mundo fez o mesmo cursinho, e ela ficou um tempo nesse cursinho, eu acho que ela fez três anos de cursinho, ela foi conhecendo todos os meus amigos também, que viraram amigos dela. Então, não foi consequentemente por mim que ela conheceu essas*

*peessoas, mas foi pelo meio social. E aí, no final, a gente tem o mesmo grupo de qualquer jeito, entendeu?" (Mulher).*

*"Ah, então, a minha família conhece a família dela. Pensa que é legal porque os pais se conhecem" (Mulher).*

Devido ao pertencimento à "comunidade japonesa" em São Paulo, há uma identificação nítida nessas amizades duradouras quanto aos gostos e estilos artísticos (filmes, música etc.), que podem estar atrelados ao próprio interesse pelo conhecimento da cultura japonesa.

*"A gente começou agora a fazer sessão cult do Akira Kurosawa, uns diretores mais. E aí, todo mês, a gente está tentando marcar uma sessão, e aí, por exemplo, com ela, é assim: 'nossa, eu queria, eu tava procurando tal coisa, você sabe onde vende?' 'Ah, eu acho que não sei onde', e a gente acaba indo juntas" (Mulher).*

*"Então, a gente brinca 'aí, vamos ter filho na mesma época'. Aí a gente fala, ah, imaginando assim, a gente com duas cadeirinhas, um pra cada amiga. De ir lá falar com os filhos, então, é um grupo que a gente tem fé que vai continuar. E que a gente também faz muito esforço para se ver. E a gente tenta marcar coisas assim. Ah, por exemplo, o cinema cult. A gente inventou, porque 'ah, vamos lá, eu quero ver todos os filmes do Akira'. Aí todo mundo lá, ninguém sabia quem que era. Aí, então, vamos ver, aí 'vocês gostaram da primeira sessão? Ah, eu não', aí o outro, 'ah, eu gostei'. E aí a gente, aí vamos marcando, que a gente pode mudar também. O diretor e tal então todo mundo faz força para ir nos eventos. Então, é um grupo bem bacana assim" (Mulher).*

Entre as entrevistadas é também comum o fato de muitas delas morarem em bairros próximos, concentrados na zona sul de São Paulo, onde é predominante a presença de moradores imigrantes japoneses e seus filhos e descendentes. Para uma delas, a proximidade das residências favorece o fortalecimento dessas amizades duradouras:

*"Olha, eu vou ser bem sincera, facilita morar perto. Muito. Esse contato facilita. Porque eu fico imaginando se, por exemplo, a Joana, se ela morasse super longe de mim, é, com certeza, a gente ia se ver bem menos. Se a gente não tivesse um encontro marcado em algum lugar, por exemplo. Ou alguma atividade assim. A gente tem amigos que moram longe, mas que pela corrida, pelo grupo, a gente se encontra de segunda, por exemplo. Mas eu acho que realmente dificulta ser longe. Entendeu? Não tem como dizer que (...). Agora, existem aquelas amizades que por mais que estejam longe, por mais tempo que passem sem muito contato, quando eu encontro, parece que é a mesma coisa. Parece que é 'nossa, não acredito, você não mudou'. Entendeu? Alguma coisa assim, mas a correria também e a distância, eu acho que para esse contato visual, eu tenho certeza que atrapalha. No caso, por exemplo, a Joana, essa minha amiga Beatriz, a minha prima, elas moram todas ao redor, por exemplo, uma mora no Jabaquara. A Beatriz no Klabin, a Joana aqui na Praça da Árvore. A minha prima lá no Paraíso, é todo mundo meio zona sul. Então, os únicos que não são zona sul são dois amigos que gostam muito da corrida e da gente. Eles fazem questão de ir no mesmo dia e tal" (Mulher).*

Foi possível identificar dois grupos de jovens adultos nessas entrevistas e pertencentes à "comunidade japonesa", que travam amizades duradouras entre si: o grupo da corrida no Ibirapuera e o grupo do clube esportivo.

Uma das entrevistadas explica que ainda faz parte do grupo de jovens adultos que frequenta o clube e, por isso, o seu contato social físico com as demais amigas, que participam do grupo da corrida, está menos frequente. Esse grupo é formado por quatro ou

cinco jovens, podendo, às vezes, ser até maior (sete pessoas) Antigamente, na fase da adolescência, o grupo de jovens do clube esportivo era formado por 20 jovens, considerando-se os praticantes de tênis. Segundo a mesma entrevistada, é possível observar a presença de jovens adultos que retomaram o contato no clube, local da socialização primária durante a adolescência:

*"Ah, o meu fim de semana, ele é bem tranquilo agora, hoje em dia, de sábado, eu vou para a academia, aí, depois, eu volto e aí eu vou para o clube, que agora eu estou voltando a frequentar o clube, que esse clube ele é bem legal, quando você é criança e adolescente, porque fica todo mundo lá junto. Aí, quando chegou o vestibular, todo mundo parou de ir para o clube. E era uma coisa muito, tipo mágica, todo mundo se amava lá tal e de repente parou porque cada um tinha que fazer suas coisas, e agora que o pessoal está ficando mais velho, tem gente que está casando, tendo filho, então volta para o clube que é um ambiente legal, de família. E, como agora eu sou solteira e também não estou mais tão indo para a balada, eu tô optando para ir para o clube e eu tô tentando voltar a jogar tênis" (Mulher).*

Há também outro aspecto, selecionado para ser discutido neste tópico, que está relacionado à vida dos migrantes na cidade. Neste caso, trata-se da observação feita por um migrante do interior de Minas Gerais, que veio à São Paulo para iniciar sua carreira profissional há seis anos, considerando-se a época da realização da entrevista.

De acordo com o entrevistado, os habitantes da cidade de São Paulo não apresentam amizades duradouras ou "amizades verdadeiras", mas, sim, amizades que ele considerou "circunstanciais". Segundo esclarece, quando indagava seus conhecidos a razão pela qual mantinham determinada amizade, estes explicavam que era por morarem próximos e não por possuírem afinidades com essas pessoas. Em outras palavras, não

seriam "amigos naturais", como ele vivenciou em sua cidade natal, e isso estaria atrelado à logística da cidade, ao deslocamento e a distância na grande metrópole:

*"Eu acho que, em São Paulo, as pessoas fazem amizades pelas circunstâncias. Mais até do que por afinidade. Você está geograficamente localizado perto de outra pessoa, no trabalho, na faculdade. As pessoas não se aproximam por afinidade, mas por circunstância, por estarem próximas uma das outras. Este é o meu diagnóstico" (Homem).*

Segundo esclareceu, o paulistano é um indivíduo muito "carente" e que se abre facilmente, quando alguém lhes dá um pouco de espaço. O migrante entrevistado também explica ter ouvido muitas queixas sobre as próprias amizades de seus conhecidos.

*"Assim não dá, que a pessoa não tenha nenhuma intimidade, que eu vejo que se você começa a dar mais espaço para os paulistanos, eles misturam e eles se abrem muito fácil. Então, não é uma regra, existem exceções, mas trabalhando, no geral, as pessoas se abrem muito fácil, são muito carentes de atenção, de ter alguém por perto. E como eu gosto muito de ouvir, mais de ouvir do que falar, as pessoas sempre se abrem e as pessoas estão reclamando das amizades" (Homem).*

Além disso, em sua opinião, é impossível desenvolver a amizade nesta cidade, pois a mobilidade do indivíduo citadino é bastante intensa:

*"É porque aqui as pessoas aqui só vão construir circunstanciais. Parece que não dá tempo de desenvolver, sabe? As pessoas mudam tanto de localização, de ambiente,*

*que parece que não dá para desenvolver, sabe? Que não dá tempo de o circunstancial virar o mais assim, sabe? Às vezes até dá, mas morre ali, sabe?" (Homem).*

*"É, é o que é muito comum de acontecer aqui, as pessoas são de circunstâncias, porque geralmente o seu lugar de trabalho já não é um lugar perto, você está num lugar longe, as amizades que você mesmo faz, verdadeiras, por afinidade mesmo, você consegue manter, as que não são, você não consegue e elas acabam sendo um pouco mais artificiais. Isso acontece, eu já mudei de emprego umas três vezes nos últimos dois anos, e isso acontece" (Homem).*

A opinião que o entrevistado tem sobre as amizades duradouras em São Paulo está atrelada à referência de comunidade que ele traz de sua cidade natal. Aliás, alguns de seus amigos duradouros também moravam na cidade de São Paulo, então, é possível identificar aqui a ideia da comunidade dentro da sociedade, sendo que esta é a própria metrópole ou a grande cidade, tal como a teoria tönnesiana de comunidade e sociedade sugere. Ao se referir à comunidade criada aqui, de amigos/(as) duradouros/(as), migrantes do interior de Minas Gerais ou de outros estados, o entrevistado a denomina de "gueto".

*"Eu tenho minha base de amigos basicamente formada por pessoas que vieram de Minas para cá, tem muitas pessoas da minha faculdade que moram aqui. A gente fez a nossa comunidade aqui dentro de São Paulo, e existem pessoas de fora, e amigos em comum que moram aqui, é, a Laís faz parte dela. (..) A gente foi, cada um foi trazendo amigos que conheceu aqui em São Paulo para dentro, às vezes alguns paulistanos, mas a nossa base mesmo é de pessoas que vieram do interior para cá. Parece até meio um gueto, meio fechado, mas é como eu te falei, é naturalmente que se forma, não foi uma coisa que a gente planejou. Foi uma coisa natural. Então, a minha base de amizade daqui é como se eu tivesse me transportado do interior" (Homem).*

Aliás, outra entrevistada, migrante e moradora de São Paulo, tida como sua amiga duradoura, em um grau que ele denomina o mais "sublime", também diz trazer outros amigos para o referido "gueto".

*"Então, eu falo hoje é dia do happy hour mineiro, então, ele sabe que é o dia de encontrar o pessoal lá de Santa Rita. Então, isso que eu ia falar, dentro dessa comunidade tem uns graus, ah, porque convidou, porque está morando perto, ou tá trabalhando junto, aí aparece, sabe? E tem pessoas que, por exemplo, eu, Érico e Daniela, nós somos de lá de Minas e nós somos bem ligados e agora a gente inclui na nossa rede uma pessoa de Recife, que é a Iara, e ela vai. E é engraçado que, apesar de ser de Recife, ela é muito amiga nossa, então, hoje a gente tem o nosso quarteto que é eu, Iara, Daniela e Érico. Tá, nós somos os quatro bem ligados, e a Iara, é muito recente a amizade dela, nós a conhecemos há dois anos também, e é amiga mesmo" (Mulher).*

Nesse depoimento é possível considerar a importância do encontro face a face dos indivíduos pertencentes à comunidade, pois o momento é chamado pela entrevistada de "happy hour mineiro". Ela também cita um elemento importante que permite compreender a análise feita sobre a sociabilidade na grande cidade, pois entende que não corresponde a um hábito comum dos habitantes desta sociedade convidar o outro para eventos sociais. Ao mencionar a relação de amizade que está construindo com uma colega de trabalho, fica evidente a sua opinião sobre isso:

*"É mais leve assim, hoje, por exemplo, ela me falou (que eu vou para Campinas neste final de semana ver o meu namorado), e ela falou: 'sabe, o meu pai está cantando lá em Campinas', que o pai dela canta em caraoquê destes japoneses. 'Ah, vamos lá, a gente*

*se encontra lá' e não sei o que, não sei o que, então, tem essa coisa assim de chamar o outro que é uma coisa que a gente não vê aqui em São Paulo" (Mulher).*

Mas, questiona-se, será que a impressão desses migrantes, jovens adultos, sobre a amizade dos habitantes paulistanos, não está relacionada com a dificuldade no processo de adaptação ao estilo de vida na cidade grande?

Qualquer que seja a resposta, pode-se entender também a dificuldade de constituir amizades duradouras nesta cidade, com os habitantes paulistanos, pelo fato de terem passado a fase da adolescência e de terem concluído o curso universitário em outras cidades, visto que durante essas fases da vida é que são construídas sobretudo as amizades duradouras das pessoas.

De todo modo, é interessante notar as diferentes formas de socialização encontradas pelos jovens adultos, filhos de imigrantes, nascidos aqui em São Paulo, frequentadores de locais variados, como o citado clube esportivo.

Também merece destaque, como esses migrantes, vindos de outras regiões e estados brasileiros, ainda criam seus "guetos", ou comunidades, não só para se adaptarem, mas também se acomodarem ao estilo de vida na metrópole, tal como os pesquisadores da Escola de Chicago identificaram no início dos estudos urbanos com os imigrantes nos Estados Unidos.

## CONCLUSÃO

As amizades duradouras são afetadas pelas novas formas de comunicação na sociedade contemporânea. É possível afirmar que elas são alteradas principalmente pela frequência da comunicação, sendo que esta se torna cada vez mais fácil e acessível seja pelo telefone celular, seja pela comunicação mediada pelo computador. A frequência também é maior, isto é, aumentou a quantidade da comunicação feita a distância entre as pessoas. Em outras palavras, as pessoas comunicam-se mais pelas novas formas de comunicação e com grande facilidade com seus amigos duradouros na sociedade contemporânea.

Também é possível identificar, principalmente ao se considerar a segunda etapa da realização da pesquisa qualitativa, a simultaneidade da comunicação nas amizades duradouras. Na etapa, foi bastante comum entre os entrevistados, principalmente no primeiro semestre de 2013 (a partir de maio) e no início do segundo semestre de 2013 (quando as últimas entrevistas semiestruturadas foram concluídas), o uso de aplicativos para a comunicação instantânea no telefone celular, com destaque para o *WhatsApp Messenger*. Essa ferramenta foi caracterizada pelos entrevistados, e seus usuários, a partir de sua rapidez e instantaneidade na troca da comunicação e da informação com seus amigos duradouros.

A rapidez na troca da comunicação entre os/(as) entrevistados/(as) mostra como a análise feita de David Harvey (1993), segundo a qual a efemeridade passou a influenciar a experiência cotidiana dos indivíduos, também se insere no campo das relações sociais de amizade.

A experiência cotidiana dos indivíduos na sociedade contemporânea, no que tange às suas amizades duradouras, também é influenciada pela efemeridade no campo comunicacional, pois o papel da Internet modificou-se durante a realização das duas etapas da pesquisa de campo desta tese (dois anos de diferença) e continua em um processo de constante mudança.

Para retratar essa efemeridade, observada no campo comunicacional, constatou-se a mudança do uso do e-mail na comunicação entre amigos. Na primeira etapa da pesquisa de campo, no segundo semestre de 2010, essa ferramenta foi citada várias vezes como útil para a manutenção do contato social a distância entre amigos. Já na segunda etapa da pesquisa, iniciada em dezembro de 2012 e finalizada em agosto de 2013, o envio de e-mail para os amigos duradouros foi pouco mencionado. Também se observou a mudança do uso das "redes sociais na Internet", como a migração do *Orkut* para o *Facebook*; além da utilização sempre mais comum de aplicativos do telefone celular para a comunicação instantânea, como o *WhatsApp*, ao invés do MSN, acessado pelo computador pessoal.

Outra consequência do uso das novas formas de comunicação nas relações de amizade duradouras é a tendência de haver uma diminuição do encontro face a face entre esses amigos, pois na maioria das amizades duradouras dos 37 entrevistados, foi comum "falar mais" com os amigos do que vê-los, ou seja, encontrar-se fisicamente.

Com base nessa tendência, algumas questões foram feitas e devem ser mencionadas novamente nesta conclusão pela necessidade de que sejam investigadas futuramente, e mais a fundo, que são: Os laços de amizade duradoura não estão se enfraquecendo com a Internet? Qual a consequência da falta do encontro presencial com os amigos duradouros? Será que o papel da amizade duradoura não está se enfraquecendo?

Algumas dessas questões foram observadas na análise qualitativa, por exemplo, para a pergunta relativa ao enfraquecimento dos laços de amizade duradoura com o uso da Internet e de suas ferramentas (acessadas por computador pessoal ou pelo telefone celular) há respostas prováveis. É necessário existir o esforço de ambas as partes para que o encontro presencial de fato aconteça, para que, assim, a amizade não se enfraqueça. Aliás, todos os indivíduos consultados na pesquisa de campo reconhecem que o encontro presencial é fundamental para a manutenção das amizades duradouras.

Também houve uma discussão a respeito das outras duas questões, sobre a consequência da falta do encontro presencial e sobre o enfraquecimento do papel da

amizade duradoura. É interessante notar que para alguns entrevistados, principalmente para os mais velhos, o contato social a distância pelo telefone celular é menos impessoal do que aquele feito pela Internet. Portanto, há a tendência de se concluir que a Internet torna as relações sociais de amizade duradoura mais impessoais.

Vários entrevistados consideram que o contato social a distância, dado pelas novas tecnologias, promove conversas mais artificiais ou "práticas", isto é, é voltado para "assuntos práticos" do cotidiano das pessoas. Logo, a troca comunicacional entre os amigos duradouros está se tornando cada vez mais artificial, podendo haver uma superficialidade sempre maior na comunicação estabelecida entre eles.

O nível da troca entre os amigos duradouros torna-se inferior devido à constância maior do contato social a distância do que aquele de outra natureza, a física. Há uma diversidade de formas de trocar entre esses amigos que saem perdendo com a diminuição do contato social físico, tais como: a troca de carinho, de amor, de conhecimento pessoal, de conhecimento profissional, de opiniões, de conselhos, de experiências, de divertimento, de desabafos, de distração e de intimidade. Já que diminui o nível da troca, identificada como a função social da amizade, pode haver um enfraquecimento desse papel.

As amizades duradouras dos entrevistados permaneceram ao longo do tempo, principalmente, graças ao esforço de ambas as partes de se manter o contato social, ora a distância ora presencialmente. Com relação ao contato social feito a distância entre os/(as) amigos/(as) duradouros/(as) são várias as ferramentas comunicacionais utilizadas pelos entrevistados e entrevistadas para se comunicarem: telefone residencial, telefone celular, Internet e seus produtos e até, em alguns poucos casos, as cartas também foram importantes para contribuir com a duração dessas amizades.

Na primeira etapa da pesquisa qualitativa, foi constatado, nesse sentido, o uso mais frequente do telefone celular para estabelecer a comunicação com os amigos, seja pela facilidade da comunicação oral, seja por meio do envio de SMS ou "torpedos". Também era bastante comum, no segundo semestre de 2010, quando se realizava a primeira etapa desta

pesquisa, a comunicação entre amigos feita por meio de programas de mensagens instantâneas, com destaque para o *MSN Messenger*. Além disso, eram utilizados programas de mensagens instantâneas, disponíveis no próprio e-mail por alguns entrevistados, como o *Gtalk*.

Grande parte dos entrevistados utiliza as redes sociais na Internet para se comunicar com seus amigos, tanto na primeira quanto na segunda etapa da pesquisa de campo. O *Orkut*, todavia, tornou-se praticamente inexistente como ferramenta de comunicação entre os amigos duradouros na segunda etapa. Nessa etapa, foi notório como forma de manutenção do contato social distante entre amigos o uso de programas de mensagens instantâneas, sendo bastante mencionado o *Skype*, o bate-papo do *Facebook* e também o aplicativo de comunicação instantânea, *WhatsApp*, no telefone celular.

Os usos da Internet para a manutenção do contato com os amigos duradouros são os mais diferentes, conforme foi possível identificar na análise exploratória: atualizar-se dos acontecimentos da vida do outro, conversar sobre relacionamentos amorosos, verificar a possibilidade de falar com o outro, compartilhar informação, diversão, imagens, ou seja, divertir-se, distrair-se, informar-se, unir-se e aproximar-se, manifestar afeto, marcar eventos e marcar encontros presenciais.

Portanto, a manutenção do encontro presencial está atrelada ao contato social a distância nas amizades duradouras na sociedade contemporânea, pois, conforme identificado na análise qualitativa, a Internet, e suas ferramentas, e o telefone celular são usados para marcar os encontros face a face com os amigos. Desse modo, a Internet estimula a marcação de encontros. Mas, e com relação aos amigos que vivem a milhares de quilômetros de distância, ela pode ser um facilitador da manutenção das amizades?

Com relação à última indagação, vários entrevistados afirmaram possuir amizades duradouras no exterior, sendo que elas foram construídas e consolidadas no Brasil, durante a infância e a adolescência e, devido à mudança do amigo para outro país, sua manutenção se dava principalmente pela Internet. Foram destacadas duas facilidades disponíveis para a manutenção dessas amizades no exterior, como os programas de

mensagens instantâneas com vídeo e a economia de dinheiro feita por meio da "comunicação eletrônica". O gasto para se comunicar com os amigos no exterior seria muito maior se fosse possível somente através da ligação pelo telefone residencial ou pelo telefone celular, o que certamente impossibilitaria a existência desse tipo de contato social.

O telefone celular, por sua vez, é outro produto comunicacional que estimula os encontros face a face na localidade. Alguns entrevistados salientaram a vantagem da mobilidade, elemento característico desse aparelho, pois permite marcar encontros com base na local em que o indivíduo se encontra no momento. Outros, mencionaram que essa mobilidade permite a comunicação e o encontro físico com o amigo, caso haja estejam próximos do local de residência, de trabalho ou de estudos um do outro. Nesse aspecto, na segunda etapa da pesquisa, alguns entrevistados faziam uso de um aplicativo de telefone celular, o *Foursquare*, que possui um tipo de mapa que possibilita indicar e encontrar amigos que também utilizem o programa.

Portanto, é evidente a efemeridade do desenvolvimento comunicacional por meio do telefone celular, quando se consideram as duas etapas de pesquisa de campo, já que em 2010 só se falava pelo celular ou se usavam os "torpedos" para se comunicar com os amigos e, em 2013, o aparelho servia para se comunicar também pela Internet, fosse por e-mail, redes sociais, programas de mensagens instantâneas disponíveis somente no celular, ou não.

Na literatura consultada sobre o telefone celular, foi considerada e identificada, por exemplo, por Ling (2004), a possibilidade dessa mudança rápida e a criação de dispositivos mais modernos para facilitar a comunicação e a localização entre as pessoas nas cidades.

Essas evoluções auxiliam a comprovar a tendência de mudança da "sociabilidade tradicional" ou "sociabilidade física" para a "sociabilidade do telefone" (LING, 2004), que se torna um elemento marcante ao se considerar o campo das amizades duradouras na sociedade. A "sociabilidade do telefone" tem se tornado comum em nossa cultura, o que é possível identificar também pelas propagandas brasileiras, que não só

vendem este aparelho, mas o incluem em outras situações da vida cotidiana dos indivíduos nos anúncios, as quais, muitas vezes, estão ligadas a eventos sociais ou passeios nos quais os amigos podem estar incluídos.

Diante disso, entende-se que a "sociabilidade do telefone" e a mudança cultural a partir do uso intenso do aparelho, identificada na literatura como "cultura digital" (GOGGIN, 2006), são sempre mais marcantes na sociedade contemporânea. Muitos entrevistados utilizam as "redes sociais na Internet", como o *Facebook* e o *Instagram*, para se comunicar e demonstrar afeto por seus amigos através de imagens e criando "comunidades virtuais" (RECUERO, 2008).

Com base nas últimas considerações realizadas, entende-se que as relações de amizade modificaram-se por causa das novas tecnologias, primeiramente, não só por conta da rapidez, da instantaneidade e da frequência da comunicação feita a distância por telefone celular e pela Internet. Em segundo lugar, houve a mudança da "sociabilidade tradicional" para uma "sociabilidade do telefone", que é um aparelho cada vez mais popular e consumido na sociedade contemporânea, com o interesse não só profissional, mas, sobretudo, ligado à vida pessoal, na qual se sobressaem as relações de amizade. A importância do telefone celular nas amizades duradouras aqui estudadas é notória, dado ser o produto tecnológico preferido para estabelecer a comunicação com os amigos na primeira etapa da pesquisa de campo, pois, naquele momento, muitos entrevistados optaram pela possibilidade de travar a comunicação oral, considerada mais pessoal do que aquela realizada pela Internet, no computador pessoal.

Na segunda etapa da pesquisa de campo, o telefone celular também foi identificado por boa parte dos entrevistados como o principal meio de se acessar a Internet para se comunicar com amigos; usar os aplicativos para a comunicação instantânea e entrar nas redes sociais.

A "sociabilidade em rede" é vista como outra mudança na sociabilidade das amizades nesta sociedade, já que se observou a utilização da comunicação pela Internet, ou a "comunicação eletrônica", por todos os entrevistados e entrevistadas com seus

amigos/(as). Portanto, há uma tendência de se somar à "sociabilidade do telefone" a "sociabilidade em rede".

Santaella e Lemos (2010) identificam a mudança do paradigma da "interatividade entre humano e máquina" para a "experiência direta de sociabilidade em rede mediada por computador" na década de 1990. Com base na análise qualitativa, pode-se falar em uma nova mudança de paradigma, da "experiência direta de sociabilidade em rede mediada por computador" para uma nova experiência da "sociabilidade em rede" mediada pelo telefone celular ou, se possível, uma "sociabilidade do telefone em rede". Há, portanto, um novo paradigma, diferente daquele identificado por Santaella e Lemos (2010), a partir da junção da "sociabilidade do telefone" com a "sociabilidade em rede", denominada aqui como "sociabilidade do telefone em rede".

Diante dessas reflexões, é importante retomar o objeto de estudo desta tese: a função social da amizade na sociedade contemporânea. Em primeiro lugar, há que se considerar que a geração estudada para esta tese é nascida entre 1973 e 1986, logo, não é uma geração cujo contato com a Internet no computador pessoal, *notebook* ou *tablet* é inato; muito menos no telefone celular. Hoje, todos esses jovens adultos têm contato com as novas tecnologias.

Portanto, as amizades das pessoas da geração estudada formaram-se principalmente durante a adolescência (na escola ou na vizinhança) ou no início da vida adulta (ao longo do curso superior). Com isso, todas valorizam a importância do encontro presencial; entretanto, como serão as relações de amizade duradoura de uma geração posterior a essa, que nasceu nos anos 1990, ou mesmo na primeira década do ano 2000? Haveria outras formas de vivenciá-las? Seriam os encontros presenciais menos importantes do que para a geração estudada nesta tese? Essas são indagações que merecem estudos posteriores.

Para a geração estudada, nascida quando a revolução tecnológica ocorria ou havia acabado de ocorrer nos Estados Unidos, nos anos 1970 ou 1980, a troca de afeto e de um autoconhecimento com o amigo é a função social da amizade manifestada. Mas, ao se

considerar a "função latente", analisada aqui, tem-se a disponibilidade incondicional no espaço comunicacional e informacional.

Nesta sociedade, a falta de tempo é identificada pelos entrevistados como a "correria do dia a dia" ou como a rotina cansativa e maçante da grande cidade, seja pelo tempo perdido no trânsito, pelas longas distâncias, pela violência e pela sensação de insegurança. Então, muitas vezes perde-se tempo em decorrência desses fatores, sendo que esse tempo poderia ser dedicado aos amigos duradouros. Com isso, entende-se a importância do telefone celular na vida dos moradores da metrópole para efetivar a comunicação com as pessoas que fazem parte de seu círculo social. Afinal, devido à falta de tempo, à rotina cansativa, à distância e ao trânsito comuns na sociedade urbana, a mobilidade do telefone celular parece ter casado perfeitamente com esse ambiente social e o estilo de vida de seus moradores.

Há ainda dois aspectos discutidos na tese que devem ser retomados para fecharmos as nossas conclusões a respeito da "função social latente" da amizade. A efemeridade, identificada por Harvey (1993) como uma das consequências da aceleração nos tempos de giro da produção capitalista, está presente não só nos produtos consumidos pelos indivíduos, mas também na sua experiência cotidiana, o que repercute, e muito, na vida social das pessoas.

Em contrapartida, segundo Harvey (1993), percebe um maior interesse por valores duradouros, e também por religiões, pela família e pela comunidade. Daí, a necessidade de os indivíduos desenvolverem relações estáveis, incluindo aquelas de amizade; por isso, entende-se que as amizades duradouras têm como um de seus elementos a permanência, para que os indivíduos possam ter uma sensação de segurança, nesta sociedade em que tudo é efêmero, descartável, inconstante e mutável.

A amizade sempre teve um papel importante nas diferentes sociedades, conforme discutido na tese e, dessa discussão, foi possível identificar algumas influências trazidas do passado até hoje, seja na forma de se entender a amizade, seja em alguns de seus elementos ou no zelo que a sociedade contemporânea lhe destina.

Por exemplo, considerando-se os outros elementos que compõem a amizade, o afeto e a afinidade, estes tiveram sua relevância em outras sociedades e permanecem influentes nas amizades até hoje. A troca do afeto foi identificada como importante papel social da amizade tanto na Roma Antiga quanto no fim da Antiguidade. A afinidade entre os envolvidos na relação de amizade, por sua vez, já era essencial nas amizades no século XIX, durante o Romantismo. Inclusive, interferiu no próprio papel social da amizade da sociedade da época, pois os indivíduos entravam em contato uns com os outros devido a suas preferências pessoais para suprirem a necessidade humana de compartilhar sua vida cada vez mais com alguém.

Houve também a definição do papel da amizade na Modernidade, por Alberoni (1993), como a busca do amor, isto é, a troca de amor e de afeto já era importante naquela sociedade. O pesquisador identificou ainda o papel social da amizade na contemporaneidade como a busca do autoconhecimento, realizada por meio dos encontros presenciais.

Com isso, o papel social da amizade na contemporaneidade também foi investigado na pesquisa qualitativa realizada, tendo sido percebido nos depoimentos de alguns dos entrevistados. Portanto, a troca de autoconhecimento e de afeto foi identificada como a "função manifesta" da amizade na sociedade contemporânea.

Um dos nossos objetivos da tese, no entanto, foi entender a mudança social da "nova" estrutura social e, para isso, seria necessário buscar não só o papel social da amizade, manifestado pelos indivíduos, mas também a sua "função latente", tal como Robert Merton (1970) sugeriu em seu paradigma funcionalista.

Logo, a "função latente" da amizade foi identificada nas entrevistas como a disponibilidade incondicional para o outro no espaço, tendo sido este espaço identificado como físico e geográfico, além de comunicacional e informacional, ou o "ciberespaço" (LÉVY, 1999). Nesse sentido, ao estar disponível para o amigo, num espaço físico ou a distância, identifica-se, por meio dessa função social, a mudança na organização da sociedade contemporânea, considerando-se o campo da vida social e da sociabilidade, pois,

o desencaixe das relações sociais na Modernidade, diagnosticado por Anthony Giddens (1991), também se manteve na sociedade contemporânea. Mas, pelo fato de na sociedade contemporânea ter sido marcante a influência da revolução tecnológica e da "sociedade em redes" (CASTELLS, 1999) e da sua organização social em rede (LÉVY, 1999), foi possível observar no campo da sociabilidade a junção dos novos estilos de sociabilidade, como a "sociabilidade do telefone" (LING, 2004) e a "sociabilidade em rede" (SANTAELLA & LEMOS, 2010), fazendo com que haja a preponderância da "sociabilidade do telefone em rede" sobre a "sociabilidade tradicional" ou a "sociabilidade física" (SANTAELLA & LEMOS, 2010).

A mudança social identificada nesse campo da vida dos indivíduos, que é o das relações de amizade, é a interferência do telefone celular e da "comunicação eletrônica" (que é a comunicação dada pela Internet e suas ferramentas comunicacionais) na sociabilidade dos paulistanos e migrantes aqui consultados e moradores da metrópole paulistana; ou é a preponderância da "sociabilidade do telefone em rede" nas formas de sociabilidade urbana.

E então, retoma-se mais uma vez a questão apresentada na introdução e já discutida nesta conclusão: Será que as relações de amizade se modificaram pelas novas tecnologias? É possível dizer que sim, somente no que tange às formas de manutenção do contato social entre os amigos duradouros. Mas, no que diz respeito à natureza da amizade - ou a sua "essência", tal como alguns/(as) entrevistados/(as) se referiam ao abordar os elementos característicos - ainda são marcantes o afeto e a afinidade, tal como visto em outras sociedades, e a permanência, sendo esta marcante numa sociedade em constante mudança.

Na sociedade contemporânea e urbana, a falta de tempo é comum, seja porque a rotina é exigente e desgastante, seja pelo trabalho, pelo trânsito, pela distância, pela violência e pela sensação de insegurança; além de se ter uma qualidade de vida ruim, pouco tempo para o lazer ou mesmo a inexistência de lugares públicos para o encontro entre as pessoas. Portanto, nesta sociedade, ter um amigo estável, duradouro e principalmente

disponível no espaço (seja o comunicacional, seja o físico), pode significar o ponto de apoio necessário num determinado momento, no instante em que se precisa travar um contato social.

Com o outro, o amigo duradouro, pode-se trocar afeto e também se conhecer melhor, dada a qualidade da troca engendrada, ou seja, nessa relação é possível produzir o desejado autoconhecimento. Nesse sentido, percebe-se que as pessoas procuram valores seguros, como aqueles encontrados nas suas amizades duradouras, em meio a tanta diversificação de valores, em que a efemeridade afeta desde o estilo de vida até os relacionamentos pessoais.



## BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, Odílio Alves. A amizade como amor mundi em Hannah Arendt. **O que nos faz pensar**. Rio de Janeiro, n. 28, p. 131-144, dez. 2011.

ALBERONI, Francesco. **A amizade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

ALLAN, Graham. Class variation in friendship patterns. **The British Journal of Sociology**, v. 28, n. 3, p. 389-393, Sep. 1977. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/590002> Acesso em: 16 jun. 2008.

\_\_\_\_\_. **Friendship: developing a sociological perspective**. Boulder/San Francisco: Westview Press, 1989.

\_\_\_\_\_. Personal relationship in late modernity. **Personal relationships**, n. 8, p.325-339, 2001.

BAILEY, Kenneth D. **Methods of social research**. New York: The Free Press, 1982.

BELL, David. **Cyberculture theorists. Manuel Castells and Donna Haraway**. London and New York: Routledge, 2007.

BOOTH, A.; HESS, E. Cross-Sex Friendship. **Journal of marriage and the family**, v. 36, n. 1, p. 38-47, Feb. 1974. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/350992> Acesso em: 28 jul. 2008.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.

CARDOSO JR., Hélio R.; NALDINHO, Thiago C. A amizade para Foucault: resistências criativas face ao biopoder. **Fractal: Revista de Psicologia**, Niterói, v.21, n.1, p. 43-56, jan./ abr. 2009. Disponível em: <http://www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/Fractal/article/view/194/268> Acesso em: 9 out. 2009.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura. Vol. 1**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_\_. **The Internet Galaxy. Reflections on the Internet, business and society**. New York: Oxford University Press, 2001.

\_\_\_\_\_. *et al.* **Mobile communication and society. A global perspective**. Cambridge, London: The MIT Press, 2007.

COENEN-HUTHER, Jacques. A Sociologia de Tönnies e o Estudo das Formas de Sociabilidade. In: MIRANDA, O. (Org.) **Para ler Ferdinand Tönnies**. São Paulo: Edusp, 1995, p. 195-204.

COHN, Gabriel. Males privados, sociologia pública: o legado de Wright Mills. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 1, n. 01, p.13-34, jan./jul. 2013.

DREYFUS, Hubert L. **On the Internet**. London and New York: Routledge, 2001.

DUBY, Georges. **História da vida privada 2. Da Europa feudal à Renascença**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes, 1999a.

\_\_\_\_\_. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 1999b.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador. Vol. 1**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

FERNANDES, Sandra Maria. **Foucault: a experiência da amizade**. 2006. 116f. (Dissertação de mestrado) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

FISCHER, Claude S. Gender and the residential telephone, 1890-1940: Technologies of sociability. **Sociological Forum**, v. 3, n. 2, p. 211-233, Spring 1988.

\_\_\_\_\_. Studying technology and social life. In: CASTELLS, M. (Ed.) **High technology, space and society**. Beverly Hills, London: Sage, 1985, p. 284-300.

FISCHER, C. S.; CARROLL, G. R. Telephone and automobile diffusion in the United States. 1902-1937. **The American Journal of Sociology**, v. 93, n. 5, p. 1153-1178, March 1988.

FISCHER, C. S.; OLIKER, S. J. A Research Note on Friendship, Gender and the Life Cycle. **Social Forces**, v. 62, n. 1, p.124-133, Sep. 1983. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2578351>> Acesso em: 21 jul. 2008.

FOUCAULT, Michel. De l'amitié comme mode de vie. Entrevista de Michel Foucault a R. de Ceccaty, J. Danet e J. le Bitoux. **Gai Pied**, n.25, abr. 1981, trad. Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em: <[www.filoesco.unb.br/foucault](http://www.filoesco.unb.br/foucault)> Acesso em: out. 2011.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade 2, o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

GOETHE, J. W. **As afinidades eletivas**. São Paulo: Nova Alexandria, 1992.

GOGGIN, Gerard. **Cell Phone Culture. Mobile technology in everyday life.** London, New York: Routledge, 2006.

GOLDHILL, S. **Amor, sexo e tragédia: como gregos e romanos influenciam nossas vidas até hoje.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

GOODMAN, L. A. Snowball sampling. **The Annals of Mathematical Statistics**, v. 32, n.01, p.148-160, Sep. 1961. Disponível em: <[http://hbanaszak.mjr.uw.edu.pl/Snowball%20Sampling/Goodman\\_1960\\_Snowball%20Sampling.pdf](http://hbanaszak.mjr.uw.edu.pl/Snowball%20Sampling/Goodman_1960_Snowball%20Sampling.pdf)> Acesso em: dez. 2013.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural.** São Paulo: Loyola, 1993.

HORST, Heather A.; MILLER, Daniel. **The cell phone: an Anthropology of Communication.** Oxford, New York: Berg, 2006.

IANNI, Octavio. **Teorias da globalização.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

KONSTAN, David. **A amizade no mundo clássico.** São Paulo: Odysseus, 2005.

LAZARFELD, P. F.; MERTON, R. K. Friendship as Social Process: a Substantive and Methodological Analysis. In: BERGER, Monroe; ABEL, Theodore; PAGE, Charles H. (Ed.). **Freedom and Control in Modern Society**, New York: D. Van Nostrand Co., Inc., 1954, p.18-66.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 1999.

LING, Richard S. **New tech, new ties: how mobile communication is reshaping social cohesion.** Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 2008.

\_\_\_\_\_. **The mobile connection: the cell phone's impact on society.** San Francisco, CA: Morgan Kaufmann, 2004.

MACIEL, Wellington R. N. Sociologia e Modernidade em Émile Durkheim. Ceará, 27 de nov. 2011. Disponível em: < <http://cienciasocialceara.blogspot.com.br/2011/11/sociologia-e-modernidade-em-emile.html> > Acesso em: 28 out. 2013.

MARÍN, Antonio Lucas. **La nueva sociedad de la información. Una perspectiva desde Silicon Valley.** Madrid: Trotta, 2000.

MARTINS, Ana Paula V. Da amizade entre homens e mulheres: cultura e sociabilidades nos salões iluministas. **História: Questões e Debates**, Curitiba, n. 46, p. 51-67, 2007.

MERTON, Robert K. **Sociologia. Teoria e estrutura.** São Paulo: Mestrejou, 1970.

MIRANDA, Orlando de (Org.) **Para ler Ferdinand Tönnies.** São Paulo: Edusp, 1995.

NEUBERT, Luiz Flávio. **Atividades diárias e desigualdade social: um estudo sobre o tempo de lazer e o tempo de trabalho remunerado em Belo Horizonte**. 2006. 88f. (Dissertação de mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

PALLARES-BURKE, M. L. G. **Gilberto Freyre. Um vitoriano dos trópicos**. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

PASSETTI, Edson. **Éticas dos amigos - invenções libertárias da vida**. São Paulo: Imaginário: CAPES, 2003.

PARSONS, Talcott. Psychology and Sociology. In: GILLIN, J. (Ed.). **For a Science of Social Man**. Nova York: The Macmillan Company, 1954.

PARK, Robert E. The City: Suggestions for the Investigation of Human Behavior in the City Environment. In: PARK, R. E.; BURGESS, E. W.; MCKENZIE, R. D. **The City**. Chicago: University of Chicago Press, 1925.

PLATÃO. Carta aos amigos. In: \_\_\_\_\_. **Amigos e inimigos: como identificá-los**. Platão, Cícero, Plutarco. São Paulo: Landy Editora, 2008, p. 13-44.

\_\_\_\_\_. Fedro. In: \_\_\_\_\_. **Diálogos** (vol. 5). Belém: Universidade Federal do Pará, 1975.

\_\_\_\_\_. Líside. In: NUNES, B (Coord.). **Critão, Menão, Hípias Maior e outros / Platão**. Belém: EDUFPA, 2007.

RECUERO, Raquel. Comunidades em redes sociais na Internet: um estudo de caso dos fotologs brasileiros. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v.4, n.1, p. 63-83, mar. 2008.

REHDER, Marcos A. Batista. **As consequências previstas e não antecipadas da ação na análise funcional dos grupos de Robert K. Merton**. 2010. 187f. (Dissertação de mestrado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

REZENDE, Claudia Barcelos. **Os significados da amizade: duas visões de pessoa e sociedade**. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

RIBEIRO, Bárbara G. S. S. Telefone, telefone celular e Internet: transformações à vida social no mundo moderno. In: Congresso Internacional da ALAS, 28, 2011, Recife - Brasil. **Anais...** Recife/Brasil: ALAS, 2011. 1 CD-ROM.

\_\_\_\_\_. Usos da comunicação pela internet nas amizades duradouras de jovens moradores (as) da cidade de São Paulo. In: Congresso Internacional da ALAS, 29, 2013, Santiago - Chile. **Anais...** Santiago/Chile: ALAS, 2013. 1CD-ROM.

RODRIGUES, J. A. (Org.) **Émile Durkheim**. São Paulo: Ática, 2007.

RUBIM, Antonio A. C. A contemporaneidade como Idade média. **Interface\_ Comunicação, Saúde, Educação**, v.4, n.7, p. 25-36, Ago. 2000.

SANTAELLA, L.; LEMOS, R. **Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter**. São Paulo: Paulus, 2010.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito. **Mana**, Rio de Janeiro, v.11, n. 2, p.577-591, 2005. Disponível em: < <http://www.scribd.com/doc/1584420/As-grandes-cidades-e-a-vida-do-espírito>> Acesso em: 26 out. 2009.

\_\_\_\_\_. **Conflict and The Web of Group-Affiliations**. Glencoe: The Free Press, 1964.

\_\_\_\_\_. Secrecy and Group Communication. In: PARSONS, T.; SHILLS, E.; NAEGELE, K.; PITTS, J. (Ed.) **Theories of society, Foundations of Modern Sociological Theory – Vol. 1**. New York: The Free Press Glencoe: 1961.

SNIJDERS, Tom A. B. Estimation on the basis of snowball samples: how to weight? **Bulletin de Méthodologie Sociologique**, Groningen, n.36, p. 59-70, Sep. 1992. Disponível em: < [http://www.stats.ox.ac.uk/~snijders/Snijders\\_BMS1992.pdf](http://www.stats.ox.ac.uk/~snijders/Snijders_BMS1992.pdf) > Acesso em: 06 dez. 2013.

SOROKIN, Pitirim. **Teorías Sociológicas Contemporáneas**. Buenos Aires: Editorial Depalma, 1951.

TÖNNIES, Ferdinand. **Community and Association**. London: Routledge & Kegan Paul LTD, 1955.

TRIVIÑOS, Augusto N. Silva. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais. A Pesquisa Qualitativa em Educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VICENTIN, Diego Jair. **A mobilidade como artigo de consumo. Apontamento sobre as relações com o aparelho celular**. 2008. 164f. (Dissertação de mestrado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

VINCENT-BUFFAULT, Anne. **Da amizade: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

ZIMMERN, Alfred. **The Greek Commonwealth**. London: Oxford University Press, 1961.

WALKER, Karen. ‘Always There for Me’: Friendship Patterns and Expectations among Middle- and Working - Class Men and Women. **Sociological Forum**, v. 10, n. 2, p. 273-296, June 1995. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/684988>> Acesso em: 16 jun. 2008.

\_\_\_\_\_. Men, Women and Friendship: What They Say, What They Do. **Gender and Society**, v. 8, n. 2, p.246-265, June 1994. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/190012>> Acesso em: 16 jun. 2008.

WELLMAN, B. & HAMPTON, K. N. The not so global village of netville. In: WELLMAN, B. & HAYTHORNTHTWAITE, C. (Eds). **The Internet in Everyday Life** Oxford: Blackwell Publishing, 2002, p. 345-371.

WILLIAMS JR., Robin. Friendship and Social Values in a Suburban Community: an Exploratory Study. **The Pacific Sociological Review**, v. 2, n. 1, p. 3-10, Spring 1959. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1388330>> Acesso em: 11 ago. 2008.

## ANEXOS

### 1) QUESTIONÁRIO:

Entrevistado (a): \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

DIÁRIO DE UM DIA DE SEMANA

#### Manhã:

1) Como são as suas manhãs? O que faz: acorda, toma café, lê o jornal, sai para o trabalho? Descreva, por favor.

\_\_\_\_\_  
Ao chegar ao trabalho  
(faculdade ou outra atividade), o que faz em primeiro lugar?

2) Ainda considerando que esteja no trabalho (faculdade ou outra atividade), o que faz depois?

\_\_\_\_\_  
E depois? \_\_\_\_\_

3) Na hora do almoço, com quem você almoça? Onde?

4) Quanto tempo dura seu almoço? O que você faz além de se alimentar (conversa, descansa, dorme, lê uma revista ou jornal, dá uma volta e vê lojas próximas ao trabalho...)

5) Logo após o retorno do almoço, o que você faz? Já retoma o trabalho ou realiza outra atividade?

6) Durante o trabalho, você está *online*? Acessa e-mails pessoais ou outras redes sociais (orkut, facebook, linkedin, my space etc), msn, skype etc.?

7) Quanto tempo você deixa para acessar e-mails ou outras redes/msn?

---

---

**8) Até que horas você trabalha?**

---

---

**9) Após o trabalho, que outras atividades você realiza? Descreva-as, dizendo quanto tempo demora para realizar cada uma delas.**